

**UNIVERSIDADE DO VALE DO RIO DOS SINOS - UNISINOS  
UNIDADE ACADÊMICA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA  
NÍVEL MESTRADO**

**MICAELA COLOMBO**

**IN THE WONDERLAND OF PERU:  
Machu Picchu nas  
páginas da revista National Geographic**

**São Leopoldo  
2024**

MICAELA COLOMBO

**IN THE WONDERLAND OF PERU:  
Machu Picchu nas  
páginas da revista National Geographic**

Dissertação apresentada como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em História, pelo Programa de Pós-Graduação em História da Universidade do Vale do Rio dos Sinos (UNISINOS).

Orientadora: Prof.<sup>a</sup> Dra. Maria Cristina Bohn Martins

São Leopoldo

2024

C718i

Colombo, Micaela.

In the wonderland of Peru : Machu Picchu nas páginas da revista National Geographic / Micaela Colombo. – 2024. 145 f. : il. ; 30 cm.

Dissertação (mestrado) – Universidade do Vale do Rio dos Sinos, Programa de Pós-Graduação em História, 2024. “Orientadora: Prof.<sup>a</sup> Dra. Maria Cristina Bohn Martins.”

1. Revista National Geographic. 2. Machu Picchu, Sítio arqueológico (Peru). 3. Yale Peruvian Expedition. 4. Bingham, Hiram, 1875-1956. I. Título.

CDU 985

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)  
(Bibliotecária: Amanda Schuster – CRB 10/2517)

## **AGRADECIMENTOS À CAPES**

Agradeço à Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior pela bolsa concedida para que esta pesquisa pudesse ser realizada.

## **AGRADECIMENTOS**

Agradeço, em primeiro lugar, à minha orientadora, Maria Cristina Bohn Martins, ou apenas Cris, como me acostumei a chamá-la. São oito anos de uma parceria incrível, tempo este em que pude desfrutar de sua companhia, afeto e dedicação. A Cris fez a pesquisadora que sou hoje, e sou muito grata por tudo que aprendi ao longo da nossa trajetória. Obrigada por todo incentivo, apoio, afeto e amor. Obrigada por tudo!

Agradeço aos professores membros da Banca de Defesa, Luis Alberto Martín Dávila Murguía, Artur Franco Barcelos e Deise Cristina Schell, pelo aceite em participar de nossa banca e pelas sugestões para este trabalho.

Um agradecimento especial ao Luis Alberto Martín Dávila Murguía por toda ajuda com material, desde quando iniciei meu Trabalho de Conclusão de Curso, em 2020, até a escrita desta Dissertação. Era sempre para o Alberto que eu recorria quando não conseguia encontrar alguma informação ou precisava de alguma ajuda. Muito obrigada, Alberto! Este trabalho também tem um pouco de você!

Agradeço aos professores e colegas do Programa de Pós Graduação em História da UNISINOS, pelas trocas realizadas durante as aulas. Sentirei falta de todos! Um agradecimento especial à Tatiana Marques, secretária do nosso PPG, por sempre atender tão solícitamente às minhas ligações.

Agradeço às minhas amigas e colegas, Eduarda Troian e Carolina Wendling Rodrigues, pelo incentivo e apoio.

Por fim, agradeço à minha família, meus pais, Enguna Seibert Colombo e Paulo Ricardo Colombo, e ao meu namorado, Dionatan Batirolla, pelo apoio emocional e conforto nos momentos difíceis.

Em nossa época chamada de pós-colonial, na qual o imperialismo é visto como substituído pela globalização, a pele branca continua agradando, as filhas continuam sendo vendidas, e os mitos imperiais continuam gerando significados, desejos e ações. Falta muito para que nos descolonizemos.

(Mary Louise Pratt)

## RESUMO

A revista National Geographic, fundada em 1888, teve como objetivo, durante todo o século XX, produzir matérias que divulgassem lugares e culturas tidas como diferentes e exóticas. A América Latina, neste sentido, era considerada um vasto campo de exploração. Propomos aqui que a revista, ao financiar viagens de reconhecimento e exploração da América do Sul, alimentou um vetor da política do governo norte-americano que, encerrada a Guerra Hispano-Americana (1898), iniciava uma nova fase de suas relações com a América Latina. Neste sentido, a proposta desta pesquisa é a de, a partir das matérias veiculadas em três edições da National (1913, 1915 e 1916), referentes às expedições chefiadas por Hiram Bingham à Machu Picchu, analisar a forma como o Peru e sua sociedade são apresentadas no periódico. Apesar dos textos que acompanham as matérias, bem como os relatos de viagem de Bingham (1911 e 2010) serem igualmente matéria de exame, concederemos especial atenção às quase 300 fotografias que acompanham as reportagens. Desde o século XIX a revista utilizava fotografias ilustrando suas reportagens e buscando captar o interesse do público leitor. A fotografia era vista como neutra e imparcial, produtora de dados objetivos sobre a realidade, o que supunha mais confiabilidade para o seu conteúdo. A partir do “evento” descoberta de Machu Picchu, pretendemos demonstrar que, muito além de mera ilustração, as fotografias presentes nas duas referidas edições, representavam a maneira como a América Latina, e mais especificamente, o Peru, eram percebidos e representados.

**Palavras-chave:** Revista National Geographic. Machu Picchu. Yale Peruvian Expedition. Hiram Bingham.

## ABSTRACT

The National Geographic magazine, founded in 1888, had the objective, throughout the 20th century, of making articles that would promote places and cultures considered different and exotic. Latin America, in this sense, was considered a vast camp for exploration. We propose here that the magazine, through funding recognition and exploration trips to the subcontinent, fed a north-american government political vector which, once the Spanish-American War (1898) ended, started a new phase in its relationships with Latin America. In this sense, this research's purpose is to, through articles published in three editions of National Geographic (1913, 1915 and 1916) regarding the expeditions headed by Hiram Bingham to Machu Picchu, analyze the way in which Peru and its society are presented in the magazine. Despite the texts in the articles, as well as Bingham's trip reports (1911 and 2010), being equally suitable for examination, we will be giving special attention to the almost 300 photographs that accompanied the articles. Since the 19th century the magazine would use photographs to illustrate its articles and try to capture the reader's interest. Photography was seen as neutral and impartial, a producer of objective data about reality, which inferred more reliability to its content. From the "event" of Machu Picchu's discovery on, we intend to show that, beyond mere illustration, the photographs in two of the previously mentioned editions of the magazine represented the way in which Latin America and, more specifically, Peru were seen and represented.

**Keywords:** National Geographic Magazine. Machu Picchu. Yale Peruvian Expedition. Hiram Bingham.

## LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Hiram Bingham .....	32
Figura 2 - Escalada do Monte Coropuna.....	34
Figura 3 - Machu Picchu em 1912.....	35
Figura 4 - Capa da edição de abril de 1913 .....	37
Figura 5 - Capa da edição de fevereiro de 1915 .....	37
Figura 6 - Capa da edição de maio de 1916 .....	38
Figura 7 - A cidadela de Machu Picchu.....	42
Figura 8 - Membros da expedição fotografados em frente a uma cabana de pescadores.....	55
Figura 9 - Grupo de indígenas reunidos.....	56
Figura 10 - Típica mulher peruana .....	57
Figura 11 - Típica praça peruana .....	58
Figura 12 - Procissão de Corpus Christi.....	59
Figura 13 - Grupo de indígenas nas montanhas .....	61
Figura 14 – Mapa da região explorada pela YPE.....	71
Figura 15 - Antes e depois da limpeza de Machu Picchu.....	78
Figura 16 - Imagem do suposto Templo das Três Janelas .....	81
Figura 17 - Parede com cobertura de estuque .....	84
Figura 18 - Indígenas em frente a uma parede com nichos .....	85
Figura 19 - Machu Picchu.....	95
Figura 20 - Machu Picchu do lado oeste .....	97
Figura 22 - Pires decorado com borboletas.....	108
Figura 23 - Panela decorada com padrões coloridos .....	109
Figura 24 - Crânio trepanado .....	118
Figura 25 - Arando o campo de batata .....	119
Figura 26 - Tecendo em um tear manual .....	120
Figura 21 - Faca de bronze encontrada em Machu Picchu.....	129

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO</b> .....	<b>9</b>
<b>2 MACHU PICCHU: A CIDADE JAMAIS PERDIDA</b> .....	<b>31</b>
2.1 A fotografia e a <i>Revista National</i> .....	44
2.2 Primitivos, indolentes e atrasados: os latino-americanos no imaginário social estadunidense .....	48
2.3 In the wonderland of Peru .....	52
<b>3 PROJETOS IMPERIAIS</b> .....	<b>64</b>
3.1 Os congressos científicos e a relação entre EUA e América do Sul no início do século XX.....	66
3.2 As “ruínas” de Machu Picchu .....	71
3.3 Luz, câmera, invenção: criando uma cidade perdida.....	88
3.4 Reclamando Machu Picchu em nome da ciência .....	93
<b>4 HOMENS DA CIÊNCIA E HOMENS DA POLÍTICA</b> .....	<b>99</b>
4.1 The Story of Machu Picchu .....	100
4.2 A concessão .....	123
4.3 O retorno .....	132
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	<b>138</b>
<b>REFERÊNCIAS</b> .....	<b>142</b>

## 1 INTRODUÇÃO

Em 1823, George IV, rei da Inglaterra, recebeu um presente inusitado: uma múmia. Enviada pelo líder independentista sul-americano José de San Martín, ela deveria simbolizar a antiga glória e a soberania renovada do Peru (HEANEY, 2021) e ser exposta no British Museum ao lado de outros artefatos desta natureza, as múmias egípcias. Em vez disso, porém, a múmia andina acabou por ser entregue ao Hunterian Museum of the Royal College of Surgeons. Ali ela foi exposta não como um corpo embalsamado, mas sim como “[...] a specimen of *natural* preservation, whose desiccation owed to dry Peruvian air and ‘the peculiar character of the soil’”<sup>1</sup> (HEANEY, 2021, p. 1 27, grifo do autor). Além disso, a múmia, que pertencia à família real Inca, foi apresentada como “merely the ‘body’ of a lesser lord who had sacrificed himself before Peru’s conquest”<sup>2</sup> (HEANEY, 2021, p. 127). Essa não seria a última vez que múmias andinas seriam retiradas de suas *huacas*<sup>3</sup> para serem enviadas a museus e terem suas histórias reescritas por cientistas.

Destino similar tiveram os corpos encontrados pela *Yale Peruvian Expedition* (YPE) de 1911 que, transcorridos dois anos, em abril de 1913, mereceu da Revista *National Geographic* uma edição na qual se declarava ter sido encontrada uma cidade perdida: Machu Picchu. As reportagens que compuseram a edição da revista foram ricamente ilustradas por fotografias de paisagens, de indígenas, da cidadela e do material que foi coletado durante as escavações, como por exemplo, múmias. Ao todo foram 244 imagens publicadas nessa edição<sup>4</sup>.

A expedição de 1911, que possuía caráter arqueológico, topográfico, cartográfico e geográfico, objetivava conhecer uma região tida como inexplorada no Peru e foi liderada pelo explorador Hiram Bingham. De acordo com o plano de trabalho apresentado por ele para a Universidade de Yale para que pudesse receber o apoio financeiro necessário, os objetivos da expedição eram a) a exploração do Vale do Vilcabamba; b) exploração de Choquequirao; c) a escalada do monte Coropuna; e d) exploração do lago Parinacochas (LÓPEZ-LENCI, 2021). Bingham,

---

<sup>1</sup> “[...] um espécime de preservação natural, cuja dissecação se deve ao ar seco do Peru e ‘ao caráter peculiar do solo’”. **[Tradução livre da autora]**.

<sup>2</sup> “apenas o ‘corpo’ de um senhor menor que se sacrificou antes da conquista do Peru”. **[Tradução livre da autora]**.

<sup>3</sup> Palavra que em quéchua significa “sagrado”, huaca pode ser tanto um lugar de oferendas quanto uma divindade.

<sup>4</sup> De acordo com Hall (2020), a expedição produziu, ao todo, cerca de 12 mil fotografias.

que já havia estado outras vezes na América do Sul e publicado dois livros sobre suas viagens, *The Journal of an Expedition across Venezuela and Colombia, 1906–7* e *Across South America*, era, então um explorador bastante experiente e presunçoso

Como historiador joven que ya contaba con un primer reconocimiento como académico y explorador después de la publicación sobre su viaje por Venezuela y Colombia, pero cuyo interés primario era escalar montañas sin ser especialista en ello, surge la posibilidad de vincular la ascensión al Coropuna con la búsqueda de ruinas incaicas dentro de un proyecto de expedición científica (LÓPEZ-LENCI, 2021, p. 13).

Uma nota de rodapé no livro *The Islands of Titicaca and Koati*, coloca o monte Coropuna como ponto mais alto da América do Sul. Essa informação é corroborada por Antonio Raimondi em seu mapa do Peru (LÓPEZ-LENCI, 2011). Assim ao colocar a escalada deste pico como um dos objetivos da expedição, Bingham almejava ser o primeiro homem branco a *conquistar* o ponto mais alto do continente, conquistando, também, simbolicamente a América do Sul<sup>5</sup>: “And by planting the Yale flag on Mount Coropuna, Yale University symbolically took possession of a new field of study – the Southern Peruvian Andes – from European men of science<sup>6</sup>” (SALVATORE, 2016, p. 76).

A partir do final do século XIX e início do XX, os Estados Unidos passaram a demandar cada vez mais conhecimento sobre a América do Sul. Sob a prerrogativa de construir relações, econômicas e diplomáticas, os EUA enviaram, para a América do Sul, exploradores, acadêmicos e missionários para observarem e, a partir disso, corroborarem ou rejeitarem estereótipos. O país, que estava em processo de expansão industrial, necessitava preencher um vácuo de séculos de afastamento de seus vizinhos do sul, com o interesse de consolidarem ali um mercado consumidor. Ricardo Salvatore (2016) chamou de “intervenção disciplinar” (*disciplinary interventions*) o movimento desses acadêmicos estadunidenses em solo sul-americano: “disciplinar” porque eram pautadas sobre um conhecimento dito científico

<sup>5</sup> Em 1908 Annie Peck, uma alpinista amadora estadunidense, já havia reclamado ter escalado o cume da América ao escalar o Huascarán, na Cordilheira Branca, nos Andes peruanos. Contudo, para Raimondi, este não seria o pico mais alto do continente. Em 1911 a alpinista escalou o Coropuna e, em seu cume, fincou a bandeira amarela das sufragistas com a inscrição “Votes for women” (LÓPEZ-LENCI, 2021).

<sup>6</sup> “E ao plantar a bandeira de Yale no Monte Coropuna, a Universidade de Yale simbolicamente se apoderou de um novo campo de estudo – o sul dos Andes peruanos – dos cientistas europeus” (SALVATORE, 2016, p. 76). [Tradução livre da autora].

e “intervenção” porque esses movimentos geraram uma hegemonia intelectual, tecnológica e econômica na região. Para o autor, em uma região livre da intervenção militar e política direta estadunidense, o conhecimento científico produziu atos de posse:

[...] through which the United States apprehended, systematized, and rendered legible the realities of South America. Textual, scientific representations of the region, which later congealed into regional disciplinary knowledge, constituted the appropriate mode of engagement for a benevolent informal empire<sup>7</sup> (SALVATORE, 2016, p. 2).

O autor argumenta, ainda, que o conhecimento científico elaborado sobre a América do Sul por intelectuais estadunidenses, produziu uma hegemonia hemisférica imperial. A partir dos relatos desses acadêmicos, a América do Sul foi mais facilmente compreendida e suas realidades mais legíveis, tanto para os interesses da política externa quanto para o público leigo estadunidense, gerando, assim, o que o autor chamou de “conquistas disciplinares” (*disciplinary conquest*) (SALVATORE, 2016). Acreditamos que Hiram Bingham, além da própria *National Geographic Magazine*, atuaram como vetores de informação sobre o Peru, seus habitantes, clima, geografia, para um público que demandava conhecimento sobre aquela região.

A YPE foi organizada por Hiram Bingham e contou com o patrocínio financeiro de diversas instituições. Dois dos patrocinadores mais importantes, e que dão nome à expedição, foram os da Universidade de Yale – que inclusive criou uma conta chamada *South America Fund* para receber contribuições financeiras e pagava as contas conforme Bingham solicitava – e a *National Geographic Society*<sup>8</sup>, mantenedora da revista *National*. Contudo, também outras empresas se associaram à expedição, como o empresário petrolífero Harkness, dono da empresa *Standard Oil Company*, a *United Fruit Company*, a *W.R Grace & Company*, a *Winchester Arms Company* e o empresário do ramo da borracha Stuart Hotchkess (LÓPEZ-LENCI, 2021). A América do Sul não apresentava interesse apenas pelo gosto da aventura.

<sup>7</sup> “[...] através do qual os Estados Unidos apreenderam, sistematizaram e tornaram legíveis as realidades da América do Sul. As representações textuais e científicas da região, que mais tarde se consolidaram no conhecimento disciplinar regional, constituíram o modo apropriado de engajamento para um império informal benevolente” (SALVATORE, 2016, p. 2). **[Tradução livre da autora]**.

<sup>8</sup> A *National Geographic Society*, fundada em 1888, era uma instituição científica formada por homens ilustrados, geralmente políticos. De agora em diante, chamaremos a *National Geographic Society* de Sociedade, apenas.

Havia, também, o desejo de conhecer as potencialidades da região, que poderia fornecer matéria-prima para os capitalistas estadunidenses.

A YPE foi um empreendimento que demonstrou que operações que aliam negócios e pesquisa poderiam ser valiosas para a construção desse império informal estadunidense (SALVATORE, 2016). Os membros da expedição coletaram amostras de solo, realizaram estudos geológicos, botânicos, fotografaram os indígenas e estabeleceram estações meteorológicas nos Andes peruanos. Como Salvatore (2016) pontua, esse projeto colocou o Peru como o centro de observações científicas nos EUA. Para Bingham, o sítio encontrado no Peru se comparava às “ruínas” de Atenas e Roma e poderiam atrair a atenção de intelectuais do mundo inteiro<sup>9</sup>.

Apesar de a expedição contar com especialistas em diversas áreas – botânica, zoologia, osteologia, entre outras – e de Bingham ser historiador, a equipe não contava com um arqueólogo. Isso não impediu, contudo, que também esse campo fizesse parte dos interesses científicos da expedição: a equipe escavou em diversas construções incaicas e subtraiu de suas *huacas* desde objetos de cerâmica, até múmias e ossadas dos antigos habitantes. Embora a legislação peruana proibisse essas escavações e a retirada de objetos incaicos de seu país, Bingham conseguiu autorização do governo peruano, em parte por influência política, e os levou para os Estados Unidos. Esse movimento gerou, depois, uma disputa de quase um século até que Yale devolvesse esses objetos ao Peru.

O discurso de Bingham sobre Machu Picchu é categórico: ele se autodenomina o descobridor da cidadela incaica. Isso se reflete, também, nas tentativas de burlar as leis peruanas para embarcar objetos arqueológicos incaicos com destino aos EUA. Valendo-se de um discurso pretensamente científico e não podendo carregar as estruturas de pedra, Bingham escava e se apropria de todo o material que possa ser utilizado como evidência. Há, nesse movimento, uma clara assimetria entre Peru e Estados Unidos: embora o país sul-americano fosse o detentor legítimo desses artefatos, o explorador, estadunidense e cientista, simbolizava uma autoridade que não poderia ser contestada.

---

<sup>9</sup> No capítulo 3 deste trabalho, faremos uma breve discussão sobre o termo ruína e os diversos significados associados a ele. Por isso, ao nos referirmos a Machu Picchu, optamos por não utilizá-lo, uma vez que denota o imperialismo cultural e científico estadunidense. Em vez disso, empregaremos termos como *llacta* – que em quíchua significa povo, povoado – ou antigas construções.

A posse de Machu Picchu por parte de Bingham e da YPE é concretizada por meio do que Stephen Greenblatt (1996) chamou de *atos discursivos*, a partir de uma série de ações que simbolizavam a tomada de um determinado território. O exemplo utilizado pelo autor é o de Cristóvão Colombo, que, ao desfraldar o estandarte real na terra recentemente descoberta, sinaliza a posse desta. Da mesma forma, podemos inferir que Hiram Bingham, ao cravar a bandeira de Yale no alto do Monte Coropuna está, também, tomando posse deste Peru recentemente descoberto. O domínio destes novos territórios é consumado por meio de “[...] um conjunto de atos linguísticos: declarar, testemunhar, registrar” (GREENBLATT, 1996, p. 81). Do mesmo modo, Bingham apropria-se de Machu Picchu a partir de atos discursivos: escrever sobre a cidadela, contar a história de seus construtores, registrar o encontro das construções em fotografias que serviriam para asseverar a magnitude de sua descoberta. Tais atos acabariam por associar para sempre o nome de Bingham a Machu Picchu.

Nascido em Honolulu, em 1875, Hiram Bingham III era filho de missionários. Seu avô paterno, Hiram Bingham, havia sido responsável pela evangelização dos povos nativos havaianos. O pai, Hiram Bingham Jr., também atuou como missionário e essa era a carreira que a família esperava que o jovem seguisse. Contudo, Bingham acabou enveredando para a carreira acadêmica. Após graduar-se em História pela Universidade de Yale, Bingham ingressou no curso de pós-graduação da Universidade de Berkeley, na Califórnia. Inicialmente, havia decidido cursar mestrado em Sociologia, mas trocou para História, onde defendeu a tese *O surgimento da supremacia estadunidense no Havaí*.

Em seu doutorado, defendido na Universidade de Harvard, Bingham desejava estudar um tema que unisse passado e presente na história estadunidense. Acabou optando por trabalhar com história da América Latina, seguindo os conselhos de seu orientador, Bernard Moses. De fato, a partir do final do século XIX as relações entre Estados Unidos e América Latina passaram a se estreitar, como mencionamos anteriormente. Entretanto, apesar do interesse do jovem pesquisador neste tema, foi bastante difícil para ele desenvolver sua pesquisa em função da falta de fontes primárias que pudessem ser acessadas desde os Estados Unidos. Além disso, o idioma também foi um empecilho para Bingham, que não conseguia adquirir fluência no espanhol (HEANEY, 2016). O trabalho de doutoramento de Bingham versou sobre o fracasso de uma colônia de estadunidenses em Darién, no Panamá.

Segundo Heaney “[...] su objetivo general como académico era preparar a los descendientes de los ‘actuales habitantes de la zona templada’ – estadounidenses blancos – ‘para vivir en los trópicos, donde hay más tierra desocupada que em cualquier otra parte del mundo’” (HEANEY, 2012, p. 52).

Entre os anos de 1906 e 1907, Bingham realizou sua primeira viagem pela América do Sul, na qual visitou arquivos que pudessem sustentar posteriores pesquisas. Ao retornar aos Estados Unidos, ele foi convidado pelo então Secretário de Estado norte-americano, Elihu Root, para representar o país no *Primer Congreso Científico Panamericano*, ocorrido no Chile em 1908. Em *Across South America*, relato publicado em 1911, Bingham apresenta seu desejo de encontrar aquela que sustentava ser a última capital do império incaico, Vilcabamba, fundada por Manco Capac II, em 1539. Neste relato, o explorador apresenta o trajeto realizado, passando pelo Brasil, Argentina, Bolívia, Chile e Peru. De acordo com ele: “The chief interest of the trip lay in its being an exploration of the most historic highway in South America, the old trade route between Lima, Potosí, and Buenos Aires”<sup>10</sup> (BINGHAM 1911, p. VII). Segundo Bingham, o objetivo da viagem era coletar informações a respeito da história dos países sul-americanos, sua população, política, economia e geografia (BINGHAM, 1911).

Contudo, para Yazmín López-Lenci (2021), o interesse de Bingham pela América do Sul não era tão ingênuo. Desde o início da década de 1890, os Estados Unidos passaram a considerar o subcontinente um potencial campo de consumo de seus bens industriais. Isso se reflete no próprio relato de Bingham, quando o explorador escreve: “South America is ready to take American goods in very large quantities as soon as we are ready to take time to give attention to her needs” (BINGHAM, 1911, p. 388)<sup>11</sup>. Este interesse pela América por parte de viajantes, especialmente europeus, já se verificava a partir da década de 1820, num movimento que Mary Louise Pratt (1999) chamou de *vanguardia capitalista*, intencionando buscar no novo continente recursos exploráveis, novos mercados consumidores, espaços para novos investimentos, e assim por diante. Para esses viajantes oitocentistas, a América, ainda que encontrada no final do século XV,

---

<sup>10</sup> “O principal interesse da viagem era explorar a rodovia mais histórica da América do Sul, a antiga rota comercial entre Lima, Potosí e Buenos Aires”. [Tradução livre da autora].

<sup>11</sup> “A América do Sul está pronta para receber produtos americanos em grandes quantidades assim que estivermos prontos para dedicar tempo para dar atenção às suas necessidades”. [Tradução livre da autora].

possuía vastas regiões que não haviam sido exploradas e que aguardavam por seus descobridores. Como López-Lenci (2021) argumenta, o desenvolvimento econômico sul-americano, era assunto de interesse de estado e diversas agências atuaram como informantes nessa indústria. Uma destas agências, segundo a autora, foi a revista *National Geographic*, onde Hiram Bingham mais tarde publicaria suas reportagens sobre a descoberta de Machu Picchu.

Ainda no relato publicado em 1911, Hiram Bingham já havia descrito o encontro de antigas construções incaicas. Na ocasião, o explorador menciona, que realizaram-se escavações em Choquequirao: “The workman had excavated under dozen or more of the projecting ledges and in each case had found bones and occasionally shreds of pottery. In no case, however, had they found anything of value to indicate that the dead were of high degree”<sup>12</sup> (BINGHAM, 1911, p. 316). Assim, como nas próximas expedições, Bingham apropria-se de artefatos encontrados na escavação e leva-os para os Estados Unidos: “Three of the skulls are now in the Peabody Museum in New Haven, with the others articles I found here”<sup>13</sup> (BINGHAM, 1911, p. 317).

Ao todo, o explorador realizou cinco expedições pela América do Sul, a primeira, como dissemos, entre 1906-1907. Seguiram-se, depois, viagens em 1908-1909, 1911, 1912 e, por fim, 1915. Oficialmente, apenas a expedição de 1911 foi conhecida como *Yale Peruvian Expedition*. As seguintes foram chamadas de “Expedições Peruanas sob os auspícios da Universidade de Yale e da National Geographic Society”. Segundo Amy Cox Hall (2020), Gilbert Grosvenor, editor da Revista *National* e Diretor da *National Geographic Society*, desejava que a instituição tivesse o crédito que merecia ao ter seu nome associado às expedições.

É importante mencionar que o movimento das viagens foi diferente das publicações por parte da revista. A viagem realizada entre 1912 e 1913, por exemplo, Bingham realizou com patrocínio de empresas que possuíam interesses na América do Sul, bem como da própria Sociedade. Desta viagem, resultou a edição de abril de 1913, que utilizaremos como uma das fontes para este trabalho. Escrita pelo diretor da expedição, a reportagem narrava a descoberta de Machu Picchu no

---

<sup>12</sup> “O trabalhador escavou sob uma dúzia ou mais das saliências salientes e, em cada caso, encontrou ossos e, ocasionalmente, fragmentos de cerâmica. Em nenhum caso, entretanto, eles encontraram algo de valor que indicasse que os mortos eram de alto grau”. **[Tradução livre da autora]**.

<sup>13</sup> “Três dos crânios estão agora no Museu Peabody em New Haven, com os outros artigos que encontrei aqui”. **[Tradução livre da autora]**.

alto da cordilheira dos Andes. Esta é a reportagem que inaugura a série de três publicações da revista que derivam das expedições de Bingham ao Peru. Nesta primeira reportagem, intitulada *In the Wonderland of Peru*, Bingham, o diretor da expedição, apresenta a busca épica por Vilcabamba, o último refúgio inca que, no entanto, resultou no encontro Machu Picchu. Apesar de esta edição de abril de 1913 ser a primeira que trata das expedições de Bingham, esta não é, porém, a primeira vez que Machu Picchu é mencionado nas páginas da revista. Em 1912, a revista já havia publicado um texto com algumas imagens sobre a expedição de Bingham e uma das legendas menciona o sítio de Machu Picchu.

A apresentação da edição de abril de 1913 da revista *National Geographic* inicia comunicando que a expedição do ano anterior dava continuidade aos estudos já realizados anteriormente por Hiram Bingham, ainda em 1911 e 1912:

Prof Hiram Bingham's explorations in South America, 1906-1911, and particularly his discoveries in 1911, were so important that when he was seeking funds for another Peruvian expedition in 1912, the Research Committee of the National Geographic Society made him a grant of \$10,000, Yale University contributing an equal amount. His preliminary report of the National Geographic Society and Yale University of the work done in 1912 is printed herewith, and forms one of the most remarkable stories of exploration in South America in the past 50 years<sup>14</sup> (THE NATIONAL GEOGRAPHIC MAGAZINE, 1913, p. 387).

Segundo a revista, a expedição pretendia mapear e realizar trabalhos de reconhecimento nas *inacessíveis e primitivas ruínas* de Machu Picchu (THE NATIONAL GEOGRAPHIC, 1913). A matéria inaugura a divulgação da narrativa elaborada pelo explorador norte-americano, reafirmada em seu Relato de Viagem publicado pela primeira vez em 1948 sob o título de *Lost City of the Incas*, na qual ele apresenta-a como uma cidade completamente desconhecida, até mesmo para os cronistas espanhóis do século XVI, esquecida pela civilização:

[Machu Picchu] has the additional advantaged of not having been known to the Spaniards, of not having been occupied by their descendants, and of not having been torn to pieces by treasure hunters seeking within the walls for

---

<sup>14</sup> “As explorações do professor Hiram Bingham na América do Sul, 1906-1911, e particularmente suas descobertas em 1911, foram tão importantes que quando ele estava buscando fundos para outra expedição peruana em 1912, o Comitê de Pesquisa da National Geographic Society concedeu-lhe uma doação de US\$ 10.000, Universidade de Yale contribuindo com quantia igual. Seu relatório preliminar da National Geographic Society e da Universidade de Yale sobre o trabalho realizado em 1912 está impresso aqui e constitui uma das mais notáveis histórias de exploração na América do Sul nos últimos 50 anos”. **[Tradução livre da autora].**

the gold and silver ornaments that were not to be found the floors<sup>15</sup> (THE NATIONAL GEOGRAPHIC MAGAZINE, 1913, p. 489).

Contudo, de acordo com Mariana Mould de Pease (2005), Bingham não foi o responsável por descobrir Machu Picchu. Evidências apresentadas pela autora demonstram que viajantes e exploradores sabiam da existência de antigas construções próximas ao rio Urubamba. Ademais, em 1874 um engenheiro alemão, chamado J. M. Von Hassel, cartografou a área próxima a Machu Picchu, e outro engenheiro, Augusto Berns, que trabalhava para a *Ferrocarrilles del Sur del Peru*, extraiu madeira da região próximo à *llacta* de Machu Picchu antes da “descoberta” de Bingham. A autora argumenta, ainda, que antes de Bingham, outro cientista havia estado em Machu Picchu: José Grabiél Cosío que, em 1911, esteve no local e publicou suas memórias de viagem (MOULD DE PEASE, 2000, p. 134 *apud* HALL, 2020, local. 539). Antes de Cosío, Agustín Lizárraga também havia visitado a *llacta*, seu nome, inclusive, estava escrito em algumas edificações ao lado da data: 1902 (PEASE, 2001 *apud* HALL, 2020, p. 513). Para Mould de Pease (2005), Bingham não apenas não foi o responsável por descobrir Machu Picchu como, segundo a autora, ele já sabia da existência das construções antes de sua expedição de 1911<sup>16</sup>. Há uma série de evidências que demonstram que Bingham esteve em contato com diversas pessoas que o informaram da existência de ruínas próximas ao Urubamba. Mould de Pease (2005) e Heaney (2012) também chamam a atenção para o fato de que havia famílias indígenas que viviam na *llacta*. Heaney anota que umas dessas famílias, os Richarte, utilizavam a área da antiga cidade como local de cultivo:

Había tierras buenas y fértiles en esta cadena, a 2400 metros sobre el nivel del mar: las neblinas nocturnas le daban agua a las cosechas y el sol diurno les ayudaba a crecer. Su hogar de tres por cuatro metros y medio era acogedor – los cuyes corrían por ahí – y con dos familias vecinas cosechaban maíz, papas, caña de azúcar, frejoles, ajíes, tomates y bayas” (HEANEY, 2012, p. 122).

Entretanto, Bingham teve sua imagem associada à *descoberta* desta *llacta* por meio de uma série de operações que iremos discutir nesse trabalho. Em *sites* de viagens com destino a Machu Picchu é comum encontrar fotografias tomadas pelas

<sup>15</sup> “[Machu Picchu] tem a vantagem adicional de não ter sido conhecido dos espanhóis, de não ter sido ocupado por seus descendentes e de não ter sido despedaçado por caçadores de tesouros que buscavam dentro das paredes os ornamentos de ouro e prata que não eram para ser encontrado os pisos”. **[Tradução livre da autora].**

<sup>16</sup> De acordo com Heaney (2020), Bingham incumbiu um trabalhador da expedição de apagar os “rústicos autógrafos de carbón” que traziam os nomes dos visitantes anteriores à expedição.

lentes de Bingham ao lado de uma imagem do explorador. As fotos da expedição e as suas próprias, *in situ*, são usadas comumente para ilustrar a *história* de Machu Picchu. Inclusive no *site* da *National Geographic*<sup>17</sup> consta uma matéria sobre o encontro de Machu Picchu enaltecendo Bingham como seu descobridor e reforçando a ideia de que se tratava de um sítio completamente desconhecido até então. Isso demonstra que, apesar de uma série de trabalhos desvelarem o equívoco desta visão (ROWE 1990, PEASE, 2000, 2005, HEANEY, 2012; SALVATORE, 2016 e HALL, 2020), a narrativa de descoberta e conquista de Machu Picchu pelo líder da Yale Peruvian Expedition segue viva.

Todavia, como veremos, essa “história” quase oficial não se estabelece sem ser tensionada e continua sendo escrita e reescrita. Assim, em 2002, o Congresso peruano discutiu a proposta de reconhecer a Agustín Lizárraga, Gabino Sánchez e Enrique Palma como os verdadeiros descobridores de Machu Picchu, já que eram seus nomes que constavam nas pedras, juntamente com a data: 1902 (HALL, 2020). Por sua vez, Amy Cox Hall (2020), debate sobre a ideia de outorgar a alguém o título de descobridor para algo que nunca esteve de fato perdido, uma vez que indígenas que viviam na região sempre souberam da existência das construções e que, inclusive, a utilizavam como espaço de cultivo.

Em 2011, depois de um século de controvérsias sobre os materiais levados de Machu Picchu pela equipe de Bingham, a Universidade de Yale devolveu ao Peru parte dos objetos arqueológicos retirados durante as expedições. Este trabalho trata sobre estas expedições, sobre a invenção de uma cidade perdida e sobre as fotografias que a tornaram famosa e a revelaram para o mundo. Alude, também, conectando-o a estas questões, ao tema do “colonialismo epistemológico<sup>18</sup>”, lembrando como os viajantes europeus, no século XIX, apropriaram-se do conhecimento produzido na América e o levaram para a Europa. O objetivo deste trabalho é, portanto, analisar a maneira como o Peru e sua sociedade são apresentadas nas três edições da Revista National Geographic utilizadas nesta pesquisa (1913, 1915, 1916).

---

<sup>17</sup> É possível encontrar este endereço em: <https://www.nationalgeographic.com/history/article/machu-picchu-mystery>.

<sup>18</sup> CAÑIZARES-ESGUERRA, Jorge. Como escrever a história do Novo Mundo: histórias, epistemologias e identidades no Mundo Atlântico do século XVIII. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2011.

Como pontuou Jorge Cañizarres-Esguerra (2019), ao norte global costumam estar reservadas as ideias, enquanto que ao sul, a selva e o atraso. Ainda que existisse a produção de conhecimento científico desde a América do Sul, o que inclusive denotam congressos científicos de que Bingham participou, ele e a revista escolheram apresentar o Peru como atrasado e pobre. Nesta perspectiva, o continente sul-americano é local que apenas recebe o conhecimento produzido fora dele, mesmo que a partir de seus próprios monumentos, como é o caso da YPE.

\*\*\*

A *National Geographic Magazine*, foi veiculada pela primeira vez em novembro de 1888, apenas dez meses após a fundação da *National Geographic Society*, instituição responsável pela sua publicação e manutenção. Essa sociedade era uma instituição privada, sem fins lucrativos, com sede em Washington, cujo principal objetivo era a “pesquisa e divulgação da geografia para o público norte-americano” (BAITZ, 2005, p. 227). Os membros eram “homens cultos” e influentes que entendiam a geografia como um assunto importante para o desenvolvimento do Estado:

Os primeiros membros da Associação, em um total de duzentos, eram engenheiros de repartições públicas, deputados, senadores, embaixadores, assessores das mais variadas esferas de governo, militares tanto do exército como da marinha, altos funcionários de museus ou arquivos públicos e, também, ricos comerciantes, industriais ou profissionais liberais (BAITZ, 2005, p. 227).

No final do século XIX não havia especialistas em geografia com graduação acadêmica – sendo que apenas em 1903 formou-se sua primeira turma (BAITZ, 2005). Desse modo, nos primeiros anos de existência, a revista era alimentada pelos seus próprios leitores, que eram, por sua vez, os sócios-membros da instituição. Assim, a revista era um boletim da National Society, sendo produzida e consumida por seus membros (BAITZ, 2005). O nome *National*, assim, segundo Baitz (2005) provinha muito mais dessa referência ao interesse do público do que a uma limitação geográfica. Durante seus primeiros anos, até o ano de 1896, as edições não eram regulares, com no máximo 5 números publicados ao ano. As páginas da revista eram sequenciadas, e a numeração das páginas de uma edição davam continuidade à edição anterior. Isso demonstraria o desejo de “monumentalidade da revista, [...] um saber enciclopédico e não descartável após a leitura mensal” (BAITZ, 2005, p. 228).

Dada a irregularidade de sua publicação, a Revista podia vir a público em dois meses seguidos e, depois, estabelecerem-se intervalos de meses entre uma edição e outra. Suas reportagens giravam em torno dos Estados Unidos e sobre alguns poucos países do Oriente, como China, Egito e Índia (BAITZ, 2005). De acordo com Rafael Baitz, o número de páginas de cada edição variava entre cinquenta e oitenta, dependendo da quantidade de matérias, podendo ser entre duas e oito. O autor ainda comenta que, nessas primeiras edições, as reportagens de campo eram bem pouco frequentes, sendo mais comuns os artigos conceituais. Além disso as imagens “sobretudo de mapas da região reportada – quando surgiram, eram constituídas por desenhos ou reproduções pintadas, com função meramente ilustrativa da matéria, não sendo objeto de comentário pelo texto escrito” (BAITZ, 2005, p. 228).

Durante os primeiros anos, a revista enfrentou problemas financeiros, já que não possuía autonomia e dependia de subsídios da Society para continuar sendo editada. A direção da *National Geographic Society* cogitou, inclusive, fechar a publicação, especialmente no ano de 1895, quando só dois números foram lançados, um em abril e outro em outubro. De acordo com Baitz (2005), isso só não ocorreu porque Graham Bell assumiu sua direção e reformulou o editorial da revista, juntamente com o redator Gilbert Grosvenor.

Realmente, neste ano, Alexander Graham Bell foi convidado, por um dos membros fundadores da *Society*, a assumir a direção com o objetivo de alavancar o sucesso da revista, tornando-a um produto mais bem aceito pelo público leitor. Para isso, Bell instaurou profundas mudanças editoriais, que implicaram, inclusive, em mudar o foco inicial da revista (BAITZ, 2005). A proposta para essa reformulação era a de trazer reportagens com curiosidades sobre diferentes países, que trouxessem informações que chamassem a atenção de um público leigo, sem serem carregadas de rigor científico: “O objetivo era alcançar um público maior, exatamente uma classe média urbana de profissionais liberais e homens de negócios, que estariam solícitos e abertos a receber informação séria, porém menos rebuscada. O slogan do novo conceito era: ‘What they want to Know’” (BAITZ, 2005, p. 229).

Assim, em janeiro de 1896, chegou ao mercado a nova *National Geographic Magazine*. Contudo, as mudanças não foram apenas no escopo da revista. Também a parte gráfica passou por uma reformulação:

A capa deixou o vermelho fosco e tomou cores mais brandas, tendo ao fundo o desenho de um enorme mapa mundi. As edições tornam-se regulares, sendo publicadas mensalmente. [...] Os mapas passaram a ser coloridos e os gráficos mais esquemáticos e de melhor compreensão para um público leigo (BAITZ, 2005, p. 229).

No entanto, a mudança mais importante foi a utilização das imagens como ilustrações para acompanharem os textos da revista. Se antes da reformulação a revista pouco usava imagens, após a mudança editorial não apenas elas passaram a ser frequentes, como se tornaram sua atração principal. Inclusive a capa passava a informar tratar-se de uma revista ilustrada, dando notícia de quantas fotografias constavam em cada reportagem da edição.

Assim, a fotografia passou a ser um dos elementos mais importantes da publicação, sendo que apenas no ano de 1912 a revista publicou ao menos 1452 fotografias (BAITZ, 2005). A “entrada da fotografia em grande escala estava em sintonia com a pretensa imparcialidade científica das matérias e um maior profissionalismo do periódico” (BAITZ, 2005, p. 230). A fotografia era entendida, assim, como um meio não manipulável de informação, mostrando apenas a realidade.

Entretanto, como pretendemos discutir neste trabalho, a fotografia é, antes de tudo, um suporte para veicular uma informação. Além disso, elementos externos à fotografia também a retiram desse lugar de *neutralidade*:

A leitura da foto pelo olho humano pressupõe convenções obrigatórias: abolição da terceira dimensão, que transforma o espaço real, percebido pela objetiva, em espaço virtual da fotografia; limitação do mesmo espaço pela própria dimensão da objetiva; eliminação do efeito de movimento – sugerido porém na fotografia e aceito pelo olhar do receptor; alteração das cores (sobretudo nas fotos em preto e branco) ou possibilidade de intervenção nestas; alteração de escala, que, por sua vez, aumenta ou diminui a percepção da granulosidade, bem como eliminação de outros estímulos sensoriais – diferenças que a afastam, fisicamente, do objeto representado (BAITZ, 2005, p. 231).

Costumamos entender as imagens enquanto *fragmentos de realidade*. Nesse sentido, é importante atentar que, para além de imagens manipuladas digitalmente – o que a época sequer era um recurso disponível –, antes de tudo, a fotografia provém do olhar do fotógrafo. É ele quem escolhe quais serão os elementos que irão compor a imagem, bem como o ângulo, o recorte e a distância a serem utilizados, guiando o olhar do leitor para aquilo que ele quer transmitir com a imagem (BAITZ, 2005). O conceito de *imagens ambíguas* proposto por Souza Mizan (2011) parece

encaixar perfeitamente nessa narrativa de imagens que, por um lado parecem neutras e desprovidas de algum propósito, mas que, ao mesmo tempo, são manipuladores e carregadas de discurso.

Assim, as imagens veiculadas sobre as expedições de Bingham a Machu Picchu, como pretendemos evidenciar, aparentemente neutras e desprovidas de discurso, assumem outras significações como veremos ao longo deste trabalho. Mizan (2011), atenta para a relação simbiótica entre conhecimento e poder. Segundo a autora, o conhecimento que é aceito pela sociedade enquanto verdade se torna poder. Assim, “however, if we take this assumption further, we can claim that power is everywhere because discourse and images are everywhere. Images are another form of disseminating the ideology of the powerful”<sup>19</sup> (MIZAN, 2011, p. 41).

Dessa forma, as imagens da revista *National*, que antes poderiam ser utilizadas apenas como ilustração para atrair mais leitores, agora assumem um lugar de grande destaque na revista. Para Leila Gómez (2009), as imagens eram importantes porque faziam com que o leitor pudesse compartilhar a experiência da viagem, da busca, do encontro, em suma, “[...] acortar las distancias espaciales y temporales que separan al espectador (consumidor) del objeto estético, es decir, democratizar la experiencia de lo distante” (GÓMEZ, 2009, p. 187). A partir disso, Mizan (2011), aponta que a revista *National* constrói um “inventário do mundo”, compartilhando suas descobertas com seus leitores, tornando-a um instrumento de ciência popular, já que para a autora, “[...] apparently the objective of National Geographic's photography mission is close-to-reality-representation”<sup>20</sup> (p. 39).

Como dissemos anteriormente, apesar de não estar estabelecido enquanto campo oficial de estudos, o conhecimento geográfico estava estreitamente ligado ao capitalismo e à expansão territorial de países desenvolvidos sobre países subdesenvolvidos:

A industrialização do sistema capitalista de produção no século XIX culminou na expansão territorial dos estados centrais para uma nova colonização do planeta em busca de mercados. Conseqüência e ao mesmo tempo combustível para a indústria, o imperialismo se apresentava como

---

<sup>19</sup> “Entretanto, se levarmos adiante essa suposição, podemos afirmar que o poder está em toda parte porque o discurso e as imagens estão em toda parte. As imagens são outra forma de divulgar a ideologia dos poderosos”. **[Tradução livre da autora].**

<sup>20</sup> “[...] aparentemente o objetivo da missão fotográfica da National Geographic é uma representação próxima da realidade”. **[Tradução livre da autora].**

um encaminhamento natural da política dos países centrais do capitalismo (BAITZ, 2005, p. 233).

O plano editorial projetado para a Revista surgiu em um momento em que a expansão do capital se acelerava nos Estados Unidos. Produzindo e divulgando um conhecimento pretensamente neutro, a revista mapeava e apresentava lugares que eram disponíveis para receber a influência estadunidense, seja política ou economicamente como, por meio do caso em análise neste trabalho, pretendemos evidenciar. No primeiro número após a mudança editorial de 1896, Gilbert Grosvenor declarou que a partir de então a revista passaria a voltar seus olhos para a América Latina, que, segundo ele, era um campo aberto a ser explorado pela revista e seus leitores:

To cover successfully so vast and so diversified a field is entirely beyond the capacity of any single's periodical publication. Either it must restrict itself to physical geography and become largely technical, or it must content itself with briefly chronicling the more notable additions to geographic knowledge in those parts of the world in which its readers are less directly interested, and with becoming more especially the exponent of the geography – physical, political, and commercial – of the continent with which its publication more particularly identifies it. And surely in the case of any American publication this is a sufficiently broad field. There are vast regions of the New World that must continue to tempt the venturesome explorer for many years to come<sup>21</sup> (THE NATIONAL GEOGRAPHIC MAGAZINE, 1896, p. 4 *apud* BAITZ, 2004, p. 111).

Percebemos que o discurso adotado aqui é o do papel da ciência norte-americana em explorar espaços ditos desconhecidos do mundo e, de certa forma, conquistá-los simbolicamente. O conhecimento geográfico desse modo apresentado estava voltado a interesses privados e mesmo do governo dos Estados Unidos. Como Baitz (2005) menciona, à Geografia foi dado um papel mais prático, baseado nas necessidades do Estado, do que um tratamento mais teórico/acadêmico. Isso fica evidente em um artigo escrito pelo General A. W. Greely, em janeiro de 1906:

---

<sup>21</sup> “Cobrir com sucesso um campo tão vasto e diversificado está totalmente além da capacidade de qualquer publicação periódica individual. Ou deve restringir-se à geografia física e tornar-se amplamente técnico, ou deve contentar-se em relatar brevemente os acréscimos mais notáveis ao conhecimento geográfico naquelas partes do mundo em que seus leitores estão menos diretamente interessados, e em tornar-se mais especialmente o expoente da geografia – física, política e comercial – do continente com o qual sua publicação mais particularmente o identifica. E certamente no caso de qualquer publicação americana este é um campo suficientemente amplo. Existem vastas regiões do Novo Mundo que devem continuar a tentar o explorador aventureiro por muitos anos”. [Tradução livre da autora].

O crescimento, desenvolvimento e limitação das nações são amplamente influenciadas pelo ambiente geográfico, quando não o são totalmente. A localização dos grandes centros de agricultura e comércio, de indústrias especiais, e extração de minérios, é um resultado das cuidadosas explorações dos recursos econômicos. [...] O trabalho de explorações geográficas passou por três fases distintas: primeiro, interesses comerciais; segundo, avanço do conhecimento; terceiro, explorações científicas. (THE NATIONAL GEOGRAPHIC, 1906, p. 2 *apud* BAITZ, 2005, p. 234).

Como o autor menciona, as declarações do articulista expunham as opiniões de uma elite norte-americana do final do século XIX e início do XX. A Geografia foi utilizada, nesse período, para exploração de territórios e influência sobre outros países. Em 1890, por exemplo, os Estados Unidos estavam debatendo questões importantes acerca de seu próprio território, como por exemplo a “questão indígena”, e a revista *National Geographic*, ao mesmo tempo em que promovia um conhecimento geopolítico internacional, também auxiliava no conhecimento dos leitores sobre o seu próprio país (BAITZ, 2005).

Nos séculos XVIII e XIX diversos viajantes percorreram a América e a África e compartilharam suas experiências a partir de seus relatos. Tais narrativas apresentam estes lugares e gentes como atrasados, primitivos, incivilizados. Levar a civilização para mais partes do mundo era um dos argumentos centrais do movimento imperialista. Contudo, seus relatos também descreviam estas regiões e, ao descrevê-las, apropriavam-se delas, num conceito que Pratt (1999) denominou de *anticonquista*. Esses viajantes catalogavam e exploravam estes territórios, ao mesmo tempo em que tentavam assegurar sua inocência neste movimento.

Do mesmo modo, Suzana Mizan (2011) aponta que, ao tentar criar um *inventário do mundo* a revista *National* tentava ordená-lo, de acordo com seu discurso hegemônico, apropriando-se de determinados territórios a partir do conhecimento produzido sobre esses lugares. Entendendo, assim, que as fotografias presentes nas edições da revista não são apenas ilustrações, mas elas próprias contam uma história, constroem uma narrativa (MIZAN, 2011), pretendemos, em nosso trabalho, analisar a cobertura que a revista *National* prestou sobre as expedições, tanto a relativa à descoberta de Machu Picchu, como das duas posteriores, bem como as fotografias que acompanham estas edições, tentando perceber quais narrativas elas contam. Para isso, nos apoiaremos nos seguintes autores: Lutz e Collins (1993), Baitz (2004, 2005), Sontag (2004), Gómez (2009), Mizan (2011) e Hall (2020).

Como dissemos anteriormente, a fotografia é uma ferramenta de conquista, meio de demonstrar posse sobre um lugar. Contudo, o que as expedições da *National* e de Bingham fazem é recontar a história de um lugar a partir de seu suposto descobrimento, criando um mito sobre uma cidade pretensamente perdida. De acordo com Amy Cox Hall (2020), costuma-se pensar que tudo que sabemos sobre Machu Picchu é formulado por Yale e por Bingham, tendo em vista que em 1913 os EUA reportaram apenas um lado da narrativa – a dos exploradores estadunidenses – não ouvindo os trabalhadores da expedição, nem mesmo pesquisadores peruanos.

O primeiro capítulo de nosso trabalho objetiva, então, apresentar a cobertura realizada pela revista *National* acerca do encontro de Machu Picchu. Como mencionado acima, as fotografias constituem um elemento fundamental para a narrativa oficial da “descoberta” da cidadela incaica, por isso, neste capítulo analisaremos algumas fotografias que mostravam não apenas a cidadela recém encontrada, mas também o Peru e sua população para o público leitor da publicação. Como pretendemos mostrar ao longo do trabalho, a ideia de descoberta de uma suposta cidade perdida está associada ao imperialismo e à exploração do continente sul-americano por parte do Estados Unidos. Em sua tese de doutoramento, intitulada *Imagens da América Latina na Revista National Geographic Magazine (1895-1914)*, Rafael Baitz discutiu a forma com que a revista apresentava para seus leitores a América Latina. Ao analisar as edições entre os anos de 1895 a 1914, Baitz percebeu que, enquanto os Estados Unidos eram apresentados como uma potência econômica, países latino-americanos eram apresentados, nas páginas da revista, como pobres, atrasados, subdesenvolvidos, o que justificaria, assim, uma presença ianque no subcontinente. Além de Baitz (2004, 2005), neste capítulo também utilizaremos os trabalhos de Leila Gómez (2009) e Amy Cox Hall (2020).

Em sua tese, *National Geographic: Visual and Verbal Representations of Subaltern Cultures Revisited*, Souza Mizan (2011) analisa a maneira como a revista produz e entende o “outro”. A partir de textos verbais e visuais, a revista *National* cria categorias que qualificam culturas e pessoas como exóticas que podem ser entendidas apenas pelo Ocidente. Nesse sentido, o trabalho de Mizan é extremamente necessário para pensarmos a maneira como a revista apresenta os peruanos para os leitores estadunidenses, produzindo para seu público um “outro”, num jogo de espelhos das representações. Para a autora, quando o fotógrafo entra

na *zona de contato*<sup>22</sup>, ele se concentra em capturar em suas fotografias uma história que já está pré-concebida em sua mente, através do sistema cultural, das crenças e correntes políticas de seu tempo. Assim, “The pre-constructed narrative gets contaminated by the realities encountered in the “contact zone”<sup>23</sup> (MIZAN, 2011, p. 50). Dessa forma, a análise das imagens presentes na primeira edição referente ao encontro de Machu Picchu é importante pois reflete o olhar de Bingham e sua equipe sobre o Peru: um grande campo a ser estudado pelos estadunidenses.

Ricardo Salvatore (2016) argumenta que a descoberta de Machu Picchu significou, para os Estados Unidos, uma conquista do Peru, ou, como o autor denomina, uma segunda conquista da América:

Implicit in the reports of the discovery of Machu Picchu was the understanding that a U.S. American, a man of science, a professor at Yale University, had begun a second conquest of South America. Made possible by the association between business and science, the discovery promised to reveal the secrets of an ancient Peruvian civilization, misunderstood by prior white conquerors<sup>24</sup> (SALVATORE, 2016, p. 75).

A presença de estadunidenses no Peru significava não apenas a presença de estrangeiros no país, mas sim a dominação da ciência e do conhecimento de um povo civilizado sobre a ignorância e a barbárie peruanas. Salvatore (2016) atenta para os jornais que estampavam o fato de Bingham ser o primeiro *homem branco* a pisar em Machu Picchu. Ou seja, o primeiro homem capaz de representar uma cultura hegemônica como a ocidental. Nesse sentido, o segundo capítulo de nosso trabalho visa perceber como o discurso construído pela revista, se relaciona à política externa que os EUA passaram a desenvolver a partir do início do século XX em relação aos países latino-americanos. Além dos trabalhos de Ricardo Salvatore (2016) também nos ancoraremos no trabalho de Amy Cox Hall (2020).

O segundo capítulo reserva, ainda, uma discussão sobre a importância da representação de ruínas para a civilização ocidental, uma vez que fazem parte de

---

<sup>22</sup> Um conceito importante para lermos as fotografias presentes nas reportagens que iremos analisar é zona de contato. De acordo com Pratt (1999), zona de contato é o local onde diferentes culturas se encontram, se chocam em contextos em que as relações de poder são assimétricas.]

<sup>23</sup> “A narrativa pré-construída é contaminada pelas realidades encontradas na “zona de contato”. **[Tradução livre da autora].**

<sup>24</sup> “Implícito nos relatos da descoberta de Machu Picchu estava o entendimento de que um americano, um homem da ciência, um professor da Universidade de Yale, havia iniciado uma segunda conquista da América do Sul. Possibilitada pela associação entre negócios e ciência, a descoberta prometia revelar os segredos de uma antiga civilização peruana, incompreendida pelos antigos conquistadores brancos”. **[Tradução livre da autora].**

uma estética pautada no declínio de uma civilização. No caso de Machu Picchu, ao mesmo tempo em que a revista explorava as “ruínas” deixadas por uma civilização extremamente desenvolvida, contrastava com imagens do Peru atual: um país predominantemente agrário, com imagens de camponeses vestidos de maneira bastante rústica.

De acordo com Amy Cox Hall (2020), embora as expedições não possuíssem claramente um objetivo científico, essa justificativa serviu para beneficiar a entrada da equipe no Peru. A autora argumenta que a imagem de cientista de Bingham favoreceu-o, permitindo que recebesse o apoio de empresas, como a Kodak, bem como a facilitação para o despacho de “materiais” para os EUA, sem a necessidade de pagar aduanas. O propósito deste terceiro capítulo, então, será o de verificar qual o discurso utilizado pela revista para justificar sua presença em Machu Picchu e cobrir a *descoberta* de Machu Picchu pela expedição chefiada por Bingham. Segundo Hall (2020), a fotografia foi uma prática fundamental para os exploradores de Yale porque permitiu que recolhessem evidências de suas explorações e achados.

Pratt (1999) chamou de anticonquista, conceito ao qual nos referimos anteriormente, o movimento de catalogação e apropriação de regiões no globo terrestre por parte dos viajantes naturalistas do século XIX. De acordo com ela, os relatos por eles produzidos ao serem apresentados como pautados pelo interesse na ciência, foram esvaziados de outros conteúdos, como o interesse para exploração comercial ou mineral, por exemplo, destes territórios. Para a autora, tais textos ajudaram a assegurar a hegemonia europeia sobre os territórios visitados. Ainda segundo ela, se trata de um saber masculino e urbano. Julgamos ser possível perceber que, nas primeiras décadas do século XX, a *National Geographic*, também tornou “domésticos” espaços exóticos, assim como Bingham lançou sobre os Andes peruanos apreciações ligadas a um saber masculino e urbano, agora relacionado à hegemonia que os Estados Unidos procuravam estabelecer, que será, depois, retomado e ampliado pela revista.

Analisando diversas publicações estadunidenses, tais como artigos acadêmicos, livros, dicionários, entre outros, Feres Junior (2005) analisa a discrepância entre as representações dos EUA e da América Latina, nos séculos XIX e XX. O autor observou a existência de pares comparativos assimétricos entre a América do Norte (Estados Unidos e Canadá) e a América Latina: enquanto os

primeiros são apresentados como desenvolvidos, civilizados, ordeiros, brancos, protestantes, politicamente organizados, os países abaixo do Rio Grande são tidos como bárbaros, incivilizados, preguiçosos, desordeiros, católicos e mestiços<sup>25</sup>. Enquanto os norte-americanos são representados como modernos, industrializados e urbanos, os países latino-americanos o são como, rurais, agrários e conservadores.

Em sua tese de doutoramento Rafael Baitz (2004) analisou as publicações da Revista *National Geographic* referentes a América Latina entre os anos de 1895 e 1914. O objetivo do trabalho era analisar a construção das imagens sobre América Latina a partir das fotoreportagens publicadas pela revista. Conforme o autor verificou, há uma discrepância entre a representação dos Estados Unidos e América Latina nessas reportagens. Entre os anos de 1890 até meados da década de 20, os Estados Unidos estavam vivendo a chamada Era Progressista, que marcou sua entrada dos no rol dos países industrializados:

A vitória dos Estados do norte na Guerra de Secessão, trinta anos antes, acelerou o processo de industrialização que tomou força na última década do século XIX. Foi nos anos noventa daquele século que o país completou uma unificação interna, multiplicando sua malha ferroviária, ampliando e estendendo leitos navegáveis de rios e implantando um monumental sistema de comunicações para a integração de todo o país (BAITZ, 2004, p. 236).

O governo passou a investir na construção de estradas e ferrovias, usinas elétricas, portos, instalação de postes para energia elétrica e linhas telefônicas e de telégrafos, etc., ao mesmo tempo em que grandes empresas concentravam dinheiro e poder que, aliados às grandes transformações tecnológicas, propiciavam o aumento da produção em escala (BAITZ, 2005). Era assim necessário encontrar recursos naturais que suprissem as demandas do país: “O poder político estava, mais do que nunca, a serviço desses grandes conglomerados e praticamente se fundira em uma plutocracia empenhada num mesmo objetivo: aliciar insumos para alavancar o desenvolvimento industrial do país” (BAITZ, 2005, p. 237).

Sintonizada com essas mudanças sociais, a *National* estampava em suas revistas os grandes avanços que o governo norte-americano estava aplicando. Um exemplo disso foi a reportagem, publicada em 1907, escrita por um funcionário do

---

<sup>25</sup> Utilizamos aqui o termo “mestiço” para nos referirmos ao complexo mundo das misturas étnicas que se processaram durante a colonização da América do Sul. Contudo, as representações feitas pelos estadunidenses sobre os “mestiços” possuem tom e intenção pejorativas.

Estado norte-americano que divulgava os milhões de dólares investidos pelo governo na construção de dutos para irrigação de lavouras. A matéria discorria, sobre transformação de terras, até então inóspitas e intocadas, em oásis para a agricultura (BAITZ, 2005, p. 238). Intitulada *Millions for moisture – An account of the work of the U. S. Reclamation Service*, a reportagem iniciava assim:

Estamos vivendo a Era das grandes coisas. É uma época criativa. Nossa perspectiva tem se ampliado a uma extensão tal que já não mais podemos deixá-la fixada a linhas geográficas. Ela abraça o mundo todo, os Pólos desconhecidos não são exceção. É o momento do engenheiro e em nenhum outro período de nossa história ele ocupou um lugar tão preeminente nos negócios nacionais como hoje (*apud* BAITZ, 2005, p. 237).

Apesar dos avanços econômicos, havia um lado que a *National* não estampava em suas matérias: as “crises sociais, de revolta dos pequenos fazendeiros, de miséria urbana, de ódio racial, do alcoolismo epidêmico, da prostituição e de abalo das instituições políticas do país” (BAITZ, 2005, p. 238). Segundo Rafael Baitz (2005), as terras são literalmente bens que podem ser explorados pelo governo e pela iniciativa privada. E a revista desempenhava a função de apresentar essas riquezas para a população, instigando esse nacionalismo:

Durante o período de 1895 a 1914, os Estados Unidos estiveram presentes em todos os números da revista, o que representa um universo superior a duzentos artigos e/ou reportagens. Os temas eram bem variados: sistemas de transporte, recursos naturais ou minerais de determinada região, desenvolvimento econômico de determinado setor, belas regiões do país, produtividade agrícola, migrações e tantos outros; mantendo-se um discurso coerente e um enfoque positivo dos feitos e resultados obtidos pelo desenvolvimento econômico, ou, simplesmente, enaltecendo-se as belezas naturais do país (BAITZ, 2005, p. 238).

Como dissemos anteriormente, o olhar da revista para os países vizinhos dos EUA passa a ser aquele mesmo *olhar imperial* que Pratt (1999) encontra para os viajantes dos séculos XVIII e XIX. A partir dela especialmente, e dando continuidade a um trabalho anterior<sup>26</sup> em que estudamos os relatos de viagem de Hiram Bingham, buscaremos aqui perceber como o Peru é apresentado para o público da revista. Refletiremos sobre como as reportagens da revista podem ser lidas enquanto relatos

---

<sup>26</sup> COLOMBO, Micaela. **AS LENTES DO IMPÉRIO**: A descoberta de Machu Picchu e sua cobertura pela revista *National Geographic*. 2021. Trabalho de Conclusão de Curso – Universidade do Vale do Rio dos Sinos, São Leopoldo, 2021.

de viagens produzidos por um *observador*, sujeito oriundo de uma cultura hegemônica.

As fontes utilizadas para esta Dissertação serão três reportagens da revista *National* que trazem os resultados dos trabalhos da equipe de Bingham em Machu Picchu. A primeira reportagem publicada, *In the wonderland of Peru*, de abril de 1913, apresenta Machu Picchu e o Peru para o público leitor. Traz algumas informações relevantes e dados demográficos sobre o país, mas está centrada na expedição de Bingham e no encontro da *llacta* de Machu Picchu. A segunda fonte utilizada será a matéria publicada em fevereiro de 1915, intitulada *The story of Machu Picchu*, que, além de narrar as origens da cidade, também apresenta 60 ilustrações dos materiais encontrados durante as escavações, como cerâmicas e artefatos de pedra. Por fim, a terceira fonte será a reportagem de maio de 1916 e que trata das últimas escavações realizadas pela equipe no Peru. Estas reportagens foram acessadas digitalmente, a partir da galeria virtual da Revista *National*, que disponibiliza todos os números de suas edições, desde 1888, até a edição do mês atual. Estas fontes estão disponíveis na Base de Dados da revista *National* onde encontram-se disponíveis todos os números publicados pela revista, desde 1888 até o corrente.

Além das reportagens da revista, utilizaremos também dois livros publicados por Bingham (1911, [1948] 2010) que serão lidos enquanto relatos de viagens e que confrontaremos com as reportagens da revista *National*. Consideramos importante apresentar estas fontes pois o discurso de Bingham muda ao longo do tempo, embora o chefe da expedição tenha sido também o redator das reportagens. Apesar de Bingham afirmar que suas expedições objetivavam encontrar Vilcabamba, Yazmín López-Lenci (2021) afirma que, em realidade, Bingham encontrou na busca pelo que ele chamava de “ruínas incaicas”, um bom argumento para convencer os patrocinadores a apoiarem o projeto das expedições.

Neste trabalho, as fotografias são elemento fundamental para compreender a história de uma expedição que inventou, para o mundo, uma cidade perdida. A proposta de nossa pesquisa é analisar as diversas camadas do discurso da revista *National*, tanto em texto como em fotografias. Acreditamos tratar-se de um discurso pautado em uma dominação cultural e científica que se apoiava numa narrativa de diferença entre países do Norte, mais industrializados, e os demais.

## 2 MACHU PICCHU: A CIDADE JAMAIS PERDIDA

Em abril de 1912 a revista *National Geographic* publicou um editorial acerca dos trabalhos de exploração da *Yale Peruvian Expedition* no Peru, liderada pelo explorador Hiram Bingham (Figura 1). A Sociedade foi responsável por parte da quantia doada para a expedição, conforme o início do editorial:

The National Geographic Society has subscribed \$10,000 to the Peruvian expedition of 1912, to which the friends of Yale University have made an equal grant. The expedition is directed by Dr. Hiram Bingham, of Yale University, who was also director of the remarkably successful Yale Peruvian Expedition of 1911, and will be known as "The Peruvian Expedition of 1912, under the Auspices of Yale University and the National Geographic Society". The researches and explorations of last year will be continued, the work centering in the Vilcabamba Valley and around Cuzco<sup>1</sup> (THE NATIONAL GEOGRAPHIC, 1912, p. 417).

O editorial celebrava as expedições lideradas por Bingham e apresentava alguns resultados preliminares. De acordo com o texto, além de cidades incaicas e pré-incaicas encontradas pelos exploradores, também ossos humanos e de um bisão teriam sido descobertos. A revista exalta este feito por tratar-se da primeira vez em que ossos de um bisão são encontrados na América do Sul – posteriormente essa informação seria desmentida, por tratar-se na verdade, de ossadas de gado moderno. Ainda segundo o editorial da revista, os ossos humanos encontrados pela equipe serviriam para estimar a idade do homem sul-americano:

'The proof of the antiquity of this man', says Richard Swann Lull, Professor of Vertebrate Paleontology at Yale University, in the Yale Review. 'lies... in the geological evidence offered by Professor Bingham evidence that the remains lay at the bottom of a mass of stratified gravel, which covered them at one time to a depth of not less than 125 feet, a fact which, he rightly argues, points to glacial origin. Just what that means in the light of man's antiquity in Europe is not so clear, for it is not yet possible to correlate with any assurance a glacial deposit in South America with the measured advances and retreats of the great ice-sheet of the Old World'<sup>2</sup> (THE NATIONAL GEOGRAPHIC, 1912, p. 417).

---

<sup>1</sup> "A National Geographic Society subscreveu \$ 10.000 para a expedição peruana de 1912, para a qual os amigos da Universidade de Yale fizeram uma doação igual. A expedição é dirigida pelo Dr. Hiram Bingham, da Universidade de Yale, que também foi diretor da bem-sucedida Expedição Peruana de Yale de 1911, e será conhecida como "A Expedição Peruana de 1912, sob os auspícios da Universidade de Yale e da National Geographic Sociedade". As pesquisas e explorações do ano passado continuarão, o trabalho centrado no Vale de Vilcabamba e nos arredores de Cuzco." [Tradução livre da autora].

<sup>2</sup> "A prova da antiguidade deste homem", diz Richard Swann Lull, professor de paleontologia de vertebrados na Universidade de Yale, na Yale Review. 'está... na evidência geológica oferecida pelo

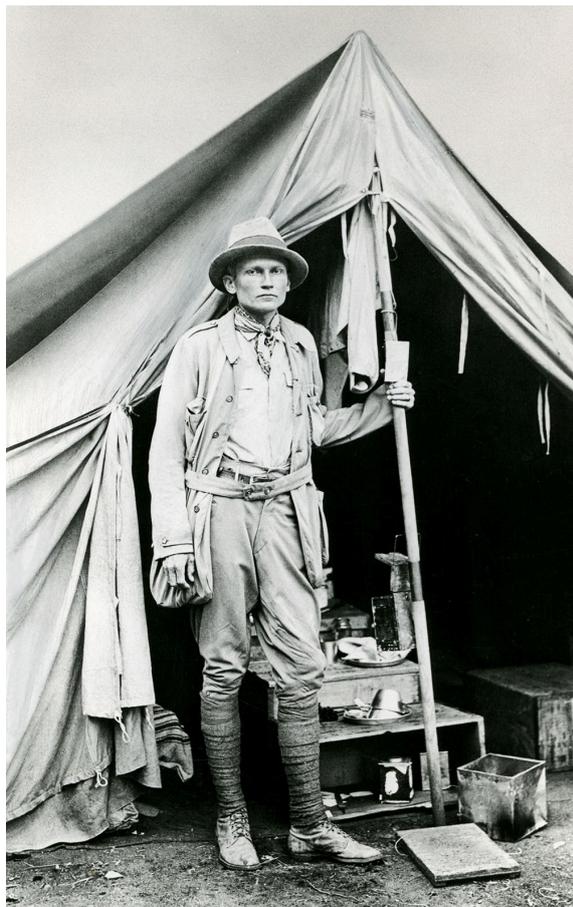
O editorial ressalta ainda que Bingham vai dar continuidade ao trabalho iniciado em 1911, na busca por locais mencionados nas crônicas espanholas, com especial atenção à Vilcabamba. Apresenta também as viagens anteriores que Bingham percorreu pela América do Sul e que resultaram em dois relatos: *The Journal of an Expedition across Venezuela and Colombia* (1909) e *Across South America: An Account of a Journey from Buenos Aires to Lima by way of Potosí, with Notes on Brazil, Argentina, Bolivia, Chile, and Peru* (1911). Segundo a revista, após escavar em Choquequirao, Bingham decidiu ir mais além em suas buscas: “his study of these ruins in a region hitherto unexplored led him to desire to penetrate still further into this country, which is one of the most inaccessible in the Cordillera”<sup>3</sup> (THE NATIONAL GEOGRAPHIC, 1912, p. 422).

#### Figura 1 - Hiram Bingham

---

professor Bingham, evidências de que os restos mortais jazem no fundo de uma massa de cascalho estratificado, que os cobriu a uma profundidade não inferior a 125 pés, um fato que, ele corretamente argumenta, aponta para a origem glacial. Exatamente o que isso significa à luz da antiguidade do homem na Europa não é tão claro, pois ainda não é possível correlacionar com certeza um depósito glacial na América do Sul com os avanços e recuos medidos da grande camada de gelo do Velho Mundo.” **[Tradução livre da autora].**

<sup>3</sup> “Seu estudo dessas ruínas em uma região até então inexplorada o levaram a desejar penetrar ainda mais neste país, que é um dos mais inacessíveis da Cordilheira.” **[Tradução livre da autora].**



Fonte: The National Geographic Magazine (1913, p. 516).

Legenda: Fotografia de E. C. Erdis.

O texto conta ainda com algumas fotografias que ilustram as *descobertas* de Bingham. Duas imagens são do Monte Coropuna (Figura 2), escalado pelo explorador, ainda em 1911, um vulcão que faz parte de complexo vulcânico composto por vários picos, sendo o Coropuna o mais alto do país. Como dissemos na introdução de nosso trabalho, um dos objetivos iniciais da YPE era a escalada deste monte, tido até então como o mais alto da América do Sul. A escalada do Coropuna representaria, para Bingham, uma conquista da América. Ao atingir o cume, o explorador estaca a bandeira de Yale e dos Estados Unidos, representando uma possessão do território peruano para os EUA e inaugura os estudos sobre os Andes peruanos (SALVATORE, 2016). Contudo, as expectativas de Bingham são frustradas ao descobrir que antes dele, outra pessoa já o havia escalado por apenas alguns dias de diferença: Annie Peck, alpinista amadora e sufragista ferrenha que também estacou uma bandeira no cume do monte: a bandeira amarela do sufrágio universal com a inscrição “*votes for women*”.

Figura 2 - Escalada do Monte Coropuna



Photo from Hiram Bingham

## ANOTHER VIEW OF COROPUNA

The mountain was ascended by Hiram Bingham in 1911. A careful survey and triangulation of the mountain from its vicinity to the seacoast by the Yale expedition showed that its real height is 21,703 feet—1,000 feet less than had been previously credited to it.

Fonte: The National Geographic Magazine (1912, p. 419).

Legenda: Fotografia de H. Bingham.

A versão oficial da história do encontro de Choquequirao e outros conjuntos de construções antigas é contestada por Yazmín López-Lenci, que alega que Bingham, em realidade, não possuía interesse em “ruínas” e “cidades perdidas”. Bingham causalmente chega a Choquequirao em 1909, quando em sua viagem para o *Primer Congreso Panamericano*. Após o evento no Chile, o explorador viajava de Cusco para Lima, com a intenção de percorrer a antiga rota colonial entre Lima, Potosí e Buenos Aires. Em Choquequirao Bingham escava e recolhe, pela primeira vez, vestígios, mas o explorador, definitivamente, não buscava cidades incas nem tinha referências alguma de Choquequirao: “Solo quería llevarse consigo un catálogo de “rasgos sudamericanos” como información acerca de obstáculos sociales, geográficos y raciales al progreso, que debían ser de utilidad para las actividades comerciales externas de su país” (LÓPEZ-LENCI, 2021, p. 11).

Embora adote um discurso aparentemente neutro e científico, argumentamos que as expedições da YPE atendiam aos interesses imperialistas dos Estados Unidos e de empresas que visavam a América do Sul como um novo campo de

expansão capitalista. López-Lenci ressalta, também, um trabalho de fichamento realizado por Bingham que

[...] serviría de base para construir un catálogo temático de historia, política y geografía hispanoamericana, pues hasta esa fecha la investigación sobre América Latina en Estados Unidos se reducía a las vidas de los conquistadores españoles, las campañas emancipadoras y la evolución de la práctica política en el siglo XIX. Temática que leía en inglés porque no había aprendido español, de manera que la bibliografía compilada presentaba citas en francés o alemán, pero ninguna en castellano (LÓPEZ-LENCI, 2021, p. 12).

A autora defende que, diferentemente do discurso oficial difundido pela revista, a relevância da *descoberta* de Machu Picchu por Bingham só será inaugurada posteriormente, quando o explorador retorna para os Estados Unidos. Em janeiro de 1913, durante o banquete anual da Sociedade, em homenagem aos “descobridores” do Polo Sul, Capitão Roald Amundsen e do Polo Norte Almirante Robert Peary, e ao retorno da *Second Peruvian Expedition Yale University-National Geographic*, Bingham “[...] concentra los éxitos de sus exploraciones a la identificación de ciudades antiguas peruanas, y sobre todo de la ciudad enterrada, la ‘Ciudad Blanca’ de Machu Picchu” (LÓPEZ-LENCI, 2021, p. 23). Para a autora, esse é o marco fundamental de redefinição dos objetivos do trabalho anterior e delinea novos propósitos para trabalhos futuros.

Como evidência da inicial pouca relevância dada ao encontro da cidadela, no informe de abril de 1912, a revista publicou duas imagens de Machu Picchu, a cidade supostamente perdida, descoberta pela expedição a que se referia o editorial e que seria objeto de 3 edições posteriores. Contudo, diferentemente das imagens de uma cidade grandiosa, explorada nas edições posteriores, as duas imagens escolhidas para representar Machu Picchu apresentam simples paredões de pedras em meio a densa vegetação (Figura 3).

Figura 3 - Machu Picchu em 1912



Photos by **Hiram Bingham**

THE RUINS OF MACCHU PICHU, A CITY PROBABLY BUILT BY THE MEGALITHIC RACE,  
WHO PRECEDED THE INCAS: DISCOVERED BY **HIRAM BINGHAM** ON  
HIS 1911 EXPEDITION TO PERU

The ruins are on an almost inaccessible ridge, 2,000 feet above the Urubamba River. They are of great beauty and magnificence and include palaces, baths, temples, and about 150 houses. The huge blocks of white granite, some of them 12 feet long, were so carefully cut that they match perfectly. Though no mortar or cement was used to hold the stones together, the walls have withstood the elements for at least 2,000 years. The stone against which the man in the upper cut is leaning is 13.2 feet in length and about 2.8 feet in thickness.

A VIEW OF THE INTERIOR OF THE TEMPLE OF THE THREE WINDOWS, LOOKING NORTH:  
MACCHU PICHU

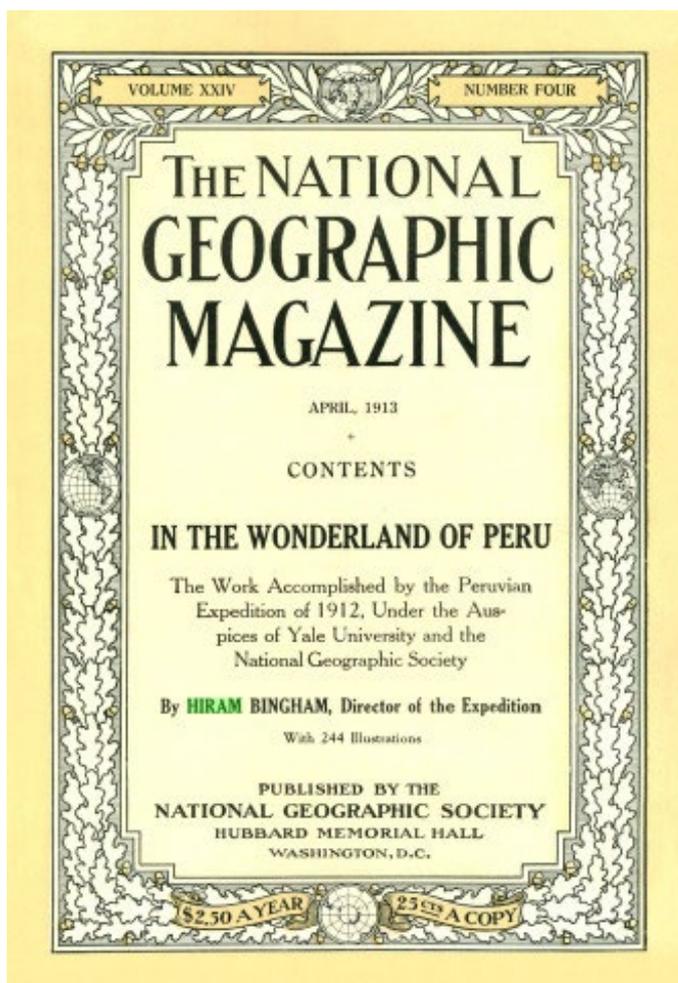
The monolith is grooved at its top, evidently to support a wooden rafter

Fonte: The National Geographic Magazine (1912, p. 421).

Legenda: Fotografia de H. Bingham.

Um ano após esta publicação, a edição intitulada *In The Wonderland of Peru* (Figura 4) que apresentava os resultados da expedição dirigida por Bingham no altiplano andino foi publicada. A edição era dedicada totalmente à recente descoberta e contava com 244 ilustrações, entre mapas e fotografias tiradas pelos membros da expedição. São 186 páginas dedicadas a contar como a expedição encontrou Machu Picchu e como essa cidade, supostamente desconhecida pelos cronistas espanhóis, permaneceu intocada até o momento em que Bingham e seu grupo ali chegaram. O texto traz ainda relatos sobre a busca por cavernas funerárias e ossos, bem como outros objetos enterrados no sítio, além dos trabalhos de limpeza do entorno da *llacta*, que estava coberta pela vegetação.

Figura 4 - Capa da edição de abril de 1913

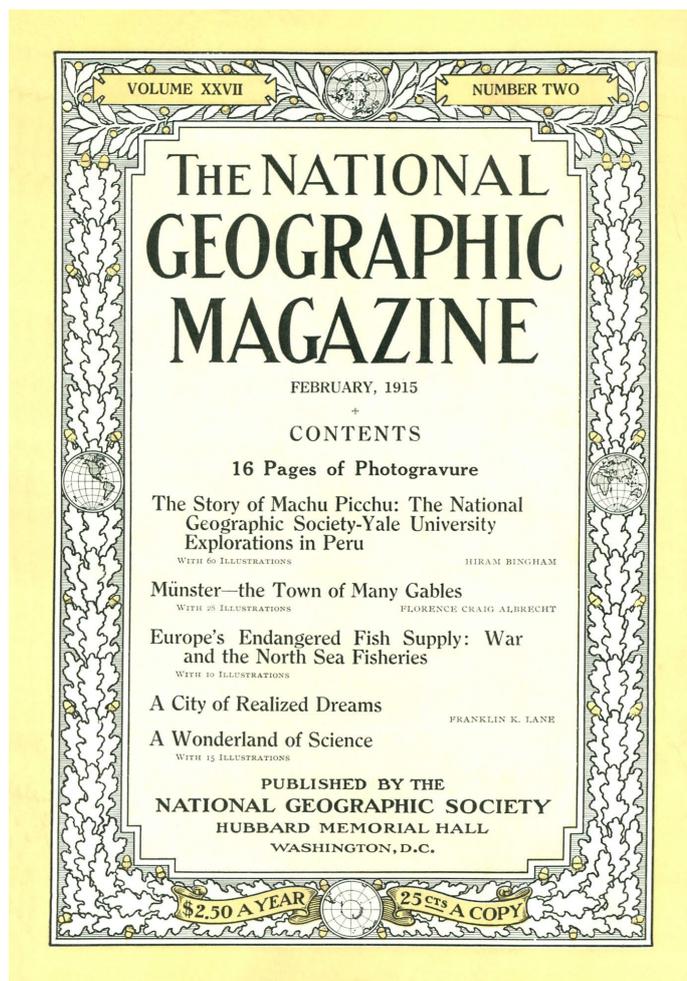


Fonte: The National Geographic Magazine (1913).

Legenda: Capa da edição de abril de 1913 da Revista National Geographic Magazine.

Após esta edição, seguiram-se mais duas que trataram das descobertas científicas de Bingham no Peru. Em fevereiro de 1915 a reportagem *The Story of Machu Picchu: The National Geographic Society-Yale University Explorations in Peru* (Figura 5) tratava da história de Machu Picchu, trazendo os mitos de Manco Capac e sua irmã, Mama Ocllo, fundadores da civilização incaica. A reportagem trazia também descrições da busca pelo material coletado no sítio. Como dissemos, além das múmias e esqueletos retirados, havia muitos outros materiais arqueológicos, como cerâmicas e objetos de bronze.

Figura 5 - Capa da edição de fevereiro de 1915

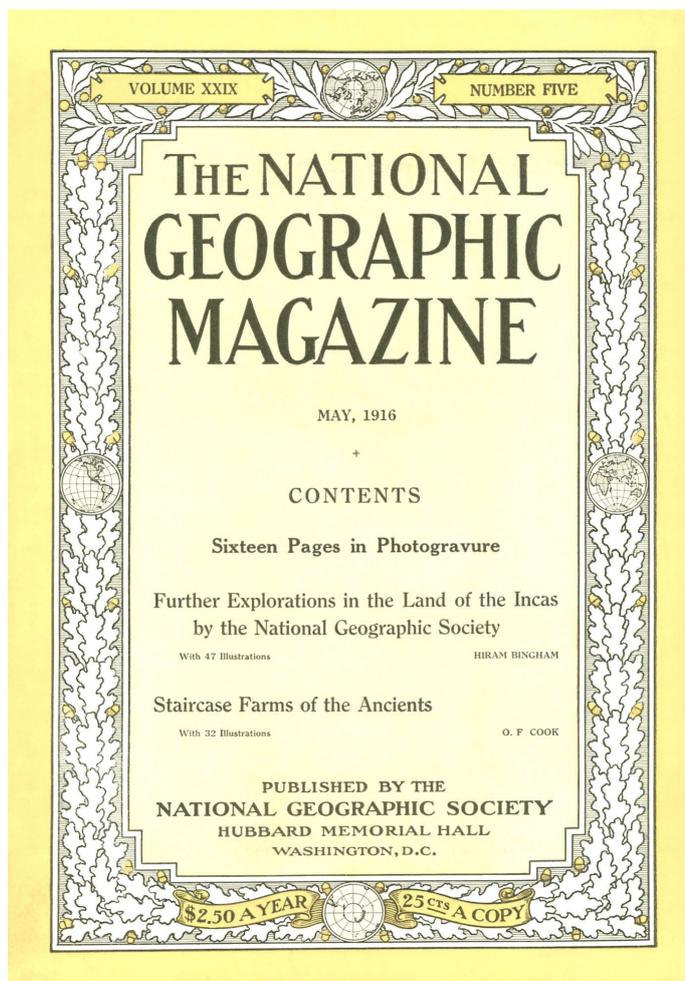


Fonte: The National Geographic Magazine (1915).

Legenda: Capa da edição de fevereiro de 1915 da Revista National Geographic Magazine.

Por fim, a edição de maio de 1916, intitulada *Further Explorations in the Land of the Incas by the National Geographic Society* (Figura 6), contava com 47 ilustrações e abordava temas mais relacionados à expedição em si, como por exemplo o seu cotidiano, a organização das rações dos participantes, as barracas dos acampamentos. Além disso, também apresentava a busca por estradas que levassem até Machu Picchu, explorando a região no entorno da ruína, além de apresentar aspectos mais cotidianos da vida no local.

Figura 6 - Capa da edição de maio de 1916



Fonte: The National Geographic Magazine (1916).

Legenda: Capa da edição de maio de 1916 da Revista National Geographic Magazine.

Todas as reportagens contavam com fotografias que não abordavam apenas as imediações de Machu Picchu, mas apresentavam também aspectos cotidianos do Peru, suas gentes e seus costumes. Estas fotografias, bem como as legendas que as acompanham, embora muitas vezes não conversem diretamente com o tema tratado na reportagem, são importantes para perceber de que maneira o Peru foi apresentado para o público leitor da revista. É preciso considerar, apoiando-se na afirmação de Amy Cox Hall, que a mais importante contribuição da YPE foi o conjunto de fotografias que então se produziu (Hall 2020). As imagens que tinham como objetivo registrar o feito, acabaram elaborando uma determinada narrativa em torno da ideia de uma cidade perdida havia agora sido descoberta:

Las expediciones no fueron las aventuras ligeras de un Indiana Jones, ni sucedieron por azar, destino o suerte. Tampoco fueron simples engaños conspirativos de agentes del imperio. Bingham esperaba que las

expediciones contribuyeran al conocimiento universalmente conocido. El marco de la ciencia facilitó sus exploraciones, validó sus prácticas y legitimó sus hallazgos. La herramienta expedicionaria científica más poderosa de Bingham, la cámara fotográfica, materializó y concretó el descubrimiento imaginado de una ciudad perdida en las nubes (HALL, 2020, local. 2627).

A autora argumenta que a fotografia foi considerada uma prática científica fundamental para os exploradores porque permitiu que eles colhessem evidências materiais de suas explorações (HALL, 2020). Desse modo, as imagens presentes nas edições da revista tornaram-se o elemento principal, tanto de Bingham quanto da revista, porque serviam para cativar e aproximar o público das expedições e suas *descobertas*. Afora as imagens de Machu Picchu e artefatos encontrados no sítio, as câmeras também registraram paisagens e trabalhadores locais em tarefas de seu cotidiano. Contudo, elas também atuaram como uma tecnologia utilizada para registrar doenças e deformidades corporais. Como Hall (2020) apontou em seu estudo, foram tiradas diversas fotografias de pessoas com doenças e fragilidades físicas, especialmente o bócio, por parte de membros da YPE, com a finalidade de produzir um estudo antropométrico acerca dos camponeses andinos. Como a autora menciona, posteriormente essas imagens serviriam para reforçar a superioridade física e moral estadunidense sobre os sul-americanos. Essas fotografias jamais entraram na narrativa popularizada sobre a descoberta de Machu Picchu por não honrarem o glorioso passado incaico. Em função disso, essas imagens não aparecem na revista e, portanto, não tivemos acesso a elas.

As câmeras utilizadas pela expedição foram cedidas pela Kodak que objetivava colocar os equipamentos à prova da altitude andina. Assim, Bingham deveria anotar as condições em que tomava as fotografias para reportar à empresa o bom ou mau funcionamento dos equipamentos. Como ressaltamos, as fotografias eram importantes para o teor científico da expedição. Assim, elas deveriam ser o mais autoexplicativas e conter informações precisas acerca dos dados produzidos sobre os objetos fotografados. Bingham anotou todos os detalhes, como por exemplo, as condições de captura, a altitude, o horário, a posição solar, etc., pois essas informações seriam relevantes uma vez que essas imagens eram uma das *evidências científicas* da expedição, especialmente aquelas que criaram o sentido de “verdade” do que foi “visto” pelos participantes:

La fotografía y otras llamadas visualizaciones objetivas, como la cartografía, fueron medios instrumentales para dar forma a las afirmaciones científicas y

las relaciones sociales porque las imágenes podían ser intercambiadas, manipuladas y utilizadas como herramientas de verificación independientes, y quedaban así perfectamente ocultas las relaciones sociotécnicas involucradas en la fabricación de un objeto (HALL, 2020, local. 2712).

As imagens fetichizaram Machu Picchu como uma cidade perdida, atuando como um testemunho que permitia a um número ilimitado de pessoas verificar os elementos encontrados pela expedição. Hall (2020) reflete, sobre a importância simbólica no ato de fotografar. Para ela, ao capturar imagens de Machu Picchu, Bingham e sua equipe estavam também tomando posse da cidade em nome dos Estados Unidos e da revista *National Geographic*. Fotografar assume, aqui, a mesma relevância dos *atos discursivos* mencionados na introdução deste trabalho: declarar, testemunhar, registrar (GREENBLATT, 1996). Bingham utiliza esses mesmos argumentos: declara ser descobridor de Machu Picchu, testemunha e registra seu feito em uma série de fotografias que possuem um alcance muito maior do que os relatos de viagens publicados anteriormente. Stephen Greenblatt (1996) argumenta que os discursos elaborados por europeus durante os primeiros anos da Conquista narravam o maravilhamento diante do desconhecido: “‘Maravilhamento’ é, devo dizer, a figura central da resposta inicial dos europeus ao Novo Mundo, a decisiva experiência emocional e intelectual em presença da diferença radical” (GREENBLATT, 1996, p. 31). Contudo, os relatos produzidos pelos europeus dos séculos XVII, XVIII e XIX não dispunham de um objeto central para a expedição de Bingham: a câmera fotográfica.

Enquanto os relatos de viagens da Idade Média e primeiros séculos da Conquista contavam apenas com as descrições formuladas por uma testemunha, as viagens da YPE dispunham de câmeras que permitiam, além de comprovar a relevância dessa descoberta, compartilhar a experiência do maravilhamento com seus leitores. Hall (2020) argumenta que as fotografias assumem um papel prioritário dentro do projeto de Bingham. É o triunfo da ciência sobre a ignorância: “La cámara era una potente tecnología de extracción, un dispositivo de registro que materializava los deseos científicos” (HALL, 2020, local. 2712). Ainda segundo ela, a maneira como as imagens foram exploradas fez parecer estar-se diante de uma *descoberta*, uma utopia. Isso pode ser verificado nas imagens presentes na edição de abril de 1913, quando a cidadela é apresentada em meio à bruma, escondida entre a vegetação, situadas no topo da montanha, quase inalcançável (Figura 7).

Figura 7 - A cidadela de Machu Picchu



Photo by Hiram Bingham

THIS PICTURE GIVES A GENERAL VIEW OF ABOUT ONE-HALF OF THE CITY OF MACHU PICCHU

On the left are the western agricultural terraces. Above them is the Sacred Plaza, with the Chief Temple and the three-windowed temple to the right of it. Above these and connected with them by the finest stairway in Machu Picchu is the sacred hill, on which is located the Intihuatana, or sun dial stone. In the central picture in the immediate foreground are the rough boulders near which we found most of the little bronze pins and artifacts. Above them are the terraced gardens and a thatched hut built by the modern Indians. Above this in turn is one of the most densely crowded portions of the city, while to the right above the long stairway is the group called the Private Garden Group, and below it, on the extreme right, the group characterized by greatest ingenuity in its stonework. The beautiful peak of Huayna Picchu overshadows the city like a sentinel. On its summit were found a few rough caves whence guards could give warning of approaching danger.

Fonte: The National Geographic Magazine (1913, p. 514).

Legenda: Fotografia de H. Bingham.

Ao nomeá-la, Bingham novamente emprega os atos discursivos para tomar posse da cidadela descoberta: “Y las ruinas tomaron entonces el nombre de la montaña, porque cuando las encontramos, nadie sabía cómo llamarlas” (BINGHAM, 2010, p 2). O explorador nomeia Machu Picchu respaldado unicamente em sua autoridade científica e discurso hegemônico. Como Greenblatt (1996) alega, o ato de nomear está ligado, durante a Idade Média e Renascimento, à filosofia e à uma manifestação de poder:

Supongo que en el mismo sentido que tiene la palabra utilizada en la expresión "Colón descubrió América" es justo decir que yo descubrí Machu Picchu. Los pescadores noruegos y franceses indudablemente visitaron la América del Norte bastante antes que Colón cruzara el Atlántico. Del otro lado fue Colón quién dio a conocer América al mundo civilizado. En ese mismo sentido yo "descubrí" Machu Picchu, ya que antes de mi visita e informe no era conocida por las sociedades de geografía e historia del Perú, ni por el gobierno del Perú. Había sido visitada por unos cuantos indios y mestizos y posiblemente por un europeo (BINGHAM, 1986, p. 26 *apud* MOULD DE PEASE, 2005, p. 203).

Na citação acima o ato de nomear está, também, relacionado ao ato de conhecer. Mais precisamente, de apresentar algo dito desconhecido. Assim, Bingham presume ser o descobridor de Machu Picchu pois, da mesma maneira que Colombo revelou à Europa um novo continente, também ele apresenta Machu Picchu para o “mundo civilizado”, leia-se Estados Unidos. As ações do explorador – escrever e reportar a descoberta da cidadela e fotografá-la – são sempre executadas, como Greenblatt (1996) afere, *para um outro mundo*. Suas ações são sempre voltadas para uma entendida conquista científica unilateral *por* um estadunidense *para* estadunidenses. Em outro momento do trabalho discutiremos o conceito de *descoberta* utilizado pelo explorador, tanto no texto da revista quanto em seus discursos posteriores. Defendemos a ideia de que os interesses de Bingham e da revista *National* coincidiram em algum momento. Como Christopher Heaney (2016) nos mostra, Bingham estava fortemente empenhado em descobrir algo, em ser um explorador bem-sucedido. Ao chegar a Machu Picchu nos Andes peruanos, ele alcançou seu objetivo, ao mesmo tempo em que conseguiu o patrocínio financeiro de empresas e instituições que, por sua vez, prospectavam possíveis pontos de interesse na região.

Assim, a matéria da revista apresentava as fotografias como “a realidade peruana”. Havia um esforço por parte de Bingham e sua equipe de demonstrar Machu Picchu enquanto uma cidade perdida, construindo a imagem de descobridor de Bingham ao mesmo tempo em que apresentava as potencialidades peruanas a serem exploradas pelas empresas que ajudaram a financiar o projeto da expedição. Como mencionamos acima, as fotografias exerceram função fundamental no processo de produção de uma expedição dita científica. Para isso, era essencial apresentar Machu Picchu enquanto intocada e desconhecida, até mesmo pelos peruanos.

Entretanto não podemos deixar de aludir que, ao contrário da narrativa difundida por Bingham e pela própria revista *National*, a descoberta de Machu Picchu não ocorreu por mera casualidade. Em realidade, Bingham obteve o auxílio de diversas pessoas que contaram ao explorador sobre a existência de antigas construções. Uma delas foi o reitor da Universidade do Cusco, Alberto Giesecke, que mencionou a Bingham sobre a existência de algumas ruínas que mereciam alguma atenção. Giesecke convidou estudantes cujas famílias possuíam terras próximas ao Urubamba para contarem a Bingham o que sabiam sobre a existência

de cidadelas incas na região. Isso permitiu que Bingham soubesse de antemão sobre a localização de antigos assentamentos e refinasse sua busca. Um destes estudantes convidados foi o engenheiro Alberto Duque, que trouxe consigo José S. Pancorbo, dono de uma fazenda açucareira, que confirmou para Bingham a existência de “[...] un conjunto de ruinas cerca del pueblo de Puquiura” (HEANEY, 2016, p. 112). Além disso, Bingham já havia tido, em suas viagens anteriores, acesso a mapas datados do século XIX que assinalavam a existência de antigas cidadelas incaicas.

Entretanto, não podemos deixar de mencionar os indígenas que viviam próximo a Machu Picchu. As terras onde a cidadela localizava-se faziam parte de uma grande fazenda, propriedade de dom Mariano Ignacio Ferro, com quem Bingham obteve autorização para explorar e com quem firmou um acordo de divisão de tesouros que viessem a ser encontrados durante as escavações. No entorno da *llacta* havia propriedades que produziam chá e madeira, e famílias indígenas viviam e cultivavam ali.

## 2.1 A fotografia e a *Revista National*

A *National Geographic*, enquanto uma revista de divulgação científica, tinha como proposta, em suas matérias ilustradas, “trazer para casa o mundo e tudo que há nele” (HALL, 2020, local 3294) Pretendia-se, então, que as fotografias fossem fidedignas, mesmo que o que elas mostrassem fosse uma realidade condicionada por vários elementos. As imagens eram apresentadas de uma maneira que todos pudessem entendê-las, seguindo uma ordem e contando uma narrativa. Esmiuçando e tornando o conhecimento mais palpável e acessível para os leitores, a revista produzia um *inventário do mundo* tornando-se um instrumento de divulgação científica popular (MIZAN, 2011). Ao mesmo tempo, a revista elabora o que Greenblatt (1996) chamou de *acumulador de representações* que constituem em

[...] um conjunto de imagens e equipamentos geradores de imagens *acumulados*, como que ‘depositados’ em livros, arquivos, coleções e centros culturais até o momento em que essas representações são requisitadas para gerar novas representações” (GREENBLATT, 1996, p. 22, grifo do autor).

Gilbert Grosvenor, editor chefe da revista, pretendeu que a edição do primeiro número escrito por Bingham (abril de 1913) fosse bastante chamativa, com diversas imagens que cativassem o público. Para Hall (2020), as fotos, especialmente as que foram veiculadas em 1913, pertenciam a um realismo pictográfico que tentava transcrever concretamente a realidade através da fotografia: “Las imágenes tomadas por Bingham de paisajes, tipos culturales y formaciones rocosas fueron características de ese realismo; buscaban mostrar lo maravilloso del Perú a través de un ojo científico y naturalista” (HALL, 2020, local. 3312). Para a autora, sem as fotografias o público não entenderia a importância da descoberta, nem conseguiria imaginar a cidade: “Las fotografías eran esenciales: fue a través de las imágenes de Machu Picchu que el trabajo de Bingham cobró vida. *El descubrimiento eran las fotografías*” (HALL, 2020, local. 3410, grifo nosso). Sobre a importância das imagens – ou falta delas – Stephen Greenblatt menciona que “o problema dos relatos baseados em testemunho ocular é que eles implicitamente chamam a atenção para a ausência, no leitor, dessa mesma segurança – a visão direta – que constituiu sua própria fonte de autoridade” (GLEENBLATT, 1996, p. 55). Nesse sentido, as fotografias publicadas ressignificam esses relatos pois operam enquanto evidências daquilo que foi encontrado e vivido pelo viajante.

Como veremos com mais detalhe em outro momento deste trabalho, este olhar que Bingham pretendia que fosse científico retrata o modelo de anticonquista adotado pelos viajantes europeus no século XIX (Pratt, 1999)<sup>4</sup>. A anticonquista trata de uma dominação, pretensamente neutra e subjetiva, imposta pelos sujeitos oriundos de uma cultura hegemônica, que se apropriam de novos territórios a partir de seus relatos de viagem. Nesse sentido, ao capturar imagens da cidadela, Bingham está apropriando-se não apenas de Machu Picchu, mas de parte da história do Peru, tornando-se agente ativo no processo de *descoberta*.

As fotografias foram uma estratégia de reclamar posse sobre Machu Picchu, uma vez que com elas demonstrava-se o feito realizado a partir de imagens, não apenas de palavras. A estratégia adotada pela revista é a de convidar o leitor a, desta maneira, “participar” das descobertas: “Con esta narrativa de viaje formulada en una estética del descubrimiento, los lectores de la revista viajan en una expedición para descubrir por sí mismos la maravillosa tierra que es el Perú” (HALL,

---

<sup>4</sup> A autora se refere particularmente aos naturalistas.

2020, local. 3520). Podemos aferir, então, que essas fotografias atuaram ambigualmente como evidências e como imagens que geraram representações sobre o Peru e que, como veremos mais adiante, ratificaram um estereótipo “típico” sul-americano.

Souzana Mizan (2011) aponta que as fotografias presentes nas edições da *National* tornaram-se uma coleção, pois compilavam fotografias de sujeitos entendidos pelos viajantes estadunidenses como subalternos, e concebiam uma espetacularização do mundo. Segundo a autora, elas nada mais são que pedaços de realidade, desconectados de seus contextos, que empacotam o mundo e são empacotados dentro de um livro ou revista. Despertavam, assim, nos espectadores, um desejo de *consumir* o Outro. De acordo com ela, os registros de modos de vida das populações apresentadas parecem não envolver emocionalmente o fotógrafo:

In the case of photographs of subaltern people on National Geographic, they raise in viewers the desire to consume the Other, their way of living, dressing and facing life from "below". Viewers, though, are not emotionally affected by these images since they are taken in an aesthetically attractive way. They seem that their sole desire is to represent these other forms of human existence<sup>5</sup> (MIZAN, 2011, p. 42).

Como dissemos na introdução de nosso trabalho, havia um destacado interesse da revista pela América do Sul, considerada uma região selvagem, exótica e inexplorada. Nesse sentido, Catherine Lutz e Jane Collins (1993) apontam que a revista possuía a necessidade de ensinar sobre ela e pretendia fazê-lo sem objetificá-la nem ser paternalista, “[...] but that fostered both a sense of how lives around the globe are interconnected and a capacity for empathic understanding<sup>6</sup> (LUTZ; COLLINS, 1993, p. 3). Assim, a revista dedicava-se a descrever diferenças humanas, tais como raça, gênero, história e classe, contribuindo para a construção de uma hierarquia social entre Estados Unidos e o *resto do mundo*. De acordo com as autoras, as imagens reproduzidas sobre o mundo não ocidental constituíam todo o referencial imagético dos cidadãos estadunidenses sobre essa região, assim: “Images of the non-Western world draw on and articulate ideas and thus, like a

---

<sup>5</sup> “No caso das fotografias de pessoas subalternas na National Geographic, elas despertam no espectador o desejo de consumir o Outro, seu modo de viver, vestir e encarar a vida “de baixo”. Os espectadores, porém, não são afetados emocionalmente por essas imagens, pois são captadas de forma esteticamente atraente. Eles parecem que seu único desejo é representar essas outras formas de existência humana.” [Tradução livre da autora].

<sup>6</sup> “[...] mas isso promoveu tanto uma noção de como as vidas ao redor do globo estão interconectadas quanto uma capacidade de compreensão empática.” [Tradução livre da autora].

conceptual work, become cultural and historical, mutable and political in intent and/or effect”<sup>7</sup> (LUTZ e COLLINS, 1993, p. 3).

Existem, para Lutz e Collins (1993), mensagens presentes nas imagens sobre a América Latina que codificam, falam e desenham sua visão para um grande grupo, podendo ser lidas por qualquer cidadão estadunidense: “The magazine claims to articulate a *national* vision, addressing the concerns and curiosity of all U.S. citizens”<sup>8</sup> (p. 6). Nesse sentido, nos interessa indagar quais os códigos, ou representações, que a revista se valia para transmitir sua mensagem para os leitores.

Como mencionamos na introdução deste trabalho, a partir da mudança editorial, ocorrida em 1896, a *National Geographic* passou a destacar países latino-americanos em suas edições. Entre os anos de 1896 e 1914, a revista publicou 103 artigos sobre países da região, sendo os mais abordados os países da América Central, Caribe e México. A frequência com que determinados países apareciam na revista estava relacionada com sua importância para a política externa dos Estados Unidos naquele momento (BAITZ, 2004). Assim, no período citado, os que mais assiduamente apareceram na revista foram Cuba, Panamá e México<sup>9</sup>. Contudo, em maior ou menor intensidade, os demais países latino-americanos foram representados em reportagens. Além disto, a América Latina em si também foi objeto da revista que a apresentava a partir de uma ideia homogeneizadora:

Assim, o espaço geográfico-cultural América Latina não representou para o periódico qualquer dificuldade conceitual. Os artigos se encarregavam menos de estabelecer diferenças entre os países que integravam o bloco e muito mais em fixar semelhanças entre eles, legitimando um discurso, quer pelos textos quer pelas imagens, sobre um local *homogêneo*. As eventuais diferenças entre as nações eram compensadas por características gerais que as uniam, principalmente o estágio da economia, o tipo de organização política e cultural (BAITZ, 2004, p. 112).

A Revista também explorava aspectos do mundo social. Indígenas e negros são objeto de sua atenção, como em elementos de sua cultura e religião, por exemplo, sempre explorando aspectos “exóticos” da situação. É importante marcar que, representando a América Latina enquanto um único bloco, as imagens

<sup>7</sup> “As imagens do mundo não-ocidental se baseiam e articulam ideias e, assim, como uma obra conceitual, tornam-se culturais e históricas, mutáveis e políticas em intenção e/ou efeito.” [Tradução livre da autora].

<sup>8</sup> “A revista afirma articular uma visão nacional, abordando as preocupações e a curiosidade de todos os cidadãos americanos” [Tradução livre da autora].

<sup>9</sup> Este fato está muito associado ao momento histórico e político dos EUA. Lembremos aqui, por exemplo, que no início do século XX, os EUA investiram na construção do Canal do Panamá.

veiculadas pela revista *National* contribuía para corroborar e solidificar estereótipos e reproduzir preconceitos com relação a ela:

[...] em linhas gerais o acervo fotográfico da revista voltou-se para fixar uma imagem dos países latino-americanos como uma região ainda selvagem, atrasada economicamente e violenta. Utilizando um referencial imagético preexistente, a revista repetiu cenas e cenários já 'conhecidos' sobre a América Latina (BAITZ, 2004, p. 152).

É preciso aqui, contudo, recordar que a utilização de estereótipos negativos para representar a América Latina e os latino-americanos data ainda do século XIX e não foi exclusividade da revista *National*.

## **2.2 Primitivos, indolentes e atrasados: os latino-americanos no imaginário social estadunidense**

De acordo com João Feres Jr. (2005), ainda antes de o termo *Latin America* ser introduzido no pensamento político dos estadunidenses, e de ele passar a ser usado como um elemento de clara oposição a autoimagem glorificada de sua própria *America*, referências pejorativas ligadas à relação do primeiro com a colonização espanhola eram comuns no país:

As disputas religiosas do século 16, o poder da Coroa Espanhola, cujos domínios se espalhavam por toda a Europa e além, assim como o terror inspirado pela Real Armada contribuíram para a consolidação de um sentimento antiespanhol muito forte por parte dos habitantes da Grã-Bretanha e de outros países europeus, sentimento esse que ficou conhecido pelo nome de Lenda Negra (FERES JR., 2005 p. 56).

Portanto, o sentimento antiespanhol foi incorporado nos Estados Unidos, sendo a aversão à Espanha estendida às suas colônias na América. Ao tempo da chamada "Querela de América", em que a ciência europeia criou teorias que rebaixavam a natureza e o homem americano, Thomas Jefferson participou do debate defendendo os conterrâneos, mas da América do Norte. Segundo ele, "a história não conhece exemplo de um povo dominado por padres que tenha constituído um governo livre" (FERES JR., 2005, p. 58 *apud* JEFFERSON, 1861, p. 40), ressaltando as diferenças entre a ética protestante e católica.

Uma carta de John Adams, segundo presidente dos Estados Unidos, para Jefferson, concorda com ele:

Um governo livre e a religião católica romana não poderão jamais coexistir, em qualquer país ou nação. Conseqüentemente, qualquer projeto de conciliar essas duas coisas na velha ou na nova Espanha é utópico, platônico e quimérico. Presenciei tamanha prostração e prostituição da natureza humana em favor dos clérigos na velha Espanha que formei minha opinião sobre o assunto, há muito tempo. E é de meu entendimento que na Nova Espanha as coisas são ainda piores, se isso é possível (FERES JR., 2005, p. 57 *apud* ADAMS, 1988, p. 571).

Seu filho, John Quincy Adams, que também viria a ser presidente do país, igualmente expressou a incapacidade para uma vida política ordenada entre os latino-americanos. Os Estados Unidos, republicanos e democráticos, são tidos, nesta perspectiva, como o contraponto à desordem e à tirania do resto do continente:

[*Spanish Americans*] não possuem sequer os mais básicos elementos de um governo livre. A desordem civil está impregnada em seus princípios mais básicos. A guerra e a destruição mútua habitam cada membro de sua organização, moral, política e física (FERES JR., 2005, p. 58 *apud* ADAMS, 1970, p. 325).

O “par assimétrico” entre Estados Unidos e América Latina se constituiu, portanto, precocemente:

Cada uma das características negativas atribuídas a eles, dominados por clérigos (católico), indolentes, ignorantes, supersticiosos, incapazes de se esforçar e desprovidos de iniciativa, correspondem univocamente a uma característica positiva da auto-imagem americana: protestante (portanto, anticatólico), trabalhador, educado, racional, industrioso e provido de espírito de iniciativa (FERES JR., 2005, p. 59).

A política externa dos EUA tratou a América Latina nesta perspectiva assimétrica como se percebe a Doutrina Monroe<sup>10</sup>. Depois, o processo de anexação do Texas (1848) pelos EUA e a guerra contra o México (1846-1848) tensionaram a relação dos Estados Unidos com seus vizinhos.

Em 1843, após a anexação do Texas, o Secretário de Estado dos Estados Unidos, Abel Upshur, comentou:

Nenhum homem que conhece minimamente sua própria natureza supõe ser possível que duas raças de homens, distintas por marcas externas indelévels e perceptíveis a olho nu, que mantiveram desde tempos imemoriais uma relação de senhor e escravo, possam algum dia viver

---

<sup>10</sup> A Doutrina Monroe, estabelecida em 1823, pelo presidente James Monroe, determinava a não interferência de países europeus na América, que então passava por diversos processos de independência. A Doutrina, assim, estabelecia os EUA como uma espécie de líder americano.

juntas, como iguais, no mesmo país, sob o mesmo governo (FERES JR., 2005, p. 60).

Como Feres Jr. (2005) apresenta, os argumentos utilizados para referendar ou rejeitar a expansão territorial perpassavam pelos debates raciais. O senador John Berrien, em 1847, falou para sua audiência:

Vocês pretendem colocar seus direitos sagrados (*birthright*) nas mãos das raças de mestiços (*mongrel*) que habitam esses territórios? Pois é isso que se dará caso eles sejam incorporados à nossa União (FERES JR, 2005, p. 61 *apud* CONGRESSIONNL GLOBE, 1847, p. 301, grifos do autor).

*Birthright* diz respeito a um direito por nascimento, enquanto *mongrel* faz referência aos mestiços, de forma bastante pejorativa, mas carrega uma conotação eugenista, de degeneração física e moral (FERES JR, 2005<sup>11</sup>). Fazendo coro a Berrien, o deputado do estado de Nova York, John Hunt dizia no mesmo ano:

Pensem no caráter da população que virá com [os territórios] para dentro de nossa Confederação. Devemos nos preparar para receber uma massa incongruente de espanhóis, índios, e mexicanos mestiços (*mongrel*) – uma mescla de raças misturadas que não são capazes de administrar ou sequer gozar de nossas instituições livres: homens de sangue e língua diferentes, que não podem se misturar ao nosso povo em pé de igualdade social e política (FERES JR, 2005, p. 62 *apud* CONGRESSIONNL GLOBE, 1847, p. 363, grifos do autor).

O debate acerca da diferença racial entre Estados Unidos e seus vizinhos do sul recrudescceu durante a guerra contra o México, durante os anos 1840, quando as supostas diferenças raciais entre estes países se tornaram instrumentos retóricos que afirmavam uma superioridade estadunidense. Como pondera Feres Jr., os mexicanos eram descritos como espanhóis, índios e mestiços, ou seja, não brancos:

Enquanto o Eu coletivo identifica-se como branco, projeta sobre o Outro uma categoria genérica e abrangente de não-branco, exprimida através de uma diversidade de categorias raciais: mestiços, índios, espanhóis, negros etc. O expansionismo americano fez com que as expectativas americanas a respeito dos hispano-americanos se transformassem, de manifestações de desdém ocasionais e esparsas, em uma questão política candente (FERES JR., 2005, p. 62).

Como veremos posteriormente, a revista *National* foi um desses meios de propagação de expectativas negativas sobre a América Latina, contribuindo para a

---

<sup>11</sup> O autor assinala que para as duas palavras há dificuldade em encontrar-se uma definição exata na língua portuguesa.

disseminação de estereótipos. Podemos afirmar que ela atuou como um vetor que fornecia imagens dos supostos pobres países latino-americanos que necessitariam do auxílio dos Estados Unidos. Ao final do século XIX, o país interferiu a favor de Cuba na guerra que esta travou com a Espanha e, ao final dela, estendeu seu domínio sobre Porto Rico, Filipinas e ilhas de Guam.

Mais uma vez, o argumento ideológico foi a doutrina do Destino Manifesto<sup>12</sup>, contudo, aliado a um sentimento antiespanhol. Se antes a doutrina foi usada como argumento apenas para a expansão diante do México, agora ela estendia-se também como recurso retórico e político para a relação estabelecida com outras repúblicas latino-americanas.

Feres Jr. (2005) apresenta a análise, realizada pelo historiador latino-americanista John J. Johnson, de charges que circularam nos Estados Unidos durante o final do século XIX até os anos 1970, de forma a observar a linguagem através da qual a América Latina era representada para as elites e para os setores sociais influentes na política externa dos EUA<sup>13</sup>. Segundo o autor, era possível perceber, nessas charges, o par assimétrico entre EUA e América Latina, como, por exemplo, as nações – América Central, América Latina, Nicarágua, México, etc. – sendo representadas por personagens com a pele escura, reforçando o estereótipo da miscigenação racial que provinha de uma degeneração física e moral:

Nos desenhos do início do século 20 e fim do 19 eles são geralmente negros, com lábios excessivamente grossos, olhos esbugalhados, expressão facial apatetada e sempre descalços, um tipo de representação idêntica aos estereótipos pejorativos associados, nos EUA, aos escravos negros da zona rural do Sul do país. [...] as categorias não-branco e negro podiam ser confundidas, colocando assim índios, mestiços, negros e até espanhóis sob o manto da oposição assimétrica racial. A partir do segundo quarto do século 20 uma nova representação de *Latin American* começa a se tornar dominante, o *Greaser*: um tipo de pele escura, descalço, bigodudo, com um grande *sombrero* e roupas camponesas ou andrajosas, em uma palavra, o estereótipo do mexicano preguiçoso (FERES JR., 2005, p. 73).

Como exposto, a oposição a este tipo latino-americano era o estadunidense branco, limpo, bem-vestido, muitas vezes retratado na figura do *Tio Sam* com fraque

---

<sup>12</sup> Destino Manifesto, doutrina a qual parte da premissa de que os anglo-saxônicos são a raça escolhida por Deus para expandir seus domínios de acordo com Sua vontade.

<sup>13</sup> As mais de 130 charges que o autor compilou foram agrupadas nas seguintes categorias: América Latina sob controle americano, América Latina como mulher, as repúblicas como crianças, as repúblicas como negros, América Latina como homens não-negros e militarismo na América Latina (FERES JR., 2005).

e cartola. Como o autor aponta, essas representações procuram denotar uma assimetria racial, cultural e temporal entre o par EUA/América Latina. De fato, perceberemos que as imagens presentes nas edições aqui analisadas da revista *National Geographic* seguem o mesmo padrão de escolha da representação dos latino-americanos. Como veremos, os peruanos foram retratados nas fotografias em paisagens rurais, com trajés típicos ou puídos, muitas vezes sujos e descalços, retratando uma América Latina subdesenvolvida, atrasada, presa a tradições ultrapassadas. Além disso, numa perspectiva que nos interessa diretamente, muitas vezes as repúblicas latino-americanas eram representadas enquanto crianças, em oposição aos Estados Unidos, caracterizado pela figura de um adulto. Isto porque, nas discussões sobre os direitos relativos aos bens culturais resultantes da YPE os norte-americanos sempre argumentaram que na universidade para a qual foram levados, tais objetos estariam mais bem guardados, além de servirem como fontes para futuras pesquisas, o que não ocorreria em seu país de origem, desprovido de conhecimento científico e de sujeitos e instituições, destas de saber.

Ou seja, as imagens difundidas acerca da América Latina, seja em charges, fotografias, ou mesmo relatos de viagens, a apresentavam como a clara oposição em relação aos Estados Unidos e seria o espaço onde os norte-americanos cumpririam sua missão divina de expansão sobre povos incivilizados e primitivos, seja por meio da dominação violenta e subjugação ou da modernização e industrialização.

### **2.3 In the wonderland of Peru**

A edição de abril de 1913 da revista *National Geographic* apresentava como tema “In the wonderland of Peru”, matéria escrita por Hiram Bingham, em um total de 187 páginas, sendo que 113 eram de fotografias. As restantes continham textos, mas em meia-página, dividindo com mais ilustrações. Analisando-a em conjunto, percebe-se o esforço do autor em sustentar três argumentos principais: Machu Picchu estaria ligada às origens míticas dos incas; ninguém antes dele, nem os cronistas espanhóis da época colonial, nem os peruanos da contemporaneidade, conheciam a cidade e, desta forma, a importância do seu feito, o “descobrimto da cidade perdida”. A reportagem explicava o trabalho realizado pela *Peruvian Expedition* de 1912, sob os auspícios da universidade de Yale e da *National*

*Geographic Society*. A descoberta de uma suposta cidade perdida nas florestas andinas deveria despertar a curiosidade dos leitores evocando a expedição liderada pelo historiador e explorador Hiram Bingham. Depois desta, a revista publicou mais duas reportagens sobre o sítio: em fevereiro de 1915 e maio de 1916. Como já afirmamos, o encontro de Machu Picchu aconteceu em 1911 pela equipe chefiada por Hiram Bingham, e contou com o apoio de empresas, além da Universidade de Yale e da *National Geographic Society*, que dão o nome à expedição. Ao retornar para o Peru, em 1912, o norte-americano e sua equipe passaram a contar com o apoio de outras instituições.

A expedição de 1912 de Bingham foi objeto, como apresentamos anteriormente, de um editorial alegando que a descoberta de ossos e múmias, além de cerâmicas e outros artefatos, lançaria luz sobre a história arqueológica da América do Sul. Para Bingham, a descoberta de ossos era extremamente importante, já que desde a segunda metade do século XIX acadêmicos norte-americanos e europeus dedicavam-se a estudar a questão das raças, comparando esqueletos de homens brancos com o de nativos (HEANEY, 2016). Por isso, como veremos mais adiante, a revista enfatizou a descoberta de esqueletos e múmias, e buscou precisar as suas idades. Quando a YPE se apropriou dos materiais e os levou para os EUA para serem estudados, estava os reivindicando em nome da ciência.

A introdução da edição de 1913 inicia com uma apresentação da expedição e sua finalidade: um trabalho de reconhecimento da região e do que havia sido encontrada no ano anterior. Os membros da equipe também são apresentados: um geólogo, um osteologista, um topógrafo, um engenheiro e um cirurgião, além dos assistentes<sup>14</sup>. E, Hiram Bingham como diretor da expedição. É importante ressaltar que a equipe não contava com um arqueólogo, tendo Bingham reclamado esse título para si.

A primeira menção feita ao Peru disse respeito à epidemia de varíola e febre tifoide que a equipe encontrou. Ela serve como introito para uma apresentação do país como bastante pobre:

---

<sup>14</sup> "The staff of the expedition consisted of the following: Prof. Hiram Bingham, director; Prof. Herbert E. Gregory, geologist; Dr. George F. Eaton, osteologist; Mr. Albert H. Bumstead, chief topographer; Mr. Ellwood C. Erdis, archeological engineer; Dr. Luther T. Nelson, surgeon; Messrs. Kenneth C. Heald and Robert Stephenson, assistant topographers, and Messrs. Paul Bestor, Osgood Hardy, and Joseph Little, assistants." (THE NATIONAL GEOGRAPHIC, 1913, p. 387).

There are no physicians in most of the villages of the interior; consequently, the owners of the large plantations have to rely entirely on their own efforts at curing diseases among the Indians in their employ. Very few Peruvians are properly vaccinated<sup>15</sup> (THE NATIONAL GEOGRAPHIC, 1913, p. 388-391).

Os indígenas que viviam em vilarejos mais distantes, segundo a matéria, não tinham acesso a médicos ou enfermeiros nem à vacinação, tornando-se alvos fáceis de doenças contagiosas. Seus esforços para protegerem-se contra o vírus seriam evidência de sua condição primitiva: “The Indians believe that vaccination with pus from the lesions of a patient who has died with smallpox confers immunity from the disease. They practice this sort of vaccination, with the result that many who are thus inoculated die from the disease”<sup>16</sup> (THE NATIONAL GEOGRAPHIC, 1913, p. 391). Ao mesmo tempo em que o texto apresenta de maneira abrangente a situação de saúde pública peruana, as fotografias encaixadas ao lado do texto ou em tamanhos grandes, em páginas separadas, retratam elementos do cotidiano dos camponeses andinos, exibindo um panorama geral do país. Há fotografias de pescadores e suas cabanas, diferentes ângulos da praça central de Lima, imagens de indígenas e lhamas, quase sempre apresentados como “típicos”.

Deborah Poole (2000), em seu livro *Visión, Raza y Modernidad: una economía visual del mundo andino en imágenes* propõe o termo *economía visual* para pensar as relações entre imagens visuais e fronteiras nacionais, especialmente as imagens produzidas sobre os Andes por viajantes europeus, entre meados do século XIX e início do século XX. A autora opta pelo termo *economía visual* em vez de *cultura visual* porque “[...] la palabra economía sugiere que el campo de la visión está organizado en una forma sistemática” (POOLE, 2000, p. 16). Dessa forma, ao utilizar *economía visual* sabemos que essas imagens trazem em seu bojo relações sociais e de poder, desigualdade e significados compartilhados por uma sociedade. Ao mesmo tempo, ao pensar em *economía visual*, a autora argumenta que essas imagens também atuam como mercadorias que circulam entre continentes (POOLE, 2000).

---

<sup>15</sup> “Não há médicos na maioria das aldeias do interior; conseqüentemente, os proprietários das grandes plantações têm de contar inteiramente com seus próprios esforços para curar as doenças dos índios a seu serviço. Muito poucos peruanos são devidamente vacinados.” [Tradução livre da autora].

<sup>16</sup> “Os índios acreditam que a vacinação com o pus das lesões de um paciente que morreu de varíola confere imunidade à doença. Eles praticam esse tipo de vacinação, com o resultado de que muitos que são inoculados morrem da doença.” [Tradução livre da autora].

Um dos objetivos de Poole é investigar como as imagens produzidas sobre os Andes contribuíram para a propagação de um discurso racial e no discurso fisionômico dos “tipos”:

Es obvia la relevancia de la raza para un estudio de la cultura visual. En tal sentido, al formular la identidad mediante los severos métodos y lenguajes de la ciencia biológica de esa época, la teoría racial del siglo XIX no hacía sino traducir la política de sojuzgamiento colonial en un cálculo visual -y estético- de diferencias "naturales" encarnadas (POOLE, 2000, p. 24).

Como sabemos, o discurso da teoria racial categorizou determinadas raças como superiores e outras como inferiores. Ao categorizar esses indivíduos, também se atribuiu um valor social agregado a ele. Por isso, para Deborah Poole as imagens coloniais – não europeias – é relevante: porque contribui para a consolidação, propagação, e popularização desta lógica de comparação e equivalência (POOLE, 2000). Assim, as imagens presentes na revista *National Geographic* reforçam um estereótipo do “tipo” indígena andino que compartilha as representações de atraso e pobreza que o continente latino-americano possuía nos Estados Unidos. A revista passa a explorar “tipos” andinos, do mesmo modo que viajantes europeus representaram esses indivíduos, no século XIX.

Da mesma forma, a revista *National* também explora essas imagens de “típicos” que cumprem seu papel primário de produzir o exótico para o público leitor estadunidense, reduzindo os indivíduos indígenas e seu modo de viver a um determinado padrão. Isso se verifica, por exemplo, na primeira fotografia da edição, em que alguns homens não identificados, mas bem-vestidos, com ternos e chapéus – provavelmente membros da expedição – são fotografados em frente a uma “típica cabana de pescadores” e o uso de uma “peculiar” forma de canoa, também remete a um exotismo (Figura 8).

Figura 8 - Membros da expedição fotografados em frente a uma cabana de pescadores



Photo by Hiram Bingham

## STRAW BOATS ON THE BEACH AT PACASMAYO, PERU

On their way to southern Peru the members of the expedition touched at various ports, including Pacasmayo, where the fishermen use a peculiar form of canoe. These canoes, or *balsas*, are made of rushes and have to be dried out each time they are used. The picture also shows a typical fisherman's hut made of split bamboo.

Fonte: The National Geographic Magazine (1913, p. 389).

Legenda: Fotografia de H. Bingham.

Em outro momento há uma fotografia de uma “típica praça peruana” (Figura 11), apresentando novamente essa generalização de lugares e costumes indígenas. Da mesma forma, e conforme Poole (2000) pontuou, pessoas são apresentadas como “típicas”, como é o caso de uma “típica mulher indígena do sul do Peru”<sup>17</sup>, fotografada segurando um fuso e fiando “tal qual seus antepassados faziam há milhares de anos” (Figura 10). Em outros momentos as fotografias exploram as vestimentas tradicionais peruanas, como verificamos na Figura 9 que mostra várias pessoas reunidas. A legenda chama a atenção para os ponchos e os chapéus utilizados pelos indígenas.

Figura 9 - Grupo de indígenas reunidos

<sup>17</sup> Essa fotografia foi analisada em nosso Trabalho de Conclusão de Curso, intitulado “**As lentes do Império**: A descoberta de Machu Picchu e sua cobertura pela revista National Geographic (2021).



Photo by L. T. Nelson

## A SCENE AT SICUANI STATION, SOUTHERN PERU

At the railway stations between Lake Titicaca and Cuzco there were invariably groups of picturesquely clad Indians nearly always wearing a poncho, and sometimes felt hats, but more often the gaudily decorated reversible pancake-hat characteristic of this part of Peru.

Fonte: The National Geographic Magazine (1913, p. 399).

Legenda: Fotografia de L. T. Nelson.

Figura 10 - Típica mulher peruana



Photo by L. T. Nelson

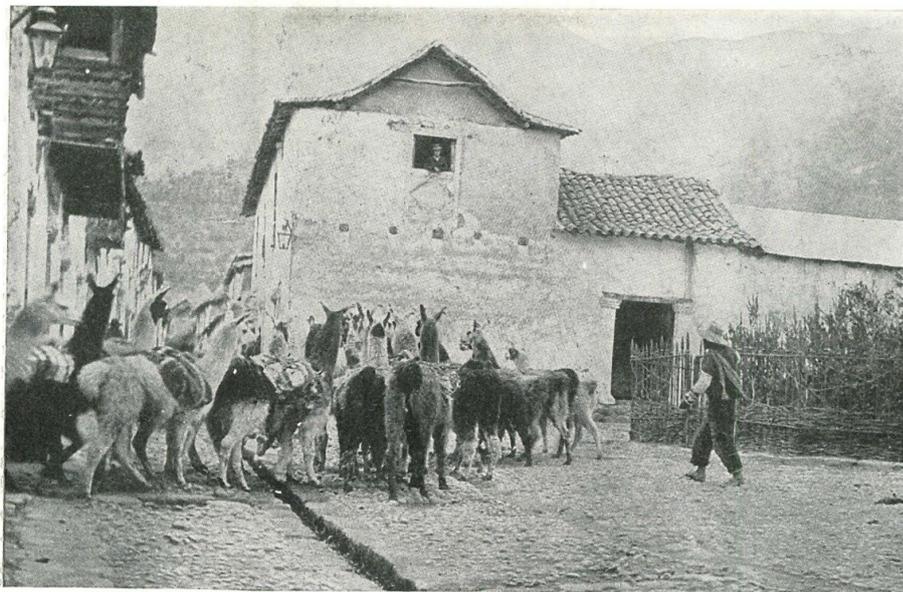
## A TYPICAL PERUVIAN INDIAN WOMAN AT QUIQUIJANA, SOUTHERN PERU

Indian women in Peru are never idle. Even when walking along the roads they are almost always engaged in spinning with old-fashioned whirl-bobs and spindles such as their ancestors used over a thousand years ago.

Fonte: The National Geographic Magazine (1913, p. 401).

Legenda: Fotografia de L. T. Nelson.

Figura 11 - Típica praça peruana



A TYPICAL PERUVIAN PLAZA

Photo by H. L. Tucker

The llamas are loaded with rock-salt. The open sewer in the center of the street is characteristic of many mountain towns

Fonte: The National Geographic Magazine (1913, p. 395).

Legenda: Fotografia de H. L. Tucker.

Apesar de parecer explorar apenas um caráter curioso do cotidiano camponês do Cusco, a revista utiliza essas fotografias para apresentar ao seu público leitor um mundo “exótico” ao mesmo tempo em que produz e reproduz estereótipos. Suzana Mizan (2011) disserta sobre o uso da fotografia, especialmente de cunho mais social, utilizada pela revista:

Photography of subaltern groups as social documentation is usually perceived as part of the humanist project to reveal what needs to be confronted and fixed in our social reality and as an aid to understanding and tolerance. Although National Geographic's photography might seem to have as its objective social documentation, its approach is neither pure nor disinterested<sup>18</sup> (MIZAN, 2011, p. 40)

<sup>18</sup> “A fotografia de grupos subalternos como documentação social é geralmente percebida como parte do projeto humanista para revelar o que precisa ser confrontado e fixado em nossa realidade social e como um auxílio à compreensão e à tolerância. Embora a fotografia da National Geographic possa parecer ter como objetivo a documentação social, sua abordagem não é pura nem desinteressada.” [Tradução livre da autora].

Como a autora discute, as imagens funcionam de maneira conectada simbolicamente e semioticamente, produzindo, no espectador, emoções. As imagens, assim, “[...] are both signs and symbols and influence people intellectually, socially, emotionally and behaviorally<sup>19</sup>” (MIZAN, 2011, p. 40). Isso é amplamente verificável nas fotografias e legendas presentes na edição de abril de 1913. Exemplo disso são as fotografias de Lima. Apresentando a procissão de Corpus Christi, focam na praça central e na catedral (Figura 12). Novamente as legendas são relevantes, pois elas conduzem o leitor para determinadas interpretações. Naquela que acompanha a foto, lemos: “The conflict of old and new is vividly emphasized in this picture where the repair wagon of the trolley line is seen at the right only a few feet from this religious procession so redolent of the middle ages”<sup>20</sup> (THE NATIONAL GEOGRAPHIC, 1913, p. 390).

Como Feres Jr. (2005) estabelece, o catolicismo era visto pelos estadunidenses como um dos fatores do atraso dos países latino-americanos. Dessa maneira, a imagem de uma procissão religiosa para apresentar o país, reforça o estereótipo de latino-americanos incivilizados, subdesenvolvidos: um povo que não valoriza a ciência ou o progresso. Essa ideia de antiquado, arcaico, também é corroborada na legenda, quando a procissão é associada à Idade Média.

Figura 12 - Procissão de Corpus Christi

---

<sup>19</sup> “[...] são sinais e símbolos e influenciam as pessoas intelectualmente, socialmente, emocionalmente e comportamentalmente.” [Tradução livre da autora].

<sup>20</sup> “O conflito entre o velho e o novo é vividamente enfatizado nesta imagem, onde o vagão de reparos da linha do bonde é visto à direita, a apenas alguns metros desta procissão religiosa tão impregnada da Idade Média.” [Tradução livre da autora].

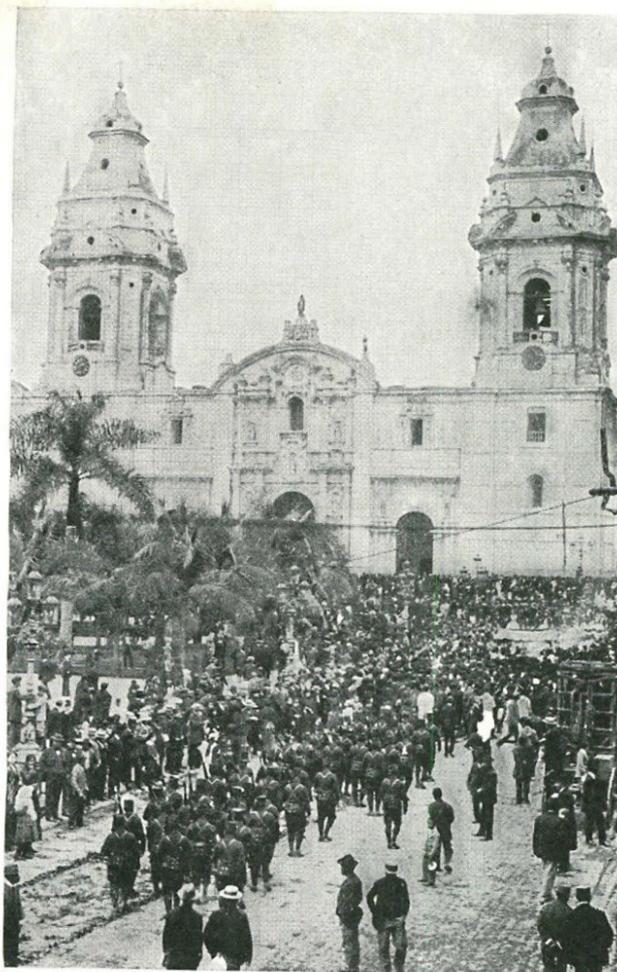


Photo by Hiram Bingham

CORPUS CHRISTI PROCESSION: LIMA, PERU

After Benediction had been given on the corner of the plaza, the procession moved slowly toward the cathedral. The "conflict of old and new" is vividly emphasized in this picture, where the repair wagon of the trolley line is seen at the right only a few feet from this religious procession so redolent of the middle ages. The towers of the cathedral are made of plaster and lath. In this land of earthquakes it was not considered safe to build them of stone.

Fonte: The National Geographic Magazine (1913, p. 391).

Legenda: Fotografia de H. Bingham.

Outro ponto digno de nota nas edições analisadas é o de que não há um protagonismo indígena. Embora eles estejam presentes na maioria das fotografias, posando ou em situações cotidianas, em raras exceções seu nome é citado, geralmente sendo mencionados como "típicos". Apesar de a equipe ter convivido com alguns destes sujeitos por meses, durante toda a expedição, não há falas sugeridas a eles, não há entrevistas. Essas pessoas, apesar de relevantes como

modelos fotográficos, capturando a vida “típica” peruana, não são questionadas sobre seus costumes e tradições.

Ao mesmo tempo, em diversos momentos Bingham alude a elas como rudes, incapazes de compreender a importância da expedição científica levada adiante pela equipe. Na legenda da fotografia “Grupo de indígenas das montanhas” (Figura 13) o diretor da expedição escreve: “The Mountain Indians were always interested in our work and usually were content to silently watch the passage of our caravans, or quietly speculate on the activities of the topographical engineer”<sup>21</sup> (THE NATIONAL GEOGRAPHIC, 1913, p. 400). A menção aos indígenas que assistem *silenciosamente* à passagem dos forasteiros de maneira quase onipresente é recorrente.

Figura 13 - Grupo de indígenas nas montanhas

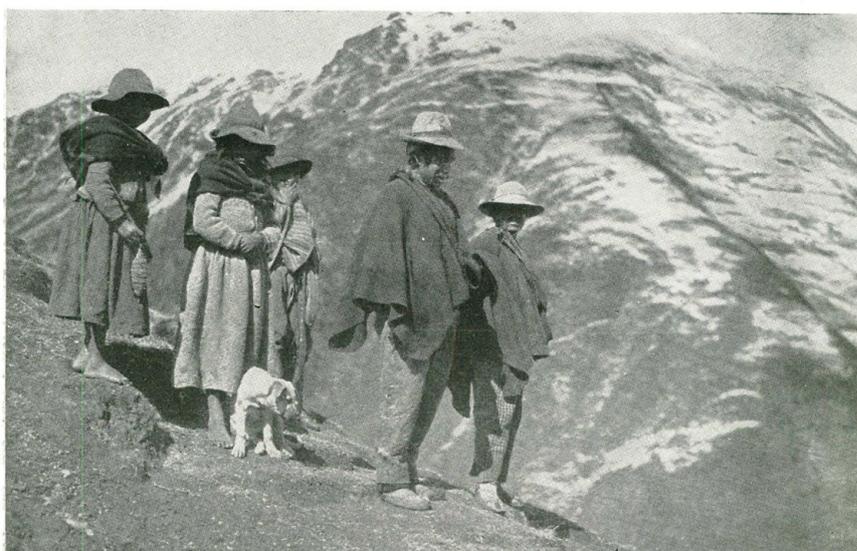


Photo by Hiram Bingham

GROUP OF MOUNTAIN INDIANS: SOUTHERN PERU

The Mountain Indians were always interested in our work and usually were content to silently watch the passage of our caravans, or quietly speculate on the activities of the topographical engineer. Once, however, the chief topographer was attacked by a dozen excited Indians who thought that he and his assistant were working some devilment with their strange instruments. Fortunately by diplomatic means they were dissuaded from doing any harm. Note the bare feet of the women at this great altitude, which is over 14,000 feet.

Fonte: The National Geographic Magazine (1913, p. 400).

Legenda: Fotografia de Hiram Bingham.

As menções aos guias e carregadores da expedição são sempre acompanhadas de comentários pejorativos. O guia responsável por levar Bingham

<sup>21</sup> “Os índios da montanha sempre se interessaram por nosso trabalho e geralmente se contentavam em observar silenciosamente a passagem de nossas caravanas, ou especular silenciosamente sobre as atividades do engenheiro topográfico”. [Tradução livre da autora].

até Machu Picchu é apresentado como “apaixonado por aguardente”, reforçando o estereótipo do indígena embriagado. Apesar da relevância que este personagem teve para a expedição ele não é descrito além de um “indígena melhor que a média”:

We camped a few rods away from the owner's grass-thatched hut, and it was not long before he came to visit us and to inquire our business. He turned out to be an Indian rather better than the average, but overfond of "fire-water". His occupation consisted in selling grass and pasturage to passing travelers and in occasionally providing them with ardent spirits. He said that on the top of the magnificent precipices near by there were some ruins at a place called Machu Picchu, and that there were others still more inaccessible at Huayna Picchu, on a peak not far distant from our camp<sup>22</sup> (THE NATIONAL GEOGRAPHIC, 1913, p. 403).

Escrita em terceira pessoa, a reportagem traz ares de expedição fantástica, narrando as dificuldades enfrentadas pela equipe para chegar até a cidadela incaica. Os vales e montanhas da região são apresentados como perigosos, desafiadores e sinistros. O risco de queda e morte são iminentes. A natureza é exibida, desse modo, como um entrave para a realização da expedição<sup>23</sup>. Apesar disto, não há menção à única morte ocorrida ao longo das expedições. Realmente, em 1911, um garoto indígena<sup>24</sup> contratado para carregar os equipamentos de dois dos membros da equipe – o engenheiro e o topógrafo – morreu afogado. De acordo com estes últimos, o menino caiu durante a tentativa de cruzar o rio Urubamba:

Tucker y Hendriksen encontraron un punto poco profundo y empezaron a cruzar en sus mulas. Casi habían terminado de cruzar cuando se percataron de que el niño los estaba siguiendo a pie. Hendriksen y Tucker “le gritaron que regresara, e incluso le tiraron piedras, pero él siguió cruzando por una corta distancia”, escribió em su diario Paul Baxter Lanius, el miembro más joven de la expedición. “Dio un paso en falso en el lugar donde la corriente era más rápida y en un segundo fue arrastrado hacia una corriente más poderosa. Nunca pudo recuperarse, y en pocos minutos se le perdió de vista” (LANIUS, 1911, *apud* HAENEY, 2016, p. 119).

O equipamento topográfico de Hendriksen foi localizado adiante do local onde ocorreu o acidente, junto com o poncho do menino, entre as rochas. Seu corpo jamais foi encontrado. No ano seguinte, José Gabriel Cosío, um professor de Cuzco

<sup>22</sup> “Acampamos a alguns metros da cabana de palha do proprietário, e não demorou muito para que ele viesse nos visitar e perguntar sobre o nosso negócio. Ele acabou por ser um índio um pouco melhor do que a média, mas gostava demais de “água de fogo”. Sua ocupação consistia em vender grama e pastagens para os viajantes que passavam e, ocasionalmente, fornecer-lhes espíritos ardentes. Ele disse que no topo dos magníficos precipícios próximos havia algumas ruínas em um lugar chamado Machu Picchu, e que havia outras ainda mais inacessíveis em Huayna Picchu, em um pico não muito distante de nosso acampamento”. [Tradução livre da autora].

<sup>23</sup> Em nosso Trabalho de Conclusão de Curso, analisamos essa questão no segundo capítulo.

<sup>24</sup> O nome do menino nunca foi registrado.

que percorreu o mesmo caminho de Bingham, e que posteriormente foi nomeado como supervisor dos trabalhos da YPE pelo governo peruano, ouviu dos indígenas uma versão diferente para o ocorrido. Segundo estes, a morte da criança foi acidental, na tentativa de cruzar o rio. Contudo, nesta versão, os norte-americanos haviam enviado o menino para testar as águas e verificar se havia condições de cruzar o rio: “Después de caer, Tucker y Hendriksen en realidad sí encontraron al niño ahogado, recuperaron la alidada y volvieron a empujar su cadáver al río” (HEANEY, 2016, p. 120). Segundo Heaney (2016), Bingham relatou o ocorrido em seu diário, porém jamais tornou a mencionar o episódio em público.

Após o encontro com o indígena que passaria a ser o guia do grupo, Bingham relata que ele se ofereceu para levar a expedição até Machu Picchu, caso fosse pago. De acordo com o chefe da expedição, “His idea of proper payment was 50 cents for his day's labor. This did not seem unreasonable, although it was two and one-half times his usual day's wage”<sup>25</sup> (THE NATIONAL GEOGRAPHIC, 1913, p. 403). Assim, esse homem, que não possui nome nem é descrito em suas características, se torna o guia do grupo e o leva até Machu Picchu. Na revista seu nome não é mencionado, porém sabemos, através dos diários de Bingham e de outros membros da expedição, que se chamava Melchor Arteaga (HEANEY, 2016, HALL, 2020).

Contudo, mais do que a jornada dos exploradores, a principal atração da edição de 1913 foi a cidadela incaica e toda a especulação gerada sobre ela durante os próximos anos. No próximo capítulo analisaremos a maneira como a revista tratou Machu Picchu e como o discurso construído pela revista sobre ela está intimamente ligado ao discurso hegemônico estadunidense.

---

<sup>25</sup> “Sua ideia de pagamento adequado era de 50 centavos por seu dia de trabalho. Isso não parecia irracional, embora fosse duas vezes e meia o seu salário diário normal” [Tradução livre da autora].

### 3 PROJETOS IMPERIAIS

Como já destacamos, os Estados Unidos desenvolveram em relação a seus vizinhos do sul, desde o século XIX, um discurso carregado de preconceitos, muitos revelados a partir de pares assimétricos que, segundo esclareceu Feres Jr. (2005), qualificavam os latino-americanos como inferiores aos estadunidenses, seja por questões raciais, seja por questões “morais”. Vimos também que, embora este discurso tenha surgido no início do século XIX, foi a partir da segunda metade do Oitocentos que ele passou a justificar intervenções nos países latinos, intensificando o debate acerca da autoridade estadunidense sobre a América Latina.

Nesse capítulo pretendemos demonstrar como esse discurso de superioridade – física, intelectual e moral – estadunidense alimentava as pretensões para a expedição de Bingham e foi essencial para a narrativa que a revista *National Geographic* construiu sobre Machu Picchu. Analisando a maneira como a reportagem tratou Machu Picchu e a partir de Salvatore (1998, 2016) e Hall (2020), planejamos perceber como esse discurso está presente na cobertura da revista e como ele se relaciona com a política externa norte-americana. Contudo, é necessário para isto, apresentarmos, ainda que rapidamente e genericamente, o panorama das relações entre EUA e os países da América Latina naquele período.

Já mencionamos que ao enviar cientistas e professores universitários para o continente sul-americano, os EUA buscavam coletar informações importantes sobre o subcontinente, com o intuito de estabelecer um controle sobre essas nações, especialmente no campo político. Esse movimento estava em sintonia com os interesses expansionistas capitalistas estadunidenses. Como argumentou Ricardo Salvatore (2016), seria essa produção textual e científica que seria utilizada posteriormente na construção do *império informal*<sup>1</sup> benevolente que os Estados Unidos constituíram.

Nesse sentido, o objetivo deste capítulo é perceber como o discurso construído sobre Machu Picchu se relaciona com a política externa norte-americana. É importante ressaltar que os interesses científicos sobre a América do Sul estavam associados aos interesses econômicos e políticos de empresas e do próprio governo

---

<sup>1</sup> Ricardo Salvatore define como Império Informal uma série de práticas representacionais que contribuíram para a construção de uma imagem entre os Estados Unidos e outros países, possibilitando a expansão dos EUA na América Latina e Caribe.

norte-americano. Salvatore (2016) argumenta que durante a primeira metade do século XX floresceu uma ideia de pan-americanismo que, segundo o autor, proporcionou uma circulação entre o conhecimento produzido por acadêmicos e cientistas, empresários e políticos estadunidenses: “The era of Pan-Americanism was a particular conjuncture in which economic opportunities made knowledge of South America a special concern shared by U.S. businessmen, foreign policy makers, and scholars”<sup>2</sup> (SALVATORE, 2016, p. 3). Alguns países destacavam-se econômica e socialmente na América do Sul, como é o caso dos *ABC powers*, Argentina, Brasil, Chile e Uruguai. Segundo o autor, entusiastas do pan-americanismo descreviam esses países como terras de oportunidade para empresários e investidores estadunidenses (SALVATORE, 2016). Dessa forma, o conhecimento produzido pelos Estados Unidos ajudou a formular novas questões para a história, a política, a sociedade, cultura e meio-ambiente. Por sua vez, esses campos de estudo passaram a produzir informações sobre raça, gênero, nação e poder na América do Sul: “The possibility of viewing the whole field from a distance and the authority to pronounce general statements about the regions past, present, and potential future constituted a pervasive and enduring form of power”<sup>3</sup> (SALVATORE, 2016, p. 5).

Ricardo Salvatore (2016) chamou esse processo de construção científica da América do Sul de *Conquista intelectual da América*. O autor defende que o conhecimento produzido sobre o continente sul-americano foi uma pré-condição para a construção de uma influência estadunidense sobre a América do Sul: “In this regard, their views sustained and accompanied the transition from Big Stick diplomacy to the Good Neighbor Policy”<sup>4</sup> (SALVATORE, 2016, p. 6). É nesse contexto que está inserida a YPE. Uma expedição que queria assegurar a descoberta de uma suposta cidade perdida na América do Sul que elevou o diretor da expedição, Hiram Bingham, a status de herói. Como o autor apresenta, esse era um ímpeto imperializante.

---

<sup>2</sup> “A era do pan-americanismo foi uma conjuntura particular em que as oportunidades econômicas tornaram o conhecimento da América do Sul uma preocupação especial compartilhada por empresários, formuladores de política externa e acadêmicos dos Estados Unidos.” [Tradução livre da autora].

<sup>3</sup> “A possibilidade de ver todo o campo à distância e a autoridade para pronunciar declarações gerais sobre o passado, o presente e o futuro potencial da região constituíam uma forma de poder penetrante e duradoura”. [Tradução livre da autora].

<sup>4</sup> “Nesse sentido, suas visões sustentaram e acompanharam a transição da diplomacia do Big Stick para a Política da Boa Vizinhança”. [Tradução livre da autora].

### 3.1 Os congressos científicos e a relação entre EUA e América do Sul no início do século XX

Em 1898 realizou-se, em Buenos Aires, o Primer Congreso Científico Latinoamericano. Organizado pela Sociedade Científica Argentina e realizado em comemoração ao vigésimo quinto aniversário de fundação da instituição, o congresso tinha como objetivo apresentar o desenvolvimento de uma incipiente ciência latino-americana. De acordo com Oscar Isaza (2011), o escopo do evento era refletir e debater sobre os valores místicos como universais da ciência, ao mesmo tempo em que tentavam adequá-la para a realidade latino-americana. Segundo o autor, foi um espaço utilizado pelas elites latino-americanas para apresentar a ciência produzida no continente, em clara oposição às representações estadunidenses da América Latina:

Se trató de una experiencia paralela al proceso de conocimiento e intervención imperialista de América Latina por los Estados Unidos después de la guerra hispanoamericana de 1898, que convirtió al sur del continente en un espacio de exhibición permanente para las empresas y el público estadounidenses (ISAZA, 2011, p. 88).

No século XIX a ciência enquanto um campo de investigação e inovação avançava nos Estados Unidos e Europa; na América Latina, por outro lado, este campo ainda era bastante incipiente, especialmente aparecendo a partir do trabalho de algumas universidades, institutos de engenharia e de medicina, ou até mesmo de pesquisadores individuais (Sagasti e Pávez, 1989). Contudo, não havia um apoio por parte dos governos nacionais, não conseguindo assim rivalizar com países como os EUA, por exemplo

El incipiente grado de desarrollo económico no permitió generar una demanda sostenida de actividades científicas y tecnologías, la superioridad intelectual de Europa y Estados Unidos los convertían en las fuentes lógicas de ideas y técnicas productivas, los rasgos culturales ibéricos no propiciaron actitudes favorables a la ciencia, y la inestabilidad política de la región no permitió la acumulación de esfuerzos (SAGASTI, PÁVEZ, 1989, p. 4-5).

Ainda assim, os autores atentam para o fato de que desde as primeiras décadas do Oitocentos os países latino-americanos estabeleceram instituições científicas, como museus e jardins botânicos em países como Brasil e México. Cientistas estrangeiros vieram lecionar em universidades, especialmente na

Argentina, Chile e Uruguai, o que estimulava a pesquisa científica nessas instituições. Além disso acrescentam que “[...] las investigaciones en medicina y, salud pública habían producido importantes resultados para controlar enfermedades tales como la fiebre amarilla y la verruga peruana, y para producir vacunas” (SAGASTI, PÁVEZ, 1989, p.5). Os anais de uma revista de engenharia colombiana já preconizava sobre a importância de se produzir ciência no continente latino-americano<sup>5</sup>:

Hoy día nuestra ciencia es de copia o de compilación; aprendemos y repetimos la que otros han pensado o hecho, más no indagamos por nosotros mismos; a esta falta de originalidad en las aspiraciones y en los métodos, debe atribuirse el (sic) desfallecimiento de que adolecemos. Con condiciones naturales propicias al desenvolvimiento de la aspiración científica, permanecemos, sin embargo, inactivos.

¿Que estamos esperando? ¿Que vengan otros a resolver nuestros problemas científicos como esperamos que van a dar solución a nuestras dificultades industriales? Si nuestra actividad científica está aún muy restringida, no es esto un motivo que deba desalentarnos; antes, al contrario, es causa de aliento para marchar adelante: Fac et spera es un buen lema para los trabajadores del pensamiento (*apud* SAGASTI, PÁVEZ, 1989, p. 5).

A partir da virada do século observou-se um interesse por promover reformas no ensino universitário que estimulariam pesquisas científicas, além de surgir uma maior movimentação no sentido de articular instituições e pesquisadores em níveis nacionais e internacionais, como em congressos científicos (de acordo com Sagasti e Pávez, 1989). É justamente nesse contexto que surge o *Primer Congreso Científico Latinoamericano*, realizado em Buenos Aires. Depois da capital argentina, outras cidades que receberam o congresso foram Montevideo (1901), Rio de Janeiro (1905), Santiago (1908-1909) e Washington (1915-1916). Oscar Isaza (2011) chama a atenção para pequenas mudanças que ocorreram na nomenclatura do evento a partir da quarta edição. Segundo o autor, com o convite para a participação da delegação estadunidense, o congresso deixa de ser apenas latino-americano e

---

<sup>5</sup> De fato, já antes do final do XIX intelectuais sul-americanos produziam ciência. Jorge Cañizares-Esguerra (2019), atenta para o fato de Alexander von Humboldt apropriar-se, durante sua viagem pela América do Sul, de descobertas científicas produzidas por sul-americanos, jamais reconhecendo a importância que suas visitas a arquivos, museus e universidades sul-americanas resultaram em suas publicações. Como o autor demonstra, a chamada Corrente de Humboldt – que é assim denominada em homenagem ao naturalista – na verdade foi descoberta por Hipólito Unanue, um intelectual, médico e naturalista. Humboldt apropriou-se da descoberta de um peruano e a publicou na Europa como se fosse sua. Assim, não surpreende que a ciência sul-americana, apesar de existente, fosse silenciada em função das sucessivas apropriações por parte de viajantes estrangeiros.

passa a ser denominado “pan-americano”. Os participantes do congresso poderiam representar estados-nações, instituições científicas, ou frequentá-lo de forma individual, independente:

En las reuniones de Buenos Aires (1898), Montevideo (1901) y Río de Janeiro (1905) las asociaciones e instituciones científicas – con una participación oficial discreta y variable constituyeron la base del consenso del Congreso. En las reuniones de Santiago (1908-1909) y Washington (1915-1916) se observó el desplazamiento de la autoridad de los delegados de las instituciones y sociedades científicas a favor de los delegados oficiales, y la orientación de las conclusiones en función de las relaciones entre estados naciones (ISAZA, 2011, p. 92).

Isaza (2011) demonstra que a cada edição do evento, a adesão de estados e delegações oficiais era maior. Na primeira edição, por exemplo, participaram delegados oficiais de cinco países, sendo México, Paraguai, Equador, Venezuela e Peru, além de pessoas e instituições que vinham do Brasil, Bolívia, Colômbia, Chile e Uruguai. Contudo, a edição chilena do congresso foi a mais importante registrando-se a participação de vinte delegações oficiais e a realização de mais de setecentas comunicações científicas.

Uma das delegações que participaram do Primer Congreso Científico Panamericano foi a dos Estado Unidos, convidada pela primeira vez. O Delegado geral da delegação era Leo Rowe, um importante cientista político estadunidense e articulador científico entre a América do Sul e os EUA. De acordo com Salvatore (2016), entre os anos de 1906 e 1909, Rowe interagiu com intelectuais sul-americanos, reportando aos EUA as mudanças na economia e uma política estável nos países sul-americanos:

After the First World War, he promoted ‘intellectual cooperation’ as the most effective way to build U.S. hegemony in Latin America. From its inception, the idea of intellectual cooperation was related to the spectacle of progress in the Southern Cone. It was rapid economic growth and institutional stability that made the region comparable to the United States and sustained the hope of a hemispheric brotherhood of scholars<sup>6</sup> (SALVATORE, 2016, p. 135).

---

<sup>6</sup> “Após a Primeira Guerra Mundial, ele promoveu a “cooperação intelectual” como a forma mais eficaz de construir o poder dos EUA. hegemonia na América Latina. Desde o seu início, a ideia de cooperação intelectual esteve relacionada ao espetáculo do progresso no Cone Sul. Foi o rápido crescimento econômico e a estabilidade institucional que tornaram a região comparável aos Estados Unidos e sustentaram a esperança de uma irmandade hemisférica de acadêmicos”. [Tradução livre da autora].

Outro membro da delegação estadunidense foi o explorador Hiram Bingham, que foi convidado a participar do Congresso pelo então secretário de Estado estadunidense, Elihu Root. O título de sua apresentação era bastante indicativo do que Bingham pensava acerca da América do Sul naquele momento: “Why the English Colonies on Achieving their Independence Constituted a Single State, whereas the Latin-American Colonies could not Form a Federation among Themselves, nor even a Confederation”<sup>7</sup>. Antes de chegar ao Chile para participar do evento, a comitiva de Yale viajou para Buenos Aires, onde visitaram a Universidad Nacional de la Plata<sup>8</sup>, e após o término do Primer Congreso, o explorador realizou uma viagem pelo continente sul-americano, da qual resultou a publicação, em 1911, de *Across South America*. Sobre o congresso, Bingham diz:

The Pan-American Scientific Congress was not far different. It offered an excellent opportunity for the scientist of Latin-America to renew old acquaintance, and it gave the favored delegates from the United States a chance to make new friends among men whose interests are chiefly intellectual<sup>9</sup> (BINGHAM, 1911, p. 184).

De acordo com Bingham, o programa do congresso cobriu diversas áreas de conhecimento, desde questões sobre saneamento, até Direito Internacional, passando por temas como a antiguidade do homem americano – no capítulo anterior ressaltamos a importância deste tópico – até questões sobre instrução escolar primária. Além disso Bingham destaca que as discussões que aconteciam durante o congresso serviam também para aproximar pessoas que não conseguiriam se conhecer de outra forma. Infelizmente Bingham não nos dá mais detalhes sobre as reuniões e palestras ocorridas no encontro, mas escreve sobre a cidade de Santiago, sua população, economia, entre outros aspectos, para seus leitores.

---

<sup>7</sup> Por que as colônias inglesas ao alcançar sua independência constituíram um só Estado, enquanto que as colônias latino-americanas não puderam formar entre si uma federação, nem sequer uma confederação. [Tradução livre da autora].

<sup>8</sup> Jorge Troisi Melean (2022) discute, em seu artigo intitulado “Indiana Jones, la Doctrina Monroe y algunos apuntes sobre la identidad continental estadounidense” a mudança de perspectiva sofrida por Hiram Bingham após sua viagem para a América do Sul. De acordo com o autor, Bingham, antes um ferrenho defensor da Doutrina Monroe, passa a defender a autonomia no países sul-americanos e posiciona-se contra a intervenção estadunidense em nome de uma suposta ordem política.

<sup>9</sup> “O Congresso Científico Pan-Americano não foi muito diferente. Ofereceu uma excelente oportunidade para o cientista da América Latina renovar velhos conhecimentos e deu aos delegados favoritos dos Estados Unidos uma chance de fazer novos amigos entre homens cujos interesses são principalmente intelectuais”. [Tradução livre da autora].

Durante o último dia de evento, Bingham expõe os discursos proferidos pelos delegados de cada país ressaltando os contrastes entre sotaques:

Perhaps the most striking thing of the evening was the contrast between the speeches of that member of the American delegation who had been chosen to respond to the toast, “The United States”, and the one that followed it delivered by a brilliant young orator from Uruguay. As might have been expected, the latter was fiery, flowery, and ecstatic, while the former was dignified and well within the bounds of reason even in his compliments. The unexpected and very striking difference was that the American spoke better Spanish, pure Castilian, melodious and graceful. The Uruguayan speech was in the offensive dialect of Montevideo, harsh to ear, resembling Portuguese in its guttural quality<sup>10</sup> (BINGHAM 1911, p. 195).

É digno de nota também que Bingham argumente que, “como era o esperado”, o discurso do estadunidense é mais digno e racional que o do uruguaio. Ou seja, apesar de estar em um congresso científico organizado por latino-americanos, Bingham continua assegurando a superioridade científica estadunidense sobre os latinos, afirmando que estes possuem um discurso prolixo e emocionado. Além disso, o explorador tece comentários preconceituosos sobre os sotaques sul-americanos, alegando que o sotaque uruguaio é áspero e de difícil compreensão – enquanto ele próprio encontrou dificuldades em aprender o idioma<sup>11</sup> – e que os próprios estadunidenses falavam melhor o idioma alheio (!). Ainda segundo o explorador, o único discurso capaz de rivalizar com o dos estadunidenses foi o do general Uribe Uribe, delegado da Colômbia, que falava “[...] the best Castilian in America” (BINGHAM, 1911, p. 195).

Apesar de sua participação no Congresso Pan-Americano, Bingham fala muito pouco sobre quais assuntos foram abordados, quais as mesas e palestras ele ouviu, em que isso agregou às suas pesquisas, etc. Em vez disso, o explorador descreve as diferenças socioculturais entre países sul-americanos e seus sotaques. O relato de *Across South America* também fala mais sobre a sua experiência enquanto um cientista estadunidense viajando pelo continente, do que sobre sua interação com cientistas latino-americanos. Acreditamos que, por tratar-se de um

---

<sup>10</sup> “Talvez o mais marcante da noite tenha sido o contraste entre os discursos daquele membro da delegação americana que foi escolhido para responder ao brinde, “Os Estados Unidos”, e o que se seguiu, proferido por um jovem e brilhante orador de Uruguai. Como era de se esperar, o último era ardente, floreado e extático, enquanto o primeiro era digno e bem dentro dos limites da razão, mesmo em seus cumprimentos. A diferença inesperada e muito marcante foi que o americano falava melhor o espanhol, castelhano puro, melodioso e gracioso. A fala uruguaia era no dialeto ofensivo de Montevideú, áspero ao ouvido, lembrando o português em sua qualidade gutural”. [Tradução livre da autora].

<sup>11</sup> HENAEY, 2016.

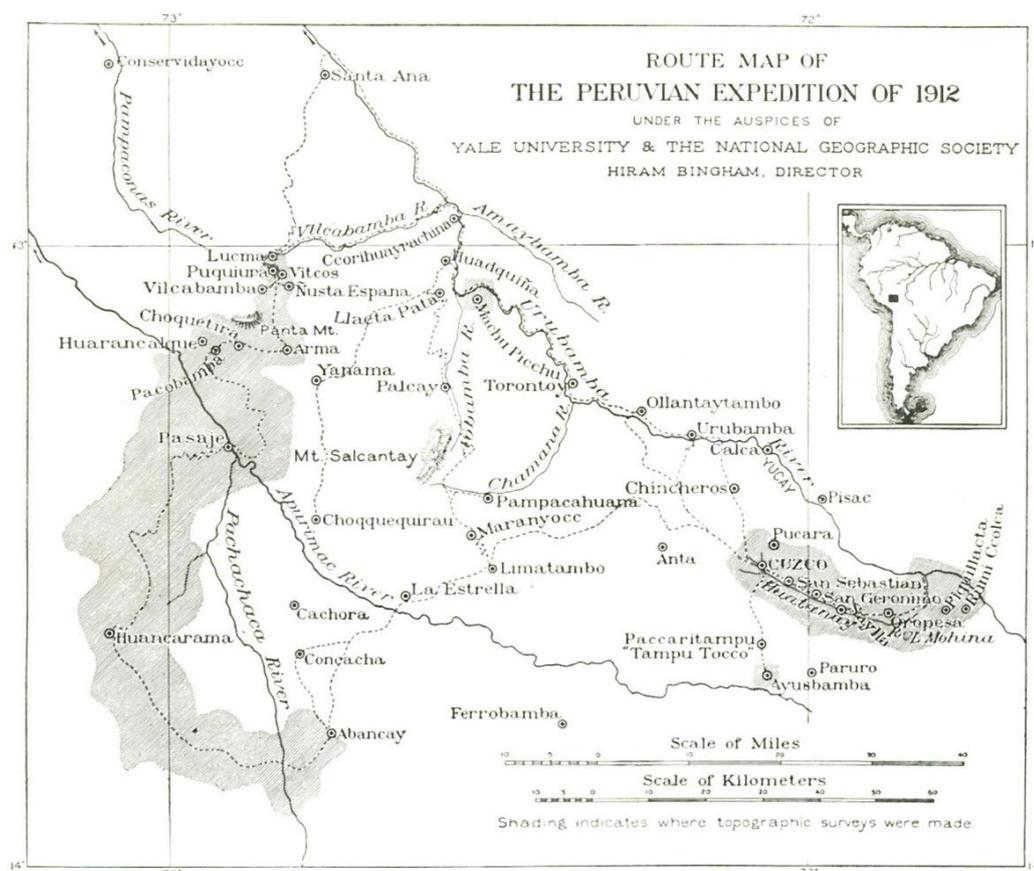
cientista estadunidense e, portanto, oriundo de uma cultura hegemônica, Bingham reservou pouca importância para seus pares no congresso e o que mais tenha lhe chamado a atenção tenha sido o *áspero sotaque* uruguaio.

### 3. 2 As “ruínas” de Machu Picchu

Desde a divulgação dos resultados da Yale Peruvian Expedition, liderada por Hiram Bingham, Machu Picchu passou a ser apresentada como uma “cidade perdida”. Esta ideia, insistentemente veiculada pelo explorador estadunidense em seu *Relato de Viagem* (2010) e, também, pela série de reportagens que estamos discutindo, firmou-se a ponto de continuar sendo reproduzida contemporaneamente.

A reportagem apresenta, logo no início, um mapa que mostra a área explorada por Bingham e sua equipe durante a expedição de 1912 (Figura 14).

Figura 14 – Mapa da região explorada pela YPE



MAP OF REGION EXPLORED BY YALE-NATIONAL GEOGRAPHIC SOCIETY EXPEDITION

The dotted lines indicate the routes taken by various members of the expedition and show how thoroughly the country was covered during 1912. The shaded areas indicate the extent of the careful topographical surveys. The black spot on the little map of South America in the corner indicates the location and extent of the route map.

Fonte: The National Geographic Magazine (1913, p. 388).

Legenda: Mapa da região explorada pela Yale Peruvian Expedition.

Na reportagem, Bingham insinua que Machu Picchu possa ser Tampu Tocco, local mítico da fundação da Civilização Inca:

The fact that one of the most important buildings was marked by three windows, a rare feature in Peruvian architecture, and that many of the other buildings had windows, added to the significant circumstance that the city was located in the most inaccessible part of the Andes, inclined me to feel that there was a chance that Machu Picchu might be prove to be Tampu Tocco<sup>12</sup> [...] (THE NATIONAL GEOGRAPHIC, 1913, p. 409).

Assim, ao deparar-se com as antigas construções, a primeira ideia de Bingham foi associá-las a uma origem mítica, relacionando-as com a lendária cidade de onde teriam vindo os primeiros incas, Manco Cápac, Mama Ocllo e seus irmãos. Bingham argumenta que é essa importância lendária de Machu Picchu que sustenta a magnitude da descoberta.

De acordo com Leila Gómez (2009), ao representar Machu Picchu em meio à densa vegetação, Bingham aproxima-a de seu estado natural, primitivo. Sobre isso, a autora comenta:

El documento sigue asimismo la estética de la decadencia, en donde la naturaleza aparece retrabajando las construcciones de piedra, avanzando sobre ellas para acapararlas. De este modo el esplendor de la antigüedad se reintegra a su origen natural, a su estado primitivo. Esto es porque, en la estética occidental, la decadencia implica un regreso al estado natural (GÓMEZ, 2009, p. 224).

Para a autora, as fotografias de Machu Picchu possuíam dois públicos diferentes, e por isso mesmo dois valores: o histórico e o de antiguidade. As fotografias são documentos históricos que despertaram o interesse de acadêmicos, tanto estrangeiros quanto locais. Por outro lado, as fotografias também eram direcionadas para o público geral, que observaria sua antiguidade, anulando distância do tempo presente com o tempo das construções:

---

<sup>12</sup> “O fato de um dos edifícios mais importantes ser marcado por três janelas, uma característica rara na arquitetura peruana, e de muitos dos outros edifícios terem janelas, somado à circunstância significativa de que a cidade estava localizada na parte mais inacessível dos Andes. , me levou a sentir que havia uma chance de que Machu Picchu pudesse provar ser Tampu Tocco.” [Tradução livre da autora].

Este valor de antigüedad, evidenciado en la decadencia, la fragmentación, la reintegración de lo histórico a la naturaleza, apela a la mayoría de los observadores y visitantes de museos, y, en el caso de Bingham, a los lectores de *The National Geographic Magazine* (GÓMEZ, 2009, p. 225).

Além disso a autora afirma que, para a estética moderna – da qual Bingham também faz parte – as ruínas são um *memento mori*. Assim, os edifícios apresentam uma civilização que morreu, que deixou de existir, só restando seus vestígios:

Las fotografías del templo de las tres ventanas reúnen el valor histórico y documental específico de Machu Picchu para especialistas en la cultura Inca y el valor de antigüedad con su *memento mori* para los sueños del vitalismo imperial y la supremacía del conquistador (GÓMEZ, 2009, p. 225, grifo da autora).

A escolha de representar, na maior parte das fotografias, o Templo das Três Janelas, também é uma tentativa de Bingham produzir um lugar sagrado, de transformar Machu Picchu em Tampu Tocco. Podemos verificar a essa representação nas fotografias que Bingham toma de Machu Picchu, retratando as construções decadentes, com vegetação crescendo nas paredes e entre as edificações. Como mencionamos anteriormente no trabalho, além deste passado incaico, o sítio tinha um presente, já que havia pessoas que o utilizavam como local de cultivo e pastoreio. Contudo, para reclamar para si o feito de descobridor, Bingham necessitava retratá-lo como abandonado e esquecido no tempo (GÓMEZ, 2009). E nesse sentido, a fotografia foi não apenas o registro desse feito, mas também a evidência fotográfica para um mercado imperial:

Del mismo modo que el cine posibilitó la profundización del psicoanálisis a partir del estudio de los personajes fílmicos, cuyo comportamiento podía ser analizado en detalle gracias al replay, *las ruinas podían ser transportadas a los hogares, laboratorios y bibliotecas de miles de personas sin la necesidad de desplazamientos*. Ésta es la función que cumplió principalmente la *National Geographic Magazine* con su amplia difusión de fotografías y relatos de viajes científicos de divulgación masiva (GÓMEZ, 2009, p. 188, grifo nosso).

Para a autora, é evidente que Bingham prioriza cumprir uma expectativa hipermoderna: encurtar a distância entre o objeto encontrado e o leitor/espectador, permitindo, assim, a experiência do distante (GÓMEZ, 2009). Nesse sentido, o leitor da revista não apenas observa a fotografia, mas como Mizan (2011) aponta, também *consume* aquele outro que é retratado nas páginas. Nesse caso Machu Picchu.

De acordo com a revista, a história de Tampu Tocco é narrada por alguns cronistas espanhóis e seria a seguinte:

Thousands of years ago there were lived in the highlands of Peru a megalithic folk who developed a remarkable civilization, and who left, as architectural records, such cyclopean structures as the fortresses of Sacsahuaman and Ollantaytambo. These people were attacked by barbarian hordes coming from the south – possibly from the Argentine pampas. They were defeated, and fled into one of the most inaccessible Andine cañons. Here, in a region strongly defended by nature, they descendants lived for several centuries. The chief was called Tampu Tocco<sup>13</sup> (THE NATIONAL GEOGRAPHIC, 1913, p. 410).

Assim a revista, e Bingham, tratam a descoberta de Machu Picchu como algo místico, dando um tom quase sobrenatural para a expedição e a cidadela encontrada. Para o explorador, as crônicas espanholas situaram Tampu Tocco numa localidade chamada Pacaritampu. Tampu Tocco está relacionado, segundo a revista, à existência de um local com três janelas, que significariam os três irmãos, da qual descendem os três clãs que originaram a civilização Inca (THE NATIONAL GEOGRAPHIC, 1913).

De acordo com Bingham, havia o interesse da equipe de entender se Pacaritampu era de fato Tampu Tocco. Eaton, o osteologista da equipe, explorou a região e reportou que “In fact, there are neither windows nor caves in the vicinity, and the general topography does not lend itself to a rational connection with the tradition regarding Tampu Tocco<sup>14</sup>” (THE NATIONAL GEOGRAPHIC, 1913, p. 414). O explorador aventava sobre a possibilidade de os incas terem enganado propositalmente os espanhóis com relação à localização da cidade mítica, para despistá-los:

The presence at Machu Picchu of three large windows in one of the most conspicuous and best-built structures led me to wonder whether it might not be possible that the Incas had purposely deceived the Spaniards in placing

---

<sup>13</sup> “Há milhares de anos viveu nas terras altas do Peru um povo megalítico que desenvolveu uma civilização notável e que deixou, como registros arquitetônicos, estruturas ciclópicas como as fortalezas de Sacsahuaman e Ollantaytambo. Essas pessoas foram atacadas por hordas bárbaras vindas do Sul – possivelmente dos pampas argentinos. Eles foram derrotados e fugiram para um dos cañons andinos mais inacessíveis. Aqui, numa região fortemente defendida pela natureza, os seus descendentes viveram durante vários séculos. O chefe chamava-se Tampu Tocco.” [Tradução livre da autora].

<sup>14</sup> “De fato, não há janelas nem cavernas nas proximidades, e a topografia geral não se presta a uma conexão racional com a tradição de Tampu Tocco.” [Tradução livre da autora].

Tampu Tocco southwest of Cuzco when it was actually north of Cuzco, at Machu Picchu<sup>15</sup> (THE NATIONAL GEOGRAPHIC, 1913, p. 414).

Segundo Bingham, além de a topografia da região ser adequada para esconder as construções de espanhóis, por estarem situadas entre a floresta nas montanhas, para o explorador, também a descrição do templo com três janelas coincidia com uma das estruturas encontradas em Machu Picchu:

The topography of the region meets the necessities of the traditions: the presence of windows in the houses might readily give the name Tampu Tocco, or "place of temporary residence where there are windows", to this place, and the three conspicuous windows in the principal temple fits in well with the tradition of the three brothers coming out of three windows<sup>16</sup> (THE NATIONAL GEOGRAPHIC, 1913, p. 414).

Contudo, apesar das especulações acerca da origem de Machu Picchu e de sua relevância para os incas, o mais importante para Bingham era o fato de a cidadela nunca ter sido tocada por brancos, nem pelos conquistadores espanhóis, nem outros exploradores nos séculos seguintes. Ricardo Salvatore (2016) afirma que era importante para a revista *National* que a *descoberta* da equipe tivesse ares de conquista, de ineditismo. E Bingham destaca a todo momento o fato de ter sido o descobridor da cidade. Posteriormente, em palestras, artigos, e até mesmo em seu livro, ele continuará afirmando ser o descobridor desta cidadela.

O acesso ao sítio envolvia uma série de desafios, como cruzar a poderosa corrente do rio Urubamba, subir por estreitas estradas entre as montanhas, abrir caminhos por entre a mata. Além das escaladas, outra dificuldade que a equipe encontrou foi a falta de pontes que pudessem ser usadas. Assim, tornou-se necessário construí-las para o transporte de artefatos e suprimentos. É provável que Bingham receasse um acidente semelhante como o ocorrido em 1911, com a morte do menino que trabalhava para a equipe, apesar de não mencionar esse episódio em nenhum momento. Ademais, a YPE subiu a montanha numa estação chuvosa. Isso embaraçava mais ainda o deslocamento, especialmente a travessia de rios, já

---

<sup>15</sup> "A presença em Machu Picchu de três grandes janelas em uma das estruturas mais visíveis e bem construídas me levou a pensar se não seria possível que os incas tivessem enganado propositalmente os espanhóis ao colocar Tampu Tocco a sudoeste de Cuzco quando na verdade era o norte de Cuzco, em Machu Picchu." [Tradução livre da autora].

<sup>16</sup> "A topografia da região atende às necessidades das tradições: a presença de janelas nas casas pode facilmente dar o nome de Tampu Tocco, ou "lugar de residência temporária onde há janelas", a este local, e as três janelas salientes no templo principal se encaixa bem com a tradição dos três irmãos saindo de três janelas." [Tradução livre da autora].

que, devido às cheias, as pontes existentes eram arrastadas pela correnteza. Tal como isso é descrito pela revista, a expedição parece um romance de aventura:

Knowing that even this log had gone with the later floods, it was with some apprehension that I started Assistant Topographer Heald out from Cuzco early in July, 1912, with instructions to construct a bridge across the Urubamba River opposite Machu Picchu, and make a good trail from the river to the ruins – a trail sufficiently good for Indian bearers to use in carrying our 60-poud food-boxes up to the cam and, later, our 90-pound boxes of potsherds and specimens down to the mule trail near the river<sup>17</sup> (THE NATIONAL GEOGRAPHIC, 1913, p. 416-417).

Leila Gómez (2007) afirma que Bingham enfatiza a experiência corporal, ou seja, a força do homem contra a natureza. Segundo a autora, ele irá valorizar “[...] la resistencia y la audacia corporal como las características con las que él mismo se presentará ante la comunidade científica y el público em general” (GÓMEZ, 2007, p.499). Existe, no relato do explorador, uma necessidade de medir, calcular distâncias, alturas, as adversidades climáticas, indicando uma associação com a metafísica do ser e da experiência moderna que já estava presente nos relatos de Alexander von Humboldt. Trata-se de colocar à “[...] prueba constante del cuerpo masculino, para que él éxito de la empresa confirme el triunfo de la virilidad sobre la naturaliza hostil” (GÓMEZ, 2007, p. 500).

Assim, cada passo aproximando-se da *llacta* é narrado com aflição, e cada pequena vitória é comemorada. A maneira como Bingham capta o leitor da revista, ansioso por conhecer as aventuras da equipe em busca de uma cidade perdida no meio das florestas na América do Sul, é a mesma que escritores de romances de aventura apresentam suas histórias e heróis<sup>18</sup>. No entanto, diferentemente da ficção, Bingham possui as fotografias tiradas durante as expedições que comprovam o que por ele é narrado.

Ao descrever a ocasião em que a equipe encontrou a mata em chamas ele diz:

---

<sup>17</sup> “Sabendo que até mesmo este tronco havia sumido com as enchentes posteriores, foi com alguma apreensão que dei início ao Topógrafo Assistente Heald de Cuzco no início de julho de 1912, com instruções para construir uma ponte sobre o rio Urubamba em frente a Machu Picchu, e fazer uma boa trilha do rio até as ruínas - uma trilha suficientemente boa para os carregadores índios usarem para carregar nossas caixas de comida de 60 libras até o came e, mais tarde, nossas caixas de 90 libras com fragmentos de cerâmica e espécimes até a trilha da mula perto do rio.” [Tradução livre da autora].

<sup>18</sup> Este caráter aventureiro que Bingham empresta à narrativa de sua expedição, parece ter inspirado a figura de Indiana Jones, conhecido protagonista de uma série de filmes, protagonizado por Harrison Ford, criado por George Lucas e dirigido por Steven Spielberg (MELEAN, 2022).

There was nothing for us but to run, and we did that, tearing through the jungle down hill in an effort to get around the side of the fire. Suddenly, on one of my jumps, I didn't stop when I expected to, but kept right on through the air. The brush had masked a nice little 8-foot jump-off, and I got beautifully bumped. In a minute there came a thump, and Tomáz landed beside me. It amused me so much to watch him that I forgot all about my own jolted bones. There was nothing broken, however, and we made our way without much more trouble around the fire and fell upon the peons, who were gathered in a bunch, speculating as to where we might be<sup>19</sup> (THE NATIONAL GEOGRAPHIC, 1913, p. 424-425).

A convivência entre estadunidenses e indígenas e trabalhadores não era pacífica, havendo a suspeita, por parte da equipe, de que moradores da região tenham atestado fogo na mata na tentativa de dissuadi-los de prosseguir: “Los indios encendieron una fogata que alegaron se les fue de control y casi mató a Heald y al soldado, pero Heald tenía sospechas de juego sucio (HEANEY, 2020, p. 26). Os indígenas que trabalhavam para expedição eram, na realidade, recrutados por um militar que fora designado para acompanhar a equipe de Bingham. Eles não tinham alternativa além de colaborar com o trabalho dos estadunidenses, apesar de receberem um soldo pelo dia de trabalho.

Ao relatar o trabalho de limpeza realizado no sítio, a reportagem assume um tom de cuidado e zelo, atentando para o ato de que o governo peruano deveria cuidar para que a vegetação não crescesse e prejudicasse as construções: “Although the building are extremely well built, there is no cement or mortar in the masonry, and there is no means of preventing the roots of forest trees from penetrating the walls and eventually tearing them all<sup>20</sup>” (THE NATIONAL GEOGRAPHIC, 1913, p. 451). A reportagem também chama a atenção para a diferença entre o antes e após a limpeza do local (Figura 15).

Com efeito, uma das primeiras preocupações de Bingham ao chegar ao local foi ordenar aos indígenas que o limpassem, retirando a densa vegetação que cobria boa parte das construções: “Es cierto que la expedición debía hacer planos

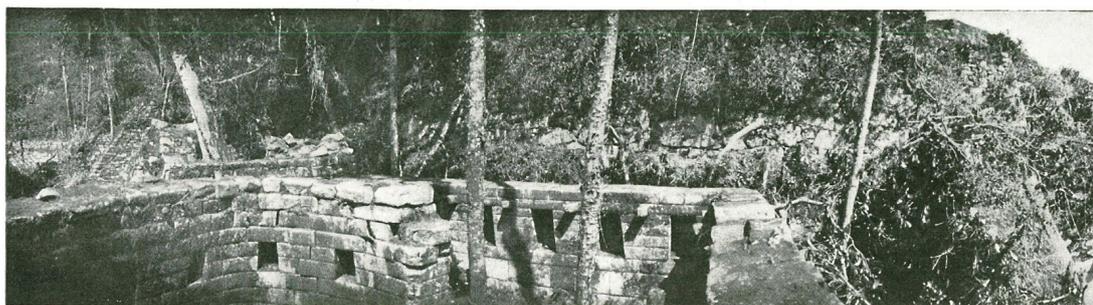
---

<sup>19</sup> “Não havia nada para nós além de correr, e nós fizemos isso, abrindo caminho pela selva morro abaixo em um esforço para contornar o lado do fogo. De repente, em um de meus saltos, não parei quando esperava, mas continuei no ar. O pincel mascarou um belo salto de 2,5 metros e fui lindamente atingido. Em um minuto houve um baque e Tomáz caiu ao meu lado. Divertia-me tanto observá-lo que me esqueci completamente dos meus próprios ossos sacudidos. Não havia nada quebrado, no entanto, e passamos sem muito mais problemas ao redor do fogo e caímos sobre os peões, que estavam reunidos em um bando, especulando sobre onde poderíamos estar.” [Tradução livre da autora].

<sup>20</sup> “Embora as edificações sejam extremamente bem construídas, não há cimento ou argamassa na alvenaria, e não há meios de impedir que as raízes das árvores da floresta penetrem nas paredes e acabem por rasgá-las todas.” [Tradução livre da autora].

arquitectónicos, pero Hiram también deseaba que Machu Picchu luciera espectacular para las fotos que pronto tomaría” (HEANEY, 2020, p. 28). Além disso, ele designou um dos indígenas apagar de uma parede o nome dos visitantes anteriores, entre eles Agustín Lizárraga.

Figura 15 - Antes e depois da limpeza de Machu Picchu



A VIEW OF ONE OF THE MOST INTERESTING PARTS OF MACHU PICCHU AFTER THE PRELIMINARY CLEARING



THE SAME THREE MONTHS LATER

Photos by Hiram Bingham

Fonte: The National Geographic Magazine (1913, p. 434).

Legenda: Fotografia de H. Bingham.

O interesse principal da expedição, após a limpeza do sítio, era sua escavação e a busca por possíveis artefatos: cerâmicas, bronze e ossos: “At the end of a week of hard and continuous labor we had no succeeded in finding a single skull, a single burial cave, nor any pieces of a bronze or pots worth mentioning<sup>21</sup>” (THE NATIONAL GEOGRAPHIC, 1913, p. 446). Bingham acreditava que encontraria algum tipo de tesouro ou grande sepultamento (HEANEY, 2020). Segundo o texto, as construções, incluindo o Templo das Três Janelas, foram escavadas, e apesar de

<sup>21</sup> “Ao final de uma semana de trabalho árduo e contínuo, não conseguimos encontrar um único crânio, uma única caverna funerária, nem peças de bronze ou potes dignos de menção.” [Tradução livre da autora].

encontrarem buracos pelo chão, eles estavam vazios. Sinais de que provavelmente o sítio já havia sido saqueado, o que não é mencionado na revista.

De acordo com Bingham, após uma semana de trabalho, nada de grandioso havia sido encontrado, além de algumas cerâmicas decoradas. O narrador deixa escapar um tom de frustração pela ausência de peças em ouro e prata ou múmias. Assim, para aumentar o engajamento dos trabalhadores, ele oferece aumento no pagamento dos ajudantes indígenas que encontrassem cerâmicas ou crânios que pudessem ser de alguma relevância para estudos posteriores

We did not like to resort to the giving of prizes at such an early stage. A day or two spent in hunting over the mountain side with the Indians for burial caves yielding no results, we finally offered a prize of one sol (50 cents gold) to any workman who would report the whereabouts of a cave containing a skull, and who would leave the cave exactly as he found it, allowing us to see the skull actually in position<sup>22</sup> (THE NATIONAL GEOGRAPHIC, 1913, p. 446).

Podemos encontrar aí o estereótipo, novamente, do indígena preguiçoso e avarento. Se, como comentamos anteriormente, eles não são questionados sobre suas tradições e aparecem de maneira alegórica, tanto nas imagens quanto no texto, aqui eles aparecem, não como os moradores da região, conhecedores da região, mas apenas como preocupados com o que podiam ganhar. Conforme o relato contido na Revista, a proposta surtiu o efeito desejado, já que após a oferta, alguns ajudantes reclamaram o prêmio:

But the Indians who lived in the vicinity, and who had undoubtedly engaged in treasure hunting before, responded nobly to the offer of a prize, and came back at the end of the day with the story that they had discovered not one, but eight, burial caves, and desired eight soles<sup>23</sup> (THE NATIONAL GEOGRAPHIC, 1913, p. 446).

Bingham sabia que não era comum deparar-se com tesouros de ouro e prata na arqueologia incaica, pois os incas costumavam transportar essas riquezas junto

---

<sup>22</sup> “Não gostávamos de recorrer à atribuição de prêmios numa fase tão precoce. Passados um ou dois dias caçando na encosta da montanha com os índios em busca de cavernas funerárias, sem resultados, finalmente oferecemos um prêmio de um sol (50 centavos de ouro) a qualquer trabalhador que relatasse o paradeiro de uma caverna contendo uma caveira e que deixaria a caverna exatamente como a encontrou, permitindo-nos ver o crânio realmente em posição.” [Tradução livre da autora].

<sup>23</sup> “Mas os índios que viviam nas redondezas, e que sem dúvida já haviam se engajado na caça ao tesouro antes, responderam nobremente à oferta de um prêmio e voltaram no final do dia com a história de que haviam descoberto não um, mas oito, cavernas funerárias, e desejou oito soles.” [Tradução livre da autora].

com as múmias, e os espanhóis haviam capturado tanto os incas quanto seus tesouros (HEANEY, 2020). Ainda assim, o explorador esperava encontrar algum tipo de enterro remanescente ou tinha esperanças de que Machu Picchu não tivesse sido saqueada anteriormente: “En vez de ello, estas primeras tumbas no contenían ‘nada’, según escribió en su diario, especulando que unos ‘cazadores de tesoros’ habían llegado ahí antes” (HEANEY, 2020, p. 30).

Ainda que os indígenas fossem pagos, eles eram forçados a trabalhar para a equipe. Um dos membros do grupo, Kenneth Heald, levava uma carta do prefeito de Ollantaytambo autorizando funcionários locais recrutarem trabalhadores para a expedição. Heaney menciona que “el gobernador de Ollantaytambo había enganchado a estos indios y los había metido a la cárcel ‘para asegurarse de que no huyeran’ antes de entregárselos a la expedición” (HEANEY, 2020, p. 25). Além disto, eles eram constantemente ameaçados por soldados que acompanhavam a expedição.

Três camponeses, Anacleto Álvarez, Toribio Richarte e Tomás Fuentes, que moravam em Machu Picchu, foram recrutados para buscar materiais arqueológicos e desenterrar múmias ou ossos. Segundo Bingham, os trabalhadores se negaram a ajudar os estadunidenses nesse serviço pois “sus cosechas podrían tener una certa mala suerte si profanaban los huesos de los antiguos habitantes que se encontraban enterrados en las zonas circundantes” (BINGHAM 1930, p. 15 *apud* HEANEY, 2020, p. 28). Não foi esta a primeira vez que os indígenas afirmavam ter medo de possíveis retaliações sobrenaturais. Em 1802 o viajante e naturalista prussiano Alexander von Humboldt visitou Cajamarca e anotou que ao encontrar-se com um jovem, filho do cacique local Astorpilca, que dizia ser descendente de incas, este lhe disse que “las ruinas del pueblo ocultaban un vasto tesoro de árboles y literas de oro que guardaban el retorno de los incas; él y sus padres jamás buscarían estos tesoros, puesto que sería un pecado” (HEANEY, 2016, p. 30).

Porém, após a oferta de melhor pagamento, Álvarez, Richarte e Fuentes reportaram a Bingham terem encontrado as tumbas que o explorador tanto desejava encontrar. Segundo Heaney (2020) Bingham imaginou que os três camponeses esperavam receber algum tipo de benefício, posto que conheciam a região. Porém o autor também sugere outra hipótese:

Es una posibilidad, pero es igualmente posible que Richarte, Álvarez y Fuentes hubieran tomado una sencilla decisión: podrían dejar que los indios del Cusco ganaran dinero al profanar tumbas que malograrían sus sembríos o podían reportar las tumbas ellos mismos, hacerse del bono en efectivo y esperar ser perdonados (HEANEY, 2020, p. 29).

Assim, as tumbas encontradas pelos três camponeses foram abertas e seu interior revelado. Elas continham algumas peças de cerâmica, um crânio e alguns ossos depositados em posição fetal, como ocorria nos enterros andinos<sup>24</sup>. A análise realizada pelo osteologista George Eaton, concluiu que esses restos pertenciam a uma mulher de 35 anos (HEANEY, 2020). Outras tumbas foram abertas e seu conteúdo era semelhante: ossadas, crânios, cerâmica. De acordo com a edição de abril de 1913, foram abertas ao todo 52 tumbas. Apesar de os artefatos encontrados serem relevantes do ponto de vista arqueológico, estavam muito distantes dos tesouros que Bingham esperava encontrar.

O explorador iniciara sua viagem em busca de Vilcabamba, o último refúgio Inca ante a Conquista espanhola, mas o local que encontrara não condizia com as descrições. No entanto, durante a leitura de uma obra intitulada *Los Incas del Perú*, Bingham teve uma inspiração: Machu Picchu poderia ser parte do início da Civilização Inca, não seu final (HEANEY, 2016). Assim, a partir de diferentes versões para o mito fundacional inca<sup>25</sup>, o explorador passou a acreditar que havia encontrado Tampu Tocco, o local sagrado originário dos Incas. Segundo as versões, Tampu Tocco seria um templo com três janelas, e Machu Picchu possuía uma construção semelhante (Figura 16). Como dissemos anteriormente, a narrativa de Bingham concebe Machu Picchu enquanto uma cidade perdida e mítica, como Tampu Tocco: “En este sentido, hallar Machu Picchu para Bingham fue trazar nuevamente el camino de la búsqueda del Dorado y los obstáculos que conquistadores y exploradores encontraron sobre todo por la guía intencionalmente errónea de los indígenas” (GÓMEZ, 2009, 230).

Figura 16 - Imagem do suposto Templo das Três Janelas

---

<sup>24</sup> Poucos días após a escavação, Álvarez, um dos camponeses, não compareceu ao trabalho queixando-se de uma enfermidade: “Cuando Álvarez no apareció al día siguiente, Eaton se enteró de que su molestia eran ‘sus testículos, y que los otros indios decían que el problema había sido causado por los espíritus de los incas muertos cuyas tumbas Álvarez ha estado saqueando’ (HEANEY, 2020, p. 32). Para os trabalhadores da equipe e os indígenas da região, a expedição era alvo de uma maldição.

<sup>25</sup> MARKHAM, Clements *apud* HEANEY, 2016, p. 167-168.

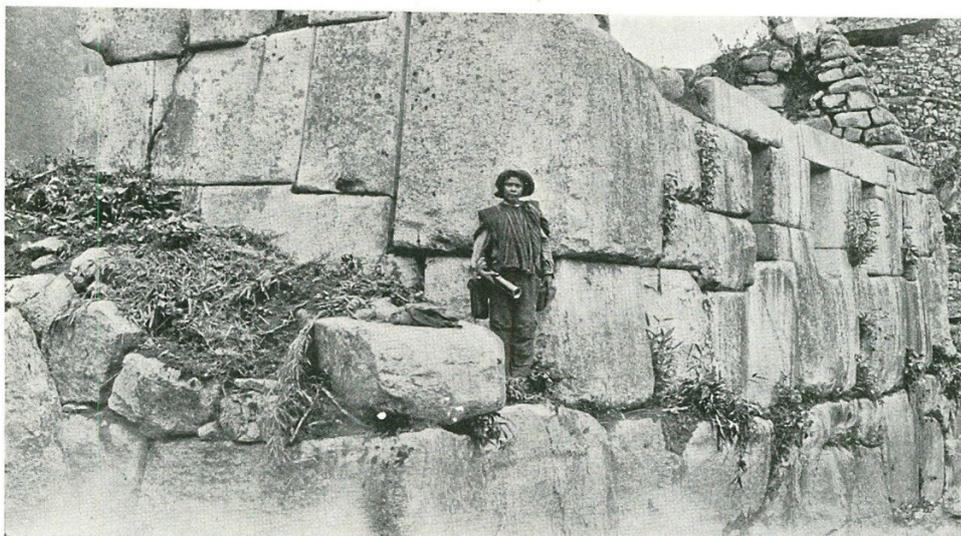


Photo by Hiram Bingham

THE TEMPLE OF THE THREE WINDOWS: MACHU PICCHU

It was this extraordinary temple, whose most characteristic feature is three large windows, a unique occurrence in early Peruvian architecture, that led us to the belief that Machu Picchu might be Tampu Tocco, the mythical place from which the Incas came when they started out to found that great empire which eventually embraced a large part of South America (see also pages 410, 414, 431, and 489).

Fonte: The National Geographic Magazine (1913, p. 408).

Legenda: Fotografia de H. Bingham.

Logo os outros sítios encontrados anteriormente passaram a ter atenção secundária, mesmo a busca por conjeturados tesouros foi ignorada. A cidadela supostamente perdida e recém descoberta torna-se, assim, o elemento principal da expedição que trouxe à luz a grandeza dessa civilização. Contudo, em nenhum momento de seu relato, Bingham revela as pistas conseguidas com intelectuais peruanos. No próximo capítulo detalharemos as circunstâncias em que o explorador obteve pistas para que pudesse encontrar Machu Picchu.

A Figura 16 apresenta, em primeiro plano, uma criança indígena. Como em outras imagens, ela não é mencionada na legenda, uma prática comum adotada pela revista, raramente mencionar os trabalhadores da expedição, embora eles apareçam em muitas fotografias. Silenciando mais uma vez os indígenas locais, Bingham os descreveu como “cultivadores de maíz, [que] parecían saber poco sobre los templos alrededor de los cuales plantaban sus cosechas... Provenían de un linaje distinto del de quienes construyeron los templos y tan solo tenían vagas leyendas respecto de estos” (BINGHAM, 1911, *apud* HEANEY, 2016, p. 169). Como dissemos anteriormente, nem na reportagem da revista, nem em seu relato de viagem,

Bingham menciona ter conversado com camponeses e moradores da região. Assim o explorador apropria-se de sua *descoberta* e cria uma cidade mítica que, em realidade, jamais existiu. Machu Picchu não era uma cidade perdida, muito menos o local originário dos Incas.

Da mesma forma, os indígenas peruanos moradores de povoados próximos às várias construções incaicas encontradas no Peru, são colocados como distantes dos Incas, provenientes de uma outra linhagem, que nada tinha que ver com a grandeza daqueles que construíram aquela cidade. Não seria possível, segundo sua concepção, que uma etnia capaz de construir uma cidade nas alturas tivessem ligação direta com os camponeses vivendo em meio a vegetação da montanha, representando aquilo que

[...] los estadounidenses querían ver del presente indígena – cazadores casi ‘extintos’ o agricultores ‘degenerados’ y ‘brutos’ – los incas y preincas eran la manifestación de un glorioso pasado preeuropeo, y los periódicos sugerían que sus herederos legítimos serían los estadounidenses, quienes les rendían el debido reconocimiento (HEANEY, 2016, p. 170).

Em outra matéria deste mesmo número, *Why Machu Picchu is an archeological treasure*, a revista explicava a importância do sítio encontrado. A reportagem segue afirmando que Machu Picchu não era conhecida pelos cronistas espanhóis e que não havia sofrido saques durante os séculos seguintes à conquista:

On the other hand, Machu Picchu not only is larger and contains more edifices than any other ruin discovered in Peru (except Cuzco); it has the additional advantage of not having been occupied by their descendants, and of not having been torn to pieces by treasure hunters seeking within the walls for the gold and silver armaments that were not to be found in the doors<sup>26</sup> (THE NATIONAL GEOGRAPHIC, 1913, p. 489).

Além disso, a revista prossegue, o sítio permaneceu com sua arquitetura original, já que não havia sido destruída para a construção de vilas e igrejas espanholas. O texto ressalta ainda que, caso a teoria de que Machu Picchu é Tampu Tocco fosse confirmada, sua relevância seria ainda maior. Apesar de sua importância, a reportagem deixa claro que não foi possível levantar muito sobre os

---

<sup>26</sup> “Por outro lado, Machu Picchu não só é maior e contém mais edifícios do que qualquer outra ruína descoberta no Peru (exceto Cuzco); tem a vantagem adicional de não ter sido ocupada por seus descendentes e de não ter sido despedaçada por caçadores de tesouros que buscavam dentro das paredes as armas de ouro e prata que não se encontravam nas portas.” [Tradução livre da autora].

habitantes de sítio, mas que a partir dos objetos encontrados, essa civilização possuía, além de habilidades, originalidade e criatividade:

We know that they knew how to make bronze, and that they had a considerable artistic sense, as evidenced by their workmanship. One of the bronzes pins found at Machu Picchu has for a head a miniature reproduction of the head of a humming-bird, including a long, curved bill. One bronze knife is decorated with the head of a llama; another with an Indian boy, lying on his stomach, with his heels in the air, playing tug-of-war with a large fish on the end of a little bronze rope<sup>27</sup> (THE NATIONAL GEOGRAPHIC, 1913, p. 489).

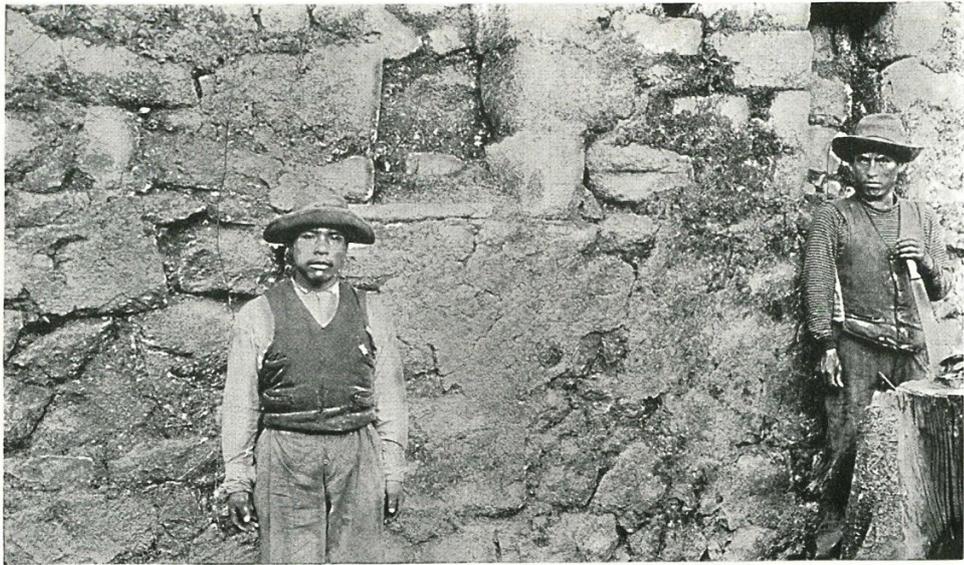
A reportagem relata, ainda, que o solo no local era bastante fértil e que as famílias que viviam no sítio não encontravam dificuldades para cultivar vegetais: “The two or three Indian families who have been living at Machu Picchu for the past four or five years have had no difficulty in raising good crops of sweet potatoes, corn, peppers, onions, tomatoes, and certain native vegetables unknown in this country<sup>28</sup> (THE NATIONAL GEOGRAPHIC, 1913, p. 489-490). É interessante perceber como Bingham admite a existência de famílias indígenas que viviam no local. Contudo, enquanto sujeito imperial, afirmaria ser ele o descobridor de Machu Picchu.

A reportagem segue chamando a atenção para a engenhosidade da obra de Machu Picchu, repleta de escadas, poços e fontes, diversas edificações que por sua vez, possuem nichos e outros atributos. Uma das fotografias, por exemplo, apresenta a única construção de Machu Picchu que ainda apresenta estuque em suas paredes (Figura 17). Esse é mais um exemplo em que indígenas peruanos aparecem em primeiro plano, mas não são mencionados. Em outra fotografia, na mesma página, em primeiro plano, há dois indígenas sentados, olhando para a câmera, e em segundo plano, uma parede com nichos (Figura 18).

Figura 17 - Parede com cobertura de estuque

<sup>27</sup> “Sabemos que eles sabiam fazer bronze e que tinham um considerável senso artístico, como evidenciado por sua arte. Um dos alfinetes de bronze encontrados em Machu Picchu tem como cabeça uma reprodução em miniatura da cabeça de um beija-flor, incluindo um bico longo e curvo. Uma faca de bronze é decorada com a cabeça de uma lhama; outro com um menino índio, deitado de bruços, com os calcanhares para cima, jogando cabo-de-guerra com um peixe grande na ponta de uma cordinha de bronze.” **[Tradução livre da autora]**.

<sup>28</sup> “As duas ou três famílias indígenas que moram em Machu Picchu há quatro ou cinco anos não tiveram dificuldade em cultivar boas colheitas de batata-doce, milho, pimentão, cebola, tomate e algumas hortaliças nativas desconhecidas neste país.” **[Tradução livre da autora]**.



Photos by Hiram Bingham

STUCCO STILL IN POSITION: MACHU PICCHU

Some of the houses were lined with such beautiful stone work as to require no other finish. In others it seems probable that the roughly finished stones were covered with some kind of mud or plaster. The picture shows the only house in Machu Picchu where considerable portions of this plaster still remain on the walls (see page 471).

Fonte: The National Geographic Magazine (1913, p. 463).

Legenda: Fotografia de H. Bingham.

Figura 18 - Indígenas em frente a uma parede com nichos

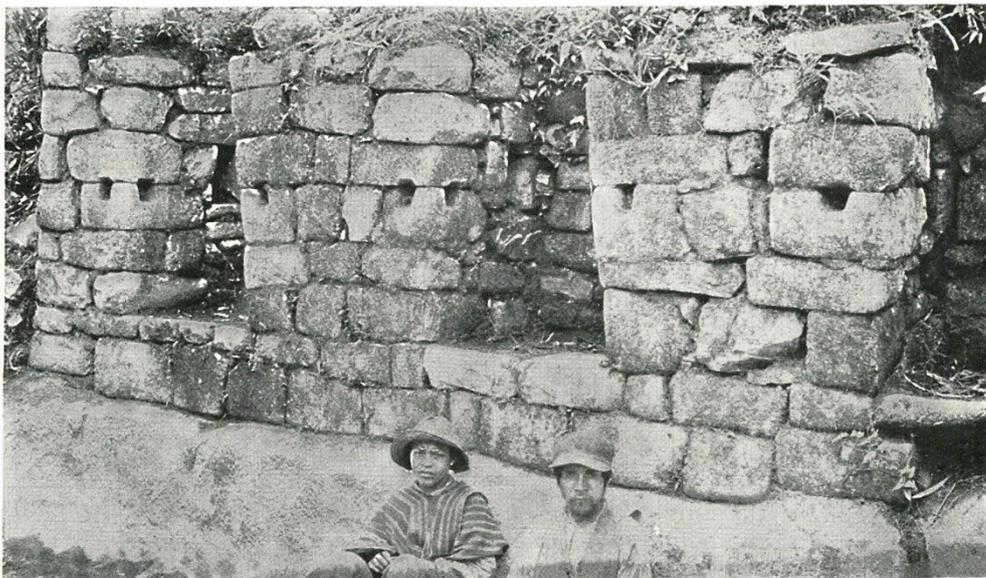


Photo by Hiram Bingham

AN UNUSUAL GROUP OF NICHES: MACHU PICCHU

In this house, or temple, the niches are of unusual form. The picture shows three, each one of which contains three little niches, and also has devices whereby it could have been closed by a bar fastened to the corner stones.

Fonte: The National Geographic Magazine (1913, p. 463).

Legenda: Fotografia de H. Bingham.

Uma segunda parte da reportagem trata da descoberta de ossadas humanas, chamadas pela revista de “Cuzco bones”. Um dos objetivos, de acordo com o explorador, era identificar a idade aproximada dessas ossadas:

The age of certain human and other bones found interstratified with glacial gravel near Cuzco was provisionally estimated by Prof. Isaiah Bowman, the geologist of 1911 expedition, as from 20,000 to 40,000 years. These bones were brought to New Haven and submitted for examination to Dr. George F. Eaton, osteologist of the Peabody Museum<sup>29</sup> (THE NATIONAL GEOGRAPHIC MAGAZINE, 1913, p. 490).

A revista diz que, num artigo publicado pela American Journal of Science, em abril de 1912, Eaton afirma que não é possível declarar que os ossos encontrados sejam muito antigos, contrariando a teoria de Bowman. Segundo a revista, ele diz que:

It's clear that no proof of great antiquity can be drawn from the characters of the human skeletal parts submitted to me, agreeing as they do, in all essential respects with the bones of a recent people. Until additional skeletal material is obtained, showing characters more primitive than those already noted, the burden of proof of great antiquity must rest of geological and paleontological evidence<sup>30</sup> (THE NATIONAL MAGAZINE, 1913, p. 490).

Apesar das discordâncias entre Eaton e Bowman, a descoberta de ossos de 30 mil anos na América do Sul, sugerida por Bowman, acirrou um debate existente desde o século XVIII: a antiguidade do homem americano. Para europeus como o Conde de Buffon e Cornelius de Pauw, os indígenas americanos descenderiam de uma tribo perdida de Israel, ou também de navegadores fenícios. As teorias eram muitas, mas concordavam no seguinte: o homem americano não poderia ser tão antigo quanto o europeu. De acordo com Heaney, a descoberta dessas ossadas, supostamente tão antigas quanto o homem europeu, gerou uma enorme comoção, especialmente entre acadêmicos norte-americanos. O *Bureau of American*

---

<sup>29</sup> “A idade de certos ossos humanos e outros encontrados interestratificados com cascalho glacial perto de Cuzco foi provisoriamente estimada pelo Prof. Isaiah Bowman, o geólogo da expedição de 1911, como sendo de 20.000 a 40.000 anos. Esses ossos foram trazidos para New Haven e submetidos ao exame do Dr. George F. Eaton, osteologista do Museu Peabody.” [Tradução livre da autora].

<sup>30</sup> “É claro que nenhuma prova de grande antiguidade pode ser extraída dos caracteres das partes do esqueleto humano submetidas a mim, concordando que fazer, em todos os aspectos essenciais com os ossos de um povo recente. Até que material esquelético adicional seja obtido, mostrando caracteres mais primitivos do que os já observados, o ônus da prova de grande antiguidade deve recair sobre evidências geológicas e paleontológicas.” [Tradução livre da autora].

*Ethnology* e seus antropólogos, William Henry Holmes e Aleš Hrdlička, declararam que era praticamente impossível que os indígenas americanos poderiam estar sobre o continente ocidental durante a última Era do Gelo (HEANEY, 2016).

Contudo, a reportagem também atenta para o fato de que Bowman deixa claro que, ainda assim, são necessárias mais escavações para que se possa determinar com precisão a idade dessas ossadas. A reportagem também evidencia que é difícil diferenciar as ossadas, supostamente humanas, encontradas, com as ossadas de gado moderno – o que depois acabou sendo confirmado. Além das ossadas humanas, também foram encontrados ossos do que Eaton identificou posteriormente como uma espécie de bisão sul-americano. Novamente as suspeitas não foram confirmadas e Eaton declarou que “This study revealed the fact that, under the life conditions prevailing in this part of the Andes, and possibly due to the increased action of the respiratory muscle in the rarefied air, domestic cattle can develop first ribs of ‘bisonic’ form<sup>31</sup>” (THE NATIONAL GEOGRAPHIC, 1913, p. 500).

Além do material referido acima, a reportagem também deixa claro que esqueletos humanos, além de objetos de metal e cerâmica, foram encontrados e recolhidos para estudos posteriores. A reportagem abrange, também, o trabalho de busca e escavação em outros sítios, como por exemplo Choquequirao e a descoberta de novas construções entre a mata. Geralmente estes títulos são mais curtos e trazem um pouco da história do Peru e das capitais Incas. Há uma tentativa por parte de Bingham e sua equipe de identificarem os antigos nomes desses locais e é mencionado que “[...] the most intelligent and reliable Indians were carefully questioned in regard to these places” (THE NATIONAL GEOGRAPHIC MAGAZINE, 1913, p. 520). Como dissemos, esta é uma das pouquíssimas vezes em que a reportagem alude aos indígenas, tão presentes nas fotografias.

O último subtítulo da edição traz, por fim, o conteúdo das escavações feitas pela YPE: 20 esqueletos coletados nas proximidades de Cuzco, mais de 60 em Machu Picchu e dez em Choquequirao. Além disso, como dissemos anteriormente, outros objetos foram coletados, além de cerâmicas. No próximo tópico pretendemos analisar como Bingham e a revista *National* construíram uma narrativa sobre Machu

---

<sup>31</sup> “Este estudo revelou que, nas condições de vida existentes nesta parte dos Andes, e possivelmente devido à maior ação da musculatura respiratória no ar rarefeito, o gado doméstico pode desenvolver primeiras costelas de forma ‘bisônica’”.

Picchu que a encaixava em uma grande descoberta científica e a reivindicava em nome da ciência estadunidense.

### **3.3 Luz, câmera, invenção: criando uma cidade perdida**

Em 24 de julho de 1912 a YPE finalmente chegava em Machu Picchu. Como Bingham descreve nas páginas da edição de abril de 1913, após muitas dificuldades, buscando trabalhadores para a expedição, obtendo permissões do governo para escavar na região, tendo a natureza como principal inimiga, a expedição finalmente consegue encontrar a cidadela inca e iniciar seus trabalhos de limpeza e escavação do sítio. De acordo com Hall (2020), deixar de ler a YPE enquanto uma expedição científica, ainda que tenha sido bastante amadora no sentido de não contar com arqueólogos e técnicos sobre o Peru, por exemplo, é perder algo importante. Para ela:

Las expediciones no fueron las aventuras ligeras de un Indiana Jones, ni sucedieron por azar, destino o suerte. Tampoco fueron simples engaños conspirativos de agentes del imperio. Bingham esperaba que las expediciones contribuyeran al conocimiento universalmente conocido (HALL, 2020, local. 2627).

Assim, Hall (2020) defende que a ciência legitimou as ações de Bingham, uma vez que a expedição afirmou seu cunho exploratório/científico através de práticas e ações que validavam seus achados. Para a autora, a ferramenta mais poderosa para a YPE foi a câmera fotográfica, pois ela materializava a descoberta de uma “cidade perdida nas nuvens”. Com efeito, a Kodak esteve entre as patrocinadoras da viagem, tendo fornecido câmeras e filmes fotográficos para que a equipe pudesse capturar em imagens os momentos da expedição. Seu objetivo com isto era o de testar o funcionamento dos artefatos nas altitudes andinas. Fotografar se apresentava como elemento importante da prática científica, porque permitia que a equipe recolhesse evidências materiais de suas explorações. As imagens assim produzidas possuíam um caráter dúbio: ao mesmo tempo em que eram evidências científicas da expedição, eram também atrativos para os leitores da revista, que poderiam acompanhar, através destas, as descobertas de tumbas, ossos, cerâmicas e as construções de Machu Picchu.

Hall (2020) alude para a importância da fotografia para a prática científica, desde os campos da medicina, da antropologia, até a arqueologia:

Las imágenes eran una evidencia crucial para legitimar la disciplina antropológica en su conjunto, al igual que los resultados de las exploraciones científicas. Se contrataban así fotógrafos profesionales para que acompañaran a las expediciones científicas, y las directrices que resumían lo que constituía una fotografía científicamente valiosa eran ampliamente distribuidas entre viajeros y exploradores aficionados (HALL, 2020, local. 2652).

As fotografias permitiam que se ultrapassasse o campo da descrição escrita e aproximavam os lugares distantes e seus habitantes dos laboratórios estadunidenses. As imagens capturadas pela objetiva de Bingham de deformações e doenças de indígenas peruanos, que serviram para reforçar o estereótipo de degradação dos habitantes da América do Sul (HALL, 2020). Assim, com essas imagens em mãos, cientistas estadunidenses das mais diversas áreas poderiam coletar informações e estabelecer conclusões acerca do Peru e sua populações. Novamente a superioridade científica atuou como argumento para uma dominação simbólica no Peru.

Como dissemos no capítulo anterior, é importante salientar que estas fotografias não transmitiam a verdade ou realidade das regiões visitadas. Elas transmitiam, sim, uma verdade que Bingham e a revista *National* almejavam passar para o público: expressar Machu Picchu como uma cidade perdida, abandonada, descoberta por Bingham, Yale e a Revista *National Geographic*; em suma, pela ciência. Outro ponto, que retomaremos mais adiante, é a discussão sobre a importância das ruínas para a civilização ocidental e a constante busca por exploradores e cientistas por uma cidade de pedra e a maneira como a revista – e Bingham – explorou as imagens de Machu Picchu. Hall (2020) argumenta que a fotografia foi crucial para materializar o desejo da revista de apresentar o sítio arqueológico de Machu Picchu enquanto uma utopia que apenas o sonho norte-americano poderia imaginar:

Sostengo que es crucial incluir la tecnología de la cámara y su despliegue en una discusión acerca de la fotografía expedicionaria con el fin de explicar con más detalle cómo la intención y los imaginarios fueron fundidos inicialmente en los hechos, y para comprender cómo esta tecnología de visualización fue desplegada en los Andes (HALL, 2020, local. 2718).

A autora também defende que as imagens capturadas pela expedição no Peru circularam amplamente na revista *National Geographic*, em museus, conferências e periódicos dissociadas de sua realidade: “[...] el equipo fotográfico específico y su uso dio inicio al encuadre tecnológico del sitio como un hallazgo exótico, una utopía nativa y un tesoro nacional (HALL, 2020, local. 2723). Assim, para Hall (2020), a tecnologia da câmera fotográfica foi necessária para traduzir e apresentar o descobrimento de uma cidade perdida para o resto do mundo.

De acordo com Ricardo Salvatore (2016), mais de 12 mil fotografias foram tiradas ao longo das três expedições da YPE. Três mil foram imagens de Machu Picchu, quatro mil de paisagens, mil retratos de indígenas e mil retratos da vida social. Nos Estados Unidos, além de ajudarem a propagar uma ideia sobre América do Sul e Peru para o público, muitas dessas imagens foram expostas no *National Geographic Museum* e na Sociedade Hispano-americana. Além disso, outros membros da expedição usaram essas fotografias para ilustrar artigos próprios sobre a geografia andina, arqueologia, medicina ancestral e plantas, vida social no Peru, etc. (SALVATORE, 2016).

Contudo, sabemos que, para além dos interesses científicos da expedição, havia também os interesses econômicos. No relato de 1911, por exemplo, Bingham especula sobre possíveis potenciais a serem explorados no Peru. Em sua expedição a Machu Picchu também há interesses no âmbito da política externa, negócios e comércio. Como Hall (2020) apresenta, a partir do epistolário de Bingham percebemos os contatos que o explorador realizou para que pudesse tornar a expedição possível. Para a autora

La correspondencia con Giesecke, Farabee y Markham mostró las reconocidas cualidades del Perú, pero también apuntaló un imaginario del país como una nación donde se podía hacer un valioso trabajo científico. Lo que se sabía y lo que se desconocía confluían para facilitar la idea de la necesidad de una expedición (HALL, 2020, local, 1120).

O objetivo principal da expedição, de acordo com Hall (2020), era o de localizar e visitar todas as construções próximas a Choquequirao e o vale do Urubamba. Além disso, a expedição também desejava percorrer o paralelo 73 desde o vale do Amazonas até o oceano, escalar o monte Coropuna com a finalidade de mapeá-lo e determinar a profundidade do lago Parinacochas. Como a autora

mencionou, o objetivo era o de explorar uma parte do Peru que ainda “não era conhecida pela ciência” (BINGHAM, apud HALL, 2020, local. 1185).

Assim, como Salvatore (2016) pontuou, a tentativa de exercer uma descoberta dita científica da América do Sul constituiu a maneira de engajar um possível império informal. Para o autor, a cooperação entre duas grandes empresas foi imprescindível para o sucesso da expedição e da descoberta de Machu Picchu: a Kodak forneceu a tecnologia responsável para capturar imagens da ruína, enquanto a revista *National* foi responsável por disseminar essas fotografias para o público leitor. Como o autor menciona, a Kodak foi uma das primeiras empresas focadas em criar um mercado a partir de seu público: a empresa vendia a ideia de que a vida moderna necessitava de uma câmera fotográfica, e que qualquer pessoa poderia manipular uma Kodak. Assim, anunciando a vida moderna como um bem alcançável e democrático, a Kodak se tornou líder de vendas.

A revista *National Geographic*, ao apresentar a expedição com ares de encontro de uma cidade abandonada e em fotografias coloridas, atuavam como uma extensão dos desejos imperialistas dos EUA (SALVATORE, 2016). Uma das cláusulas dos contratos assinados entre a YPE e a revista determinava que, em troca do patrocínio, a revista receberia um artigo, entre 6 mil e 7 mil palavras, escrito pelo diretor da expedição, descrevendo de maneira popular os resultados da jornada científica. Como o autor menciona, a importância na palavra popular é a de que o artigo fosse traduzido para a linguagem do público leitor da revista:

A ‘popular story’, that was all the NGS wanted. Not just any story—a story with pictures about early man in South America. Visualization was central to the aims of the NGS. The U.S. informal empire was not only a social formation dominated by ‘print-photo capitalism’, it was also a democratic sort of empire, in which people needed to connect visually with the lands recently ‘rediscovered’<sup>32</sup> (SALVATORE, 2016, p. 82).

As descobertas científicas de Bingham não interessavam a revista, o que a direção da revista desejava era algo que pudesse capturar o interesse do público leitor. O editor da *National*, Gilbert Grosvenor, pontuou que os leitores estavam interessados em “ruínas, cidades perdidas e ossos”. Como Salvatore (2016),

---

<sup>32</sup> “Uma ‘história popular’, era tudo o que o NGS queria. Não qualquer história - uma história com fotos sobre um homem primitivo da América do Sul. A visualização era fundamental para os objetivos do NGS. Os EUA. O império informal não era apenas uma formação social dominada pelo “capitalismo da foto impressa”, era também uma espécie de império democrático, no qual as pessoas precisavam se conectar visualmente com as terras recentemente ‘redescobertas”’. [Tradução livre da autora].

comenta, o público estava interessado em conhecer os “antigos homens sul-americanos”. Nas palavras de Grosvenor em uma carta para Bingham:

What we particularly want is ‘meat’, facts and information rather than personal movements of various members of the party – as much information as you can give on these ancient peoples and of the new cities which you have discovered. I don’t care particularly for a detailed account of mapping, etc., but want everything that is of human interest. Be sure and tell us as much as possible of Machu Picchu and your surmises as to the manners, life and civilization of the ancient people who built this remarkable city<sup>33</sup> (SALVATORE, 2016, p. 82).

O autor chama a atenção para a maneira com que Grosvenor se refere à América do Sul, a mesma com que os colonizadores europeus se referiram ao *Novo Mundo*, uma terra pronta para ser descoberta. De fato, aos olhos dos EUA e da Revista *National*, a América do Sul era um grande laboratório pronto para ser explorado. Contudo, a revista também estava interessada na venda das suas publicações e no interesse que o público demonstraria pelas ruínas descobertas: “Popular demand for curiosities about faraway lands in visual form kept the machines of National Geographic Magazine running<sup>34</sup>” (SALVATORE, 2016, p. 83). Isso se verifica ao percebermos que a descoberta científica de Machu Picchu movimentou também empresas estadunidenses que enxergavam no país sul-americano uma oportunidade de expandir seus mercados e estudar as técnicas incas, como por exemplo as trepanações de crânio ou da agricultura em terraços. Como Salvatore pontuou:

News companies wanted to send reporters to Peru. Book publishers wanted to include pictures of Machu Picchu in geography textbooks. Hunting clubs and naturalists suddenly developed an interest in collecting mammals in South America. Shipping companies started to plan for an increase in the number of travelers to Peru. Mining companies tried to decipher the riddle of ‘Inca metallurgy.’ Surgeons began to inquire about Inca cranial trepanations.

---

<sup>33</sup> “O que queremos particularmente é “carne”, fatos e informações, em vez de movimentos pessoais de vários membros do grupo – o máximo de informações que você puder fornecer sobre esses povos antigos e sobre as novas cidades que você descobriu. Eu não me importo particularmente com um relato detalhado de mapeamento, etc., mas quero tudo que seja de interesse humano. Certifique-se e conte-nos o máximo possível sobre Machu Picchu e suas suposições sobre os costumes, a vida e a civilização dos povos antigos que construíram esta cidade notável”. [Tradução livre da autora].

<sup>34</sup> “A demanda popular por curiosidades sobre terras distantes em forma visual manteve as máquinas da National Geographic Magazine funcionando.” (SALVATORE, 2016, p. 83). [Tradução livre da autora].

And the U.S. Department of Agriculture developed an interest in Inca roads and terrace farming<sup>35</sup> (SALVATORE, 2016, p. 76).

Como dissemos no capítulo anterior, o que a revista fez ao reportar a existência de uma cidade perdida nas nuvens foi posicionar o Peru – e a América do Sul – no centro do interesse científico, militar e político estadunidense. O interesse científico despertado pelo achado de Machu Picchu mobilizou diversos setores norte-americanos a marchar para a América do Sul com o propósito de verificar *in loco* o que poderia ser aproveitado pelos EUA na constituição de seu império informal.

### 3.4 Reclamando Machu Picchu em nome da ciência

É importante ressaltar o destaque que a descoberta de construções tão complexas e antigas gerou nos EUA. Como dissemos anteriormente, desde o século XVIII o debate acerca da antiguidade do homem americano era tópico para estudos de europeus que acreditavam que a América era mais recente que a Europa, Ásia e África, justificando com isso seus animais serem menores, o homem americano menos desenvolvido, mais baixo quando comparado ao europeu, sem pelos. Contudo, a partir da descoberta de antigas construções, como as de Copán e Palenque no século XIX, estas teorias foram colocadas em xeque. Como o homem americano, fisicamente inferior, poderia ter construído tais edificações? Para responder essas questões novas teorias foram criadas, como por exemplo a de que fenícios teriam viajado até a América e aqui fundado uma grande civilização (CAÑIZARES-ESGUERRA, 2011).

Como apontamos em trabalho anterior<sup>36</sup>, em seu livro *Lost City of Incas* (2010) Bingham tenta dissociar a grande civilização incaica dos indígenas que agora habitavam a região. Leila Gómez (2009) aponta que em diversos momentos o explorador questionava sobre as semelhanças entre os antigos construtores de

---

<sup>35</sup> “As empresas de notícias queriam enviar repórteres para o Peru. As editoras de livros queriam incluir fotos de Machu Picchu nos livros de geografia. Clubes de caça e naturalistas de repente desenvolveram interesse em coletar mamíferos na América do Sul. As companhias de navegação começaram a planejar um aumento no número de viajantes para o Peru. As empresas de mineração tentaram decifrar o enigma da "metalurgia inca". Os cirurgiões começaram a indagar sobre as trepanações cranianas incas. E os EUA Departamento de Agricultura desenvolveu interesse em estradas incas e cultivo em terraços”. [Tradução livre da autora].

<sup>36</sup> COLOMBO, Micaela. **AS LENTES DO IMPÉRIO**: A descoberta de Machu Picchu e sua cobertura pela revista National Geographic. 2021. Trabalho de Conclusão de Curso – Universidade do Vale do Rio dos Sinos, São Leopoldo, 2021.

Machu Picchu e os atuais moradores da localidade próxima a Machu Picchu: “Junto a descripciones de profunda admiración por las ruinas del ‘pasado glorioso’ advertimos su indiferencia hacia el hombre actual. Para Bingham, éstos y aquéllos no parecen ser los mismos hombres” (GÓMEZ, 2009, p. 201). A cidadela, nesse sentido, também suscitou o debate sobre quem seriam seus construtores e sobre o estilo adotado durante a construção:

El ‘estilo egipcio’ con los muros no perpendiculares al suelo sino inclinados hacia adentro es traído a colación para hacer «visible» una característica específica de las ruinas incas. Bingham no se pregunta sobre el porqué de este tipo de construcción, ni tampoco se interesa en saber si en la actualidad hay muestras parecidas. Toda respuesta parece estar dada en la comparación con los pueblos de la Antigüedad ya conocidos (GÓMEZ, 2009, p. 198).

Como sabemos, desde a Idade Média, as ruínas despertavam interesse, inicialmente em viajantes e antiquários, e mais tarde em arqueólogos e historiadores. A partir da descoberta das ruínas de Herculano (1713) e Pompeia (1748) viajantes incluíram esses locais em seus roteiros inaugurando a chamada *Grand Tour*. Esses viajantes, geralmente jovens oriundos de classes mais altas, encontravam nas ruínas vestígios do glorioso passado romano. Antes disso, porém, ainda nos séculos XVI e XVII, as ruínas já conquistavam a atenção de intelectuais, por exemplo, que associavam as ruínas ao período clássico. Entretanto, é importante salientarmos que, nesse momento, *ruína* correspondia sempre às ruínas romanas:

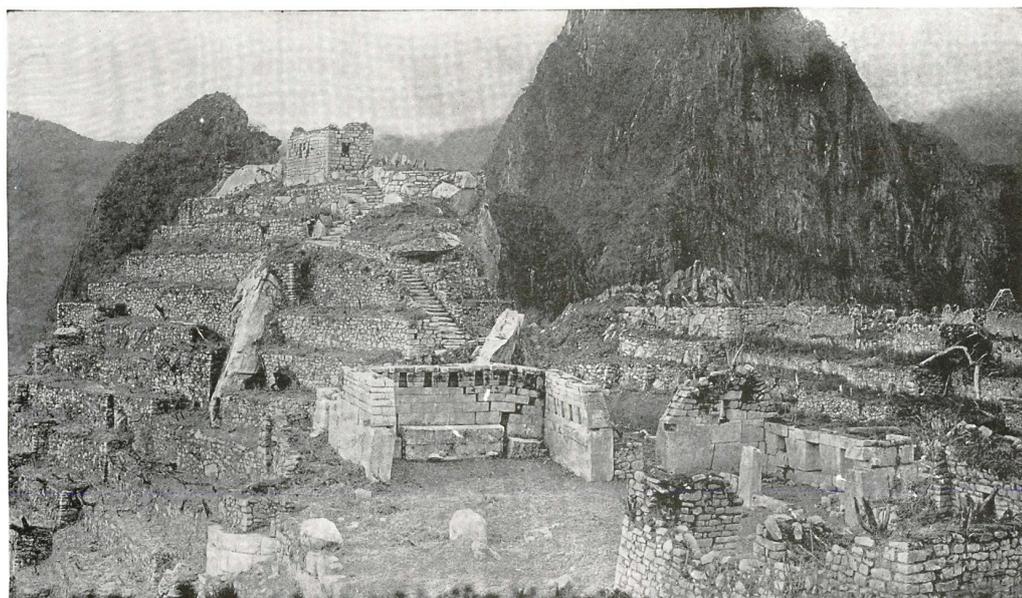
Historicamente, até o século XVIII, ‘ruína’ queria dizer ‘ruína romana’, valorizada não por ser intrinsecamente ‘bela’ no seu estado de decrepitude, mas por remeter a uma forma íntegra idealizada, por testemunhar o poder e o esplendor de uma civilização desaparecida, assinalando a imponderabilidade do destino e as consequências avassaladoras da passagem do tempo (SANTOS; ZEIN, 2011 *apud* GASPAR, 2022, p. 74).

Johnni Langer (1996) aponta que, a partir do Setecentos, o interesse pela arte clássica, aliada aos levantamentos realizados por antiquários, aumentou o interesse da população por esses vestígios históricos. Ao mesmo tempo, o autor ressalta o interesse da população mais pobre, que não possuía recursos para realizar grandes viagens ou comprar pinturas, mas que ainda assim encantava-se pela oportunidade de adquirir gravuras de ruínas. Um dos pintores que produziu tais gravuras era Gian Paolo Pannini (1691-1765) que, muitas vezes, fundia em uma mesma gravura várias

ruínas romanas, facilitando a ideia de Antiguidade. Outro famoso pintor foi Giovanni Battista Piranesi (1720-1778) que, em 1753 publicou L' Antichità Romane reunindo a maioria de suas obras. De acordo com Langer “os monumentos retratados são caracterizados pela junção de elementos da natureza (ervas, musgos, plantas) com um caráter misterioso do poder absoluto do passado, resistente à morte e ao tempo” (LANGER, 1996, p. 58).

A partir do Setecentos o referencial imagético adotado para as ruínas era a de construções muito antigas, cobertas por musgos e ervas, acrescentado também o elemento da melancolia, que traria consigo o sentimento de finitude, de declínio e desaparecimento: “Influenciada pelo barroco, o romantismo acentuou os efeitos de decadência da civilização” (LANGER, 1996, p. 58). Além disso, como Langer (1996) sugere, as ruínas também deveriam atender a um padrão estético: para que fossem consideradas belas, deveriam passar um processo de destruição longínquo e suas origens deveriam ser perdidas. Sustentamos que a revista *National Geographic*, assim como Bingham, construíram sobre Machu Picchu essa aura de ruína. Assim, as imagens que foram veiculadas sobre o sítio exploravam seu abandono, esquecimento, ao mesmo tempo em que mostravam a magnitude de sua construção (Figura 19).

Figura 19 - Machu Picchu



AN ARCHITECTURAL TRIUMPH: MACHU PICCHU

Photo by Hiram Bingham

A general view of the Sacred Plaza, the site of the finest structures at Machu Picchu. In the center is the Chief Temple (see pages 409, 501, 503, and 512), and at the right the Temple of the Three Windows (see pages 408, 409, 416, 417, 418, 431, 474). Above them is the Sacred Hill, on top of which is the Intihuatana stone, or sun dial (see pages 507, 509). Contrast this picture, which was taken in 1912, after months of strenuous work in cleaning the city, with the picture on the following page, which was taken in 1911.

Fonte: The National Geographic Magazine (1913, p. 498).

Legenda: Fotografia de H. Bingham.

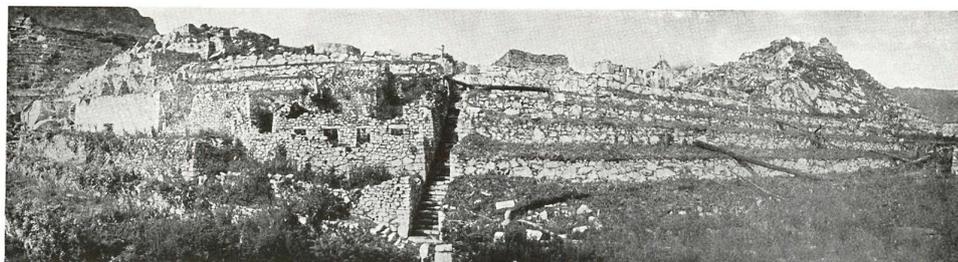
Ao longo século XIX, porém, a busca por Cidades Fantásticas – procuradas intensamente durante os séculos XVI até o século XVIII – transformou-se em busca por Cidades Perdidas. Assim, se antes aventureiros e viajantes procuravam cidades fantásticas, muitas com uma origem mítica e quase incerta, agora exploradores e antiquários buscavam por Cidades Perdidas, que, segundo Langer são “representações em torno de ruínas arqueológicas, reais ou imaginárias, pela qual os referências históricos foram perdidos para a civilização ocidental (principalmente a Europa)” (LANGER, 1996, p. 59). Como sabemos, ao encontrar Machu Picchu, Bingham denomina-a Cidade Perdida, encontrada por ele e sua equipe.

Leila Gómez (2009) aponta que a estética das ruínas, para o Ocidente, é a estética da fragmentação, porque o passado não pode ser reconstruído, e, portanto, as ruínas representam o irrecuperável. Assim, “las ruinas se percibían bajo el prisma estético de lo primitivo o ‘lo primero’, es decir, como los fragmentos del pasado que se presentan a la memoria sin la mediación de una narrativa institucionalizada” (GÓMEZ, 2009, p. 183). Assim, ao apresentar Machu Picchu enquanto uma cidade perdida, mostrando em suas fotografias a cidadela abandonada em meio a selva, Bingham está utilizando do referencial criado, ainda no século XVIII para as ruínas. Apesar de possuírem um passado glorioso, sendo construída por uma grande civilização que floresceu na América do Sul entre os séculos XIII e XVI, agora Machu Picchu não passava de uma ruína que havia sido descoberta por um homem estadunidense, advindo de uma cultura que se julgava superior à dos sul-americanos e que a reclamava em nome da ciência.

Outro ponto levantado por Gómez (2009) é da representação das culturas *fossilizadas* no tempo. Para a autora, há sempre a dicotomia entre a maneira como o Ocidente se compreende e se representa, e a maneira como ele produz o resto do mundo. Enquanto o Ocidente, aqui entendido como EUA e Europa, entende-se em constante evolução, numa ideia de progresso, interpreta e elabora o resto do mundo como uma cultura da ruína, paralisada no tempo, sem evolução. Isso se verifica nas páginas da *Revista National* pois, como demonstrou Baitz (2004), ao mesmo tempo em que a revista apresentava os EUA enquanto uma potência econômica, industrial, com grandes maquinários, numa ideia de progresso, por outro lado o “resto do

mundo”, entende-se por não ocidental, era apresentado como arcaico, antiquado, ou, como no caso de Machu Picchu, em ruínas, paralisado no tempo.

Figura 20 - Machu Picchu do lado oeste



THE WEST SIDE OF MACHU PICCHU

Photo by Hiram Bingham

General view of Machu Picchu, showing (reading from right to left) the sacred hill, the Temple of the Three Windows and the Sacred Plaza, the principal cross street in the city and one of the finest stairways, a group of houses characterized by having four doors in the principal house, the beautiful outer wall of the King's Group, and finally the semicircular tower of the Princess Group.

Fonte: The National Geographic Magazine (1913, p. 510).

Legenda: Fotografia de H. Bingham.

A partir das fotografias de ruínas presentes nas páginas da revista *National*, Gómez (2009) argumenta que também as “cidades perdidas” indígenas passaram a fazer parte da cultura de consumo estadunidense. Como dissemos anteriormente, a partir do início do século XX os EUA passaram a estabelecer maiores relações – em muitos casos de dominação – com países sul-americanos, buscando matéria prima e mercado consumidor para seus produtos. Ainda que os EUA olhassem com indiferença para o homem andino contemporâneo – prova disso é a ausência de legendas que mencionem as pessoas presentes nas fotografias, como mencionamos acima – o inca, homem andino antigo, permanecia cristalizado num passado glorioso e as construções encontradas por Bingham eram a manifestação, a prova, daquele passado.

Acreditamos que, ao denominar Machu Picchu de “cidade perdida”, Bingham, além de outorgar para si a alcunha de “descobridor” também reclama para os EUA o título de país que possui recursos para explorar, cientificamente, Machu Picchu. Como veremos no próximo capítulo, ao apoderar-se do material arqueológico encontrado no Peru, e levá-lo para os EUA, Bingham o faz em nome da ciência, pois é naquele país que se poderá preservar tais artefatos<sup>37</sup>. Como Heaney (2016) apontou, a limpeza operada no sítio, com a queima da vegetação que cobria as

<sup>37</sup> O que dará início a uma contenda de quase cem anos até que a Universidade de Yale aceite devolver tais objetos ao Peru.

edificações, era uma maneira de reclamar Machu Picchu em nome da ciência, pois ao limpá-la, Bingham desejava que ela se mostrasse como era para os Incas. Além de que parecesse espetacular para as fotografias que tiraria (HEANEY, 2016).

#### 4 HOMENS DA CIÊNCIA E HOMENS DA POLÍTICA

Este capítulo será composto de duas partes: primeiramente analisaremos duas reportagens, publicadas em 1915 e 1916, quando do retorno da YPE ao Peru. Na segunda parte nos afastaremos um pouco do delineamento central da dissertação que analisa o discurso da *National Geographic* porque consideramos importante colocar em evidência as disputas que cercaram as ações da YPE às quais não se encontram encerradas ainda hoje, uma vez que ainda está se processando a entrega dos materiais. Sendo assim nesse segundo momento do capítulo trataremos das controvérsias políticas que permearam a expedição de Yale e a suposta descoberta da *llacta* de Machu Picchu.

Apesar de Machu Picchu ter sido declarada, em 1983, Patrimônio Material da Humanidade e, em 2007, uma das Sete Maravilhas do Mundo, há ainda no Peru, uma grande contestação jurídica sobre sua propriedade. Há, essencialmente, duas famílias que requerem legalmente uma indenização e debatem no judiciário do país pelo seu direito: os Abrill e os Zavaleta. O *Santuário Histórico de Machu Picchu* está localizado onde localizavam-se as fazendas dessas famílias à época das expedições de Bingham<sup>1</sup>. Em 1912, um contrato firmado entre o explorador norte-americano e Mariano Ignacio Ferro, dono da fazenda onde Machu Picchu foi encontrada, acordava que Bingham lhe daria um terço de todos os “tesoros, monumentos y cualesquier otras riquezas” que fossem encontrados (GALVÁN; DE LA PUENTE, 2020), após descontada a metade pertencente ao Estado Peruano.

Este contrato considerava apenas um Decreto de finais do século XIX que declarava como monumentos nacionais todas as construções anteriores à Conquista e proibia a escavação sem autorização do governo (GALVÁN; DE LA PUENTE, 2020). Entretanto, ainda de acordo com este Decreto, os objetos pertenceriam a quem lhes encontrasse. Todavia, o acordo entre Bingham e Ferro desconsiderava outro Decreto, este de 1911, que declarava que os artefatos escavados pertenceriam ao Estado Peruano. Como veremos neste capítulo, as múmias e outros itens encontrados por Bingham fizeram uma longa viagem até retornar para casa, cem anos depois que de lá foram retirados, em 2011. Todavia, ainda existem disputas de narrativas sobre o sítio: as famílias mencionadas acima que contestam

---

<sup>1</sup> Estas famílias eram proprietárias de grandes fazendas que eram arrendadas por camponeses indígenas e que, muitas vezes, não conheciam o espaço.

seu direito na Justiça; a população do povoado próximo ao sítio histórico que não gosta do nome *Aguas Calientes* e prefere que se refiram ao seu *verdadero* nome: *Machu Picchu Pueblo*; os indígenas locais que foram esquecidos pela expedição de Bingham e pelo governo peruano; e a disputa internacional pelos objetos retirados pela YPE entre Yale e o governo do Peru que, transcorrido um século, logrou a devolução desses artefatos.

Neste capítulo, trataremos da última expedição de Bingham, transcorrida entre 1914-1915, que resultou em duas matérias da Revista *National Geographic*: em fevereiro de 1915 e maio de 1916. Além de analisarmos estas reportagens, trataremos também dos impasses ocorridos nessas viagens, que resultaram em uma longa disputa pela posse dos objetos retirados de Machu Picchu. Embora não conste na edição de *In the Wondeland*, enquanto a expedição de Bingham escavava em Machu Picchu, uma longa disputa entre Yale e Peru tinha seu início.

#### 4.1 The Story of Machu Picchu

Assim como na reportagem de 1913 e como Hiram Bingham em diversos momentos deixa claro, a presença da YPE no Peru tinha, sobretudo, o intuito de estudar o passado peruano e lançar mais luz sobre os Incas e sua civilização. O argumento do progresso científico está presente, direta ou indiretamente, em seus discursos. Após ter seu pedido de concessão de exclusividade para exploração dos sítios encontrados rechaçado pelo Congresso, o explorador escreveu uma carta ao povo peruano, por recomendação de Augusto Leguía, explicando seus objetivos. Segundo ele, “[...] Yale no estaba motivada por el lucro, explicó, sino por el deseo de iluminar el progreso científico peruano, atraer turistas y viajeros al Perú y ‘sobre todo, de mostrar la efectividad de su lema, *Luz y Verdad*’” (BINGHAM, 1914 *apud* HEANEY, p. 206, grifo do autor). Entretanto, o que não está escrito na carta, nem nas páginas de revista *National Geographic* é o desejo de Bingham de afirmar-se enquanto um exitoso explorador e descobridor. Além disso, as expedições patrocinadas pela Society e pela Universidade de Yale movimentavam não apenas os campos científico e intelectual estadunidenses, mas também outros interesses, como o de empresas que enxergavam o Peru como um potencial mercado consumidor e para o governo norte-americano, que iniciava a construção de seu *império informal* e demandava informações seguras acerca do país.

Como já mencionado anteriormente em nosso trabalho, a prática da representação foi fundamental para legitimar a presença estadunidense na América Latina (SALVATORE, 2016). Ao mesmo tempo, as dinâmicas empregadas entre Bingham e o Peru evocam muito de um passado colonialista, no qual homens europeus sentiam-se autorizados a escrever e reescrever a história das colônias. Da mesma forma, o chefe da YPE sentiu-se autorizado, não apenas a reescrever a história de Machu Picchu, mas a apropriar-se dos artefatos encontrados no período em que esteve realizando escavações.

A segunda publicação referente ao trabalho realizado pela YPE em Machu Picchu saiu em fevereiro de 1915. Intitulada *The Story of Machu Picchu: The National Geographic Society-Yale University Explorations in Peru*, esta reportagem, bem menor do que a de abril de 1913, continha 45 páginas e 60 ilustrações. Contudo, dividindo a matéria, entre as páginas 187 e 202 da edição, havia outras fotografias de paisagens, desde picos nos Alpes Suíços, até florestas da Califórnia, o que reduzia mais ainda as páginas dedicadas à reportagem propriamente. Estas imagens, de página inteira, poderiam ser destacadas da revista e ser utilizadas como pôsteres (BAITZ, 2004).

Quanto à reportagem escrita por Bingham, podemos dividi-la em duas partes: a primeira, que trata da mítica história dos Incas, descendentes de Manco Cápac e Mama Ocllo, na qual o explorador expõe porque acredita que Machu Picchu seja Tampu Tocco, o local de origem dos Incas. Na segunda parte, Bingham relata alguns trabalhos de prospecção realizados no sítio e aventura sobre grandes possibilidades de pesquisa na região sul do Peru.

Logo no início da reportagem Bingham destaca que dedicou o último um ano e meio lendo crônicas, além do material recolhido durante a expedição de 1912 para entender se Machu Picchu seria Tampu Tocco de fato. Citando algumas crônicas, como por exemplo as de Fenando de Montesinos, Francisco de Toledo e Frei Antonio de Calancha, Bingham alega que Machu Picchu é Tampu Tocco, porém com nomes diferentes. O explorador acredita que a antiga cidadela é a capital de um “reino megalítico” do qual os incas descenderiam:

All these facts lead me to the belief that the original name of Machu Picchu was Tampu-Tocco; that here the last megalithic king was buried, and that it was the capital of the little kingdom of his descendants during eight or ten centuries between the megalithic era and the Incas; that it was probably the birthplace of Manco Ccapac (sic), and after he had achieved greatness he

built a fine temple and palace here (THE NATIONAL GEOGRAPHIC, 1915, p.179.

Ao mesmo tempo, o explorador coloca Machu Picchu como centro religioso incaico, defendendo que a cidadela serviu como refúgio para o que ele chamou de *as virgens do sol*<sup>2</sup>, durante a conquista:

Then came the Spaniards, and, with their conquest, the necessity of saving what was possible of the ancient religion. The most precious objects were not the gold and silver images that the Spaniards craved, but the sacred Virgins of the Sun, who from their earliest childhood had been educated to the service of the temple and to ministering to the wants of the Inca (THE NATIONAL GEOGRAPHIC MAGAZINE, 1915, p. 179).

De acordo com Bingham, estas mulheres foram colocadas em Machu Picchu durante a fuga de Manco para Vilcabamba. O explorador relata que encontrou nas crônicas de Frei Antonio de Calancha, referência a estas virgens, chamadas de *Concubinas do Sol*. Segundo o explorador, os ditos monges, que viviam em Vitcos, próximo a Puquiura, haviam pedido ao Inca, para levá-los a Vilcabamba. Calancha narra ainda que estes sacerdotes teriam, então, sido conduzidos pelo próprio Inca a Vilcabamba, e ali, Manco lhes oferecera suas virgens, pondo à prova sua fé e os votos de celibato. A oferta envolveria jovens provenientes da costa peruana, que seriam mais belas que as andinas. Ainda de acordo com o explorador, embora Calancha não tenha descrito a cidade de Vilcabamba, a crônica narra que esta localizava-se a três dias de viagem de Puquiura. Machu Picchu também ficava a três dias de viagem de Puquiura, e para Bingham isso bastava para acreditar que Machu Picchu era a Vilcabamba mencionada na crônica de Calancha.

Sobre as afirmações de Bingham, é necessário fazermos alguns adendos. Em primeiro lugar, sobre as ditas *virgens do sol*, Bingham pautava sua tese a partir de esqueletos e ossos encontrados em Machu Picchu e que, segundo o osteologista da expedição, George Eaton, seriam, em sua maioria, femininos e, os esqueletos masculinos presentes pareciam *efeminados*: “There are a few effeminate males who might very well have been priests, but the large majority of the skeletons are female and some are coast types” (THE NATIONAL GEOGRAPHIC, 1915, p. 183). Contudo, essa tese já foi descartada. Lucy Salazar (2020) confirma que a proporção

---

<sup>2</sup> As *Acllas* eram mulheres de beleza singular que eram escolhidas para exercerem tarefas relativas à religião incaica, sendo chamadas de “esposas do sol”.

entre homens e mulheres é de 1:1,54, ou seja, não há uma maioria feminina, como os estudos de Eaton afirmavam:

Además, se definió que algunas mujeres habían dado a luz y se identificaron numerosos esqueletos correspondientes a fetos, bebés y niños pequeños (Verano 2003: 143-152). Estos hallazgos nos permiten descartar la teoría de Bingham de que Machu Picchu era un lugar para las 'mujeres escogidas' (acllahuasi) y que las mujeres enterradas habían sido dedicadas al culto del sol (SALAZAR, 2020, p. 15).

Apesar de tantos desencontros, Christopher Heaney (2016) alega que Bingham esteve em Vilcabamba. Porém, ao buscar por grandes construções e monumentos, o explorador não soube reconhecer o último refúgio inca. Ainda durante a expedição de 1912, Bingham esteve na ruína de Espiritu Pampa, localizada em meio a uma região bastante isolada no Peru. Os guias da expedição foram os indígenas ashaninkas que viviam em meio a selva da região e se refugiavam da violência do estado e de líderes locais, que exploravam sua mão de obra. Para Bingham:

No había duda de que el sitio encajaba con lo que se esperaba de Vilcabamba, con la estructura larga y palaciega donde la familia de Manco podría haber recibido los lugareños. Las ruinas pueden haber sido rústicas, pero el que estuvieran hechas de piedra sugería que los incas habían traído los materiales de construcción desde las alturas *ex profeso*. Sin embargo, el sitio estaba más lejos de Vitcos de lo que las crónicas sugerían, o por lo menos lo estaba para los occidentales: cuatro a cinco días enteros, en lugar de dos o tres. Sobre todo, Bingham había esperado que Vilcabamba fuera un sitio enorme, hermosamente construido y ornamentado, apropiado para el último de los reyes incas. En vez de ello, Espiritu Pampa, parecía triste y apartado, con tejas rojas inexplicables, como si hubiera vivido españoles ahí después. No era nada como Machu Picchu, que encajaba mejor con la noción preconcebida de ciudad perdida (HEANEY, 2016, p. 153).

Como o autor afirma, ao render-se à beleza de Machu Picchu e sua aparente aura de cidade perdida e intocada, Bingham perde a oportunidade de reportar o encontro de Vilcabamba, a cidade que sempre buscou. Heaney (2016) menciona, ainda, um estudo realizado posteriormente pelo explorador Gene Savoy que demonstrou que Espiritu Pampa foi, também, refúgio de Tupac Amaru. Embora estivesse muito diferente do que Bingham esperava:

La arquitectura de Vilcabamba era rústica porque había sido construida apresuradamente, después del apogeo del imperio de los incas. Estaba cubierta de tejas rojas no porque los españoles hubieran vivido ahí, sino porque los incas no eran románticamente estáticos; eran pragmáticos, y usaron la tecnología europea para su comodidad y supervivencia futura. El

carbón posiblemente era el resultado del gran incendio que Túpac Amaru prendió antes de huir a la selva (HEANEY, 2016, p. 153).

Entretanto, Bingham não levou nada disso em consideração e reivindicou Machu Picchu enquanto a *verdadeira* cidade perdida dos incas. Todavia, como refere o historiador, “Espíritu Pampa, sin embargo, era historia incaica como era y seguiría siendo: herida pero viva, sitiada pero recordada, y todavía un baluarte de resistencia” (HEANEY, 2016, p. 154). Nas páginas da revista *National*, entretanto, Bingham defendia a tese de que Machu Picchu era ao mesmo tempo Tampu Tocco e Vilcabamba:

[...] we are ready to arrive at the conclusion that Machu Picchu has had two periods of occupancy, and in its last state is probably that the place referred to by Calancha as 'Vilcabamba the Old', where the Inca treasured the remains of his religion, restored the University of Idolatry, and kept the Virgins of the Sun who had escaped from the ravages of the Spanish Conqueror<sup>3</sup> (THE NATIONAL GEOGRAPHIC MAGAZINE, 1915, p.185).

Em seu texto na revista, Bingham descreve Machu Picchu de maneira quase épica, uma única cidade que havia sobrevivido por séculos, que havia sido capital de um povo, ao mesmo tempo em que era um centro religioso e último refúgio de uma civilização *perdida*:

Selected as the place of refuge for the last of megalithic kings; chosen as the site for the capital of the little kingdom which their followers set up, and where they reigned for six or seven hundred years; abandoned when Cuzco once more flashed into glory as the capital of the great Inca Empire, it was again sought out in time of trouble when the foreign invader desired to extinguish all vestiges of the ancient religion, and became the home and refuge of the Virgins of the Sun, whose lives and whose institution formed one of the most interesting features of the purest religion of aboriginal America<sup>4</sup> (THE NATIONAL GEOGRAPHIC MAGAZINE, 1915, p. 186).

A descrição de Machu Picchu por Bingham, embora pareça quase fantasiosa para nós, foi muito envolvente para os leitores da revista *National*. A cidade perdida

<sup>3</sup> [...] estamos prontos para chegar à conclusão de que Machu Picchu teve dois períodos de ocupação, e em seu último estado é provavelmente o lugar referido por Calancha como 'Vilcabamba o Velho', onde o Inca entesourou o restante de sua religião, restaurado a Universidade de Idolatria, e manteve as Virgens do Sol que escaparam da devastação do conquistador espanhol (THE NATIONAL GEOGRAPHIC MAGAZINE, 1915, p.185).

<sup>4</sup> Selecionado como o local de refúgio para o último dos reis megalíticos; escolhido como o local da capital do pequeno reino que seus seguidores estabeleceram e onde reinaram por seiscentos ou setecentos anos; abandonada quando Cuzco mais uma vez brilhou na glória como a capital do grande Império Inca, foi novamente procurada em tempos de angústia quando o invasor estrangeiro desejou extinguir todos os vestígios da antiga religião e tornou-se o lar e refúgio das Virgens de o Sol, cujas vidas e cuja instituição formaram uma das características mais interessantes da mais pura religião da América aborígine (THE NATIONAL GEOGRAPHIC MAGAZINE, 1915, p. 186).

dos Incas, como Machu Picchu ficou conhecida, permaneceu profundamente marcada no imaginário popular estadunidense. Embora Bingham tenha trazido muito material arqueológico dos sítios escavados, o que permaneceu associado à sua figura foi uma imagem da cidadela de Machu Picchu. É notável, no entanto, que o explorador mencione antigas crônicas espanholas para demonstrar seu interesse pela busca de Vilcabamba e evidenciar que tais documentos não relatem a existência de Machu Picchu quando na verdade sabemos que mapas e relatórios datados do século XVI já mencionavam Huayna Picchu e Machu Picchu (ROWE, 1990).

Após a análise de fontes e crônicas espanholas, o explorador descreve os materiais encontrados durante suas prospecções e seus prováveis usos. Um dos primeiros objetos mencionados por Bingham são as pedras de registro ou pedras de gravação (*record stones*) que, segundo ele, são bastante comuns em regiões da Colômbia. De acordo com Bingham, essas pedras são, provavelmente, remanescentes de uma cultura anterior aos incas:

In the first place, they have been hitherto almost unknown in collections of Peruvian antiquities, although this may be due to their apparent unimportance. In the second place, they do not occur at Machu Picchu in connection with the burial caves containing Inca or Cuzco style pottery, and not more than a half dozen appear to have found their way into any of the caves containing skeletal material. In the third place, they were not found in excavations in the vicinity of the Snake Rock and the Sacred Plaza. The Snake Rock region is very likely an ancient pre-Inca cemetery<sup>5</sup> (THE NATIONAL GEOGRAPHIC MAGAZINE, 1915, p. 206).

Além destas pedras de registro, também foram encontradas facas de obsidiana e outras pedras do mesmo material. O objetivo da expedição também envolvia um trabalho topográfico da região:

Accordingly it was felt that the best way to prepare for the scientific work of the Expedition of 1915 would be to send out two or three topographic parties in 1914, who could utilize the information gathered in 1911 and 1912 to

---

<sup>5</sup> “Em primeiro lugar, elas foram até agora quase desconhecidas nas coleções de antiguidades peruanas, embora isso possa ser devido à sua aparente falta de importância. Em segundo lugar, elas não ocorrem em Machu Picchu em conexão com as cavernas funerárias contendo cerâmica de estilo Inca ou Cuzco, e não mais do que meia dúzia parece ter encontrado seu caminho para qualquer uma das cavernas contendo material esquelético. Em terceiro lugar, elas não foram encontradas em escavações nas proximidades da Pedra da Serpente e da Praça Sagrada. A região de Snake Rock é muito provavelmente um antigo cemitério pré-inca” (THE NATIONAL GEOGRAPHIC MAGAZINE, 1915, p. 206).

prepare better maps than anything we have had<sup>6</sup> (THE NATIONAL GEOGRAPHIC MAGAZINE, 1915, p. 207).

Bingham destaca que a expedição obteve o aval do governo peruano para trabalhar, iniciando por um reconhecimento geográfico da porção mais ao sul do Peru à Cordilheira Vilcabamba, além de porções dos rios Urubamba e Apurimac. O explorador explica que uma das dificuldades de percorrer esta região é a falta de mapas adequados, por isso a necessidade de se organizar uma expedição com esse teor topográfico: “One of the greatest handicaps in the way of scientific work in all of this region is the lack of accurate and adequate maps<sup>7</sup>” (THE NATIONAL GEOGRAPHIC MAGAZINE, 1915, p. 207). Como já referido, em diversos momentos de sua narrativa Bingham apresenta a YPE como um símbolo de modernidade e progresso no Peru, um país atrasado e pobre. Ao inferir sobre a falta de mapas apurados da região que está percorrendo, o explorador coloca sua expedição como uma autoridade científica inquestionável, que se contrapõe ao conhecimento indígena local – embora a equipe de Bingham necessite desse conhecimento ao demandar a presença de guias locais.

Ademais, a alegação de Bingham sobre a falta de mapas adequados da região é bastante contestável, uma vez que ele próprio aproveitou de mapas existentes da região para buscar por – e encontrar – Machu Picchu. Mariana Mould de Pease (2005) afirma que em sua viagem de 1909, Bingham já havia se deparado com um mapa que mencionava a existência de várias ruínas na região do Urubamba. Na ocasião, o presidente do Instituto Histórico do Peru, Don Eugenio Larrabure y Unanue, solicita a um funcionário da Biblioteca Nacional do Peru, Carlos A. Romero, um informe sobre Choquequirao. Romero, então, cita as viagens de Eugene de Sartiges, em 1834, e de Samanes y Ocampo, para localizar Choquequirao na década de 1880. Além destes, Romero também alude ao cronista Cieza de León, ao cosmógrafo Cosme Bueno e ao geógrafo Antonio Raimondi; todos já haviam, ainda no século XIX, viajado pela região que Bingham exploraria (MOULD DE PEASE, 2005, p. 201):

---

<sup>6</sup> “Assim, sentiu-se que a melhor maneira de se preparar para o trabalho científico da expedição de 1915 seria enviar dois ou três grupos topográficos em 1914, que poderiam utilizar as informações coletadas em 1911 e 1912 para preparar mapas melhores do que qualquer outro que tivemos” (THE NATIONAL GEOGRAPHIC MAGAZINE, 1915, p. 207).

<sup>7</sup> “Uma das maiores dificuldades no caminho do trabalho científico em toda esta região é a falta de mapas precisos e adequados” (THE NATIONAL GEOGRAPHIC MAGAZINE, 1915, p. 207).

Cuando escribe Romero, ya hay dos mapas publicados en el S. XIX que señalan a Machu Picchu y Wayna Picchu, los cuales – siguiendo los patrones arquitectónicos prehispánicos – se ubican en lo alto de las montañas del mismo nombre, a cuyos pies corre el río Urubamba/Vilcanota: 1.) el mapa incluido en el Informe al Gobierno del Perú sobre una expedición a los valles de Paucartambo, en 1873, por el ingeniero alemán Hermann Gohring, al servicio del gobierno del Perú, que fuera publicado en 1877 por la Imprenta del Estado en Lima. Esta expedición estuvo comandada por Baltasar la Torre, prefecto del Cuzco; 2.) el mapa efectuado por Charles Wiener, viajero francés de origen austriaco, para su libro *Perú y Bolivia* (1993 [1880]) (MOULD DE PEASE, 2005, p. 201).

Além destes, outro mapa conhecido por Bingham era o de Augusto Berns, um engenheiro alemão que havia explorado a região próxima a Machu Picchu em 1867. Este mapa, datado de 1887, contém diversas localidades, incluindo *Point Huaca del Inca*, que, segundo Mould de Pease (2006) significava Machu Picchu. Uma cópia deste mapa estava entre os pertences de Bingham durante suas explorações e hoje encontra-se armazenada na Biblioteca Sterling em Yale (MOULD DE PEASE, 2006). A informação de que Bingham conhecia mapas e documentos que certificavam a existência de antigos assentamentos incas no Vale do Urubamba é relevante pois comprova que, ao contrário do que o explorador afirmava, não foi uma simples coincidência o encontro de Machu Picchu. Embora Bingham relutasse em admitir, Machu Picchu não era desconhecida, muito menos perdida.

Contudo, seguindo o arranjo formado pelo diretor da YPE, uma primeira parte da equipe ficou responsável por percorrer e mapear a região que, como um dos membros da expedição relata, era bastante cansativa de explorar, especialmente na estação mais seca, em função da neblina e das difíceis condições climáticas:

I want to say that this racing uphill at altitudes around 14,000 to 16,000 feet, frequently carrying instruments, with the almost certain knowledge that the clouds would get there first, and the knowledge that if they did another valuable day would be lost, is an experience that, if oft repeated, will have a decidedly dampening effect on one's ardor for topographic surveying. When I was so fortunate as to win the race and see that I would have a few minutes, or perhaps an hour, to work, I would get my location and elevation by regular plane-table methods and get lines and vertical angles to the most important points<sup>8</sup> (BUMSTEAD *apud* THE NATIONAL GEOGRAPHIC MAGAZINE, 1915, p. 209).

---

<sup>8</sup> “Quero dizer que esta corrida de subida em altitudes em torno de 14.000 a 16.000 pés, frequentemente carregando instrumentos, com a quase certeza de que as nuvens chegariam lá primeiro, e a certeza de que, se o fizessem, outro dia valioso seria perdido, é uma experiência que, se repetido com frequência, terá um efeito decididamente atenuante sobre o ardor de alguém pelo levantamento topográfico. Quando eu tinha a sorte de vencer a corrida e ver que teria alguns minutos, ou talvez uma hora, para trabalhar, obtinha minha localização e elevação por métodos

Enquanto a primeira parte da equipe realizava o trabalho topográfico, uma segunda equipe, desta vez liderada por E. L. Anderson, mapeou, em 1914, uma região *inexplorada* entre Saltacantay e o Vale do Huaracundo. De acordo com Bingham, nessa região foram encontrados fortes de Huata e outras construções que ainda não haviam sido reportadas anteriormente. O explorador, inclusive, desacredita que Paccaritampu seja o local de origem inca, pois, como vimos acima, defende a tese de que Machu Picchu seja este lugar:

Mr. Anderson's party covered altogether about 400 square miles, of which 120 were southwest of Cuzco, near Paccaritampu, which has long been [erroneously?] supposed to be the site of Tampu-Tocco, the widowed tavern from which in the Incas came to Cuzco<sup>9</sup> (THE NATIONAL GEOGRAPHIC MAGAZINE, 1915, p. 209).

Chama a atenção, nesta edição, a falta de fotografias, seja de Machu Picchu ou de outros sítios da região. As imagens que acompanham os textos da reportagem são ilustrações de alguns objetos retirados durante as escavações, como por exemplo as “pedras de registro”, alguns vasos, entre outros artigos. Diferentemente da edição de 1913, que continha diversas imagens espetaculares que capturavam a atenção do público leitor, esta edição é bem menos impressionante. Uma das ilustrações (Figura 22) apresenta um pires decorado com borboletas que, segundo Bingham, representa “[...] the highest stage of the development of Inca pattern” (THE NATIONAL GEOGRAPHIC MAGAZINE, 1915, p. 211).

Figura 21 - Pires decorado com borboletas

---

regulares de mesa plana e obtinha linhas e ângulos verticais para o pontos mais importantes” (BUMSTEAD apud THE NATIONAL GEOGRAPHIC MAGAZINE, 1915, p. 209).

<sup>9</sup> “O grupo do Sr. Anderson cobriu cerca de 400 milhas quadradas, das quais 120 foram a sudeste de Cuzco, perto de Paccaritampu, que há muito se supõe [erroneamente?] ser o local de Tampu-Tocco, a taverna de onde os incas vieram para Cuzco” (THE NATIONAL GEOGRAPHIC MAGAZINE, 1915, p. 209).



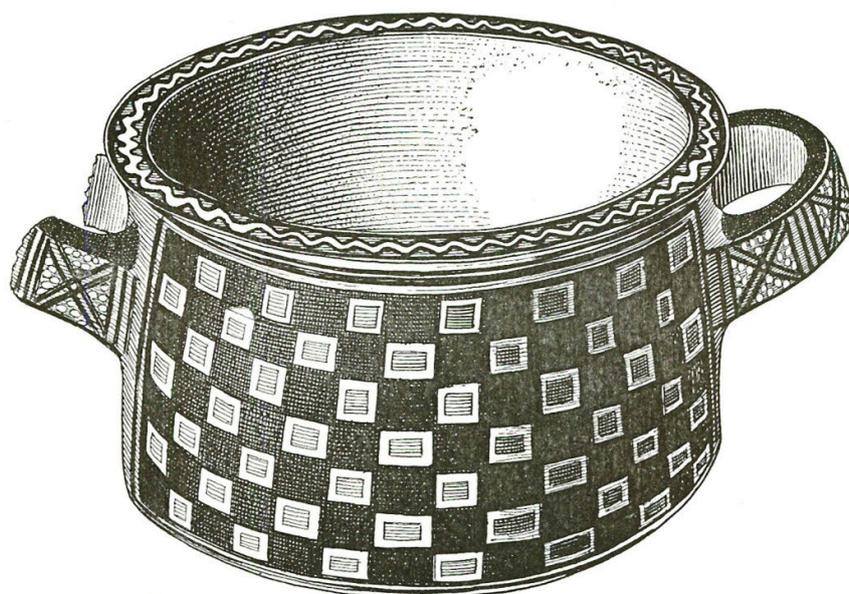
A SMALL TWO-HANDLED SAUCER WITH A MOST CHARMING DESIGN IN THREE COLORS REPRESENTING SOMEWHAT DIAGRAMMATICALLY A PAIR OF BUTTERFLIES

Two of these dishes were found in one cave at Machu Picchu along with a skeleton of a tall woman, possibly the high priestess. The other articles in the cave were also of superior quality. This pair of saucers is one of the best examples of the highest stage of the development of Inca pattern.  $\frac{3}{4}$  natural size.

Fonte: The National Geographic Magazine (1915, p. 211).

Legenda: Prato decorado com padrões de borboleta.

Figura 22 - Panela decorada com padrões coloridos



TWO-HANDLED DISH USED BY THE INCAS FOR SERVING THEIR FOOD

They were painted in three colors, with geometric patterns, the same on each side. The dish was evidently intended to be set down between two persons, since it is equally attractive on either side.  $\frac{3}{4}$  natural size.

Fonte: The National Geographic Magazine (1915, p. 210).

Legenda: Painel decorado com padrões geométricos em três cores.

Em um dos últimos tópicos da reportagem, Bingham sugere que ainda há muito para se pesquisar no Peru. Segundo ele, os Incas deixaram diversos materiais, como cerâmicas, fortalezas, cidades, muros, que ainda revelarão muito sobre sua civilização e seus antecessores, chamados por Bingham de “povo megalítico”. Além disso, o explorador também aventa sobre a possibilidade de se realizar grandes pesquisas sobre a geologia e fauna peruana, a fim de se entender as migrações e a antiguidade do homem americano. Fica subentendido, no entanto, que quem realizará essas pesquisas são os estadunidenses, provenientes de uma cultura científica capaz de proporcionar condições técnicas e conceder intelectuais para trabalhar no Peru. Contudo, também o gosto pela aventura está presente quando Bingham diz que as belezas naturais peruanas ajudam os exploradores que se aventurarem por tais lugares a esquecer dos insetos e pragas das terras baixas:

They help him [o viajante] to forget the fevers and insect pest of the lowlands; the vampire bats of the middle valleys; the bitter cold of the nights in the uplands; the disagreeable features of mountain sickness; the physical discomforts of working at great elevations, and the long separations from home and kindred<sup>10</sup> (THE NATIONAL GEOGRAPHIC MAGAZINE, 1915, p. 216).

Essa passagem coloca o país sul-americano novamente no patamar de *terra incognita*, enquanto um local desconhecido que deve ser explorado – estudado, escavado, medido, fotografado – pelos cientistas norte-americanos. Hiram Bingham finaliza a reportagem dizendo que se sente grato e afortunado por poder realizar suas pesquisas nesta região, tendo o apoio da *National Geographic Society* e da Universidade de Yale, ambas instituições norte-americanas. A fala do explorador, agradecendo apenas às instituições de seu país reforça a ideia de que o Peru não possuía técnicos e cientistas que pudessem realizar este trabalho. Bingham em nenhum momento relata, nas páginas da revista *National*, as discussões suscitadas, no Peru, pela tomada dos objetos escavados pela YPE nos sítios arqueológicos. Do mesmo modo, em nenhum momento Bingham relata o trabalho realizado por intelectuais peruanos, como é o caso de Julio C. Tello e Luis E. Valcárcel. A

---

<sup>10</sup> Eles o ajudam a esquecer as febres e as pragas de insetos das terras baixas; os morcegos vampiros dos vales médios; o frio cortante das noites nas serras; as características desagradáveis da doença da montanha; os desconfortos físicos de trabalhar em grandes altitudes e as longas separações de casa e parentes (THE NATIONAL GEOGRAPHIC MAGAZINE, 1915, p. 216).

reportagem segue retratando o Peru enquanto um país atrasado que só alcançará o progresso científico a partir das mãos dos estadunidenses.

Entretanto, outra circunstância que deixa de ser mencionada na reportagem é que a primeira parte da expedição que havia sido enviada para o Peru, em 1914, antes ainda da chegada de Bingham, deveria coletar e comprar objetos incaicos sempre que possível. Eram ordens expressas do diretor da expedição. De acordo com Heaney:

La vanguardia había comprado unos cuantos objetos – una olla cerámica rota ‘con cara torcida, y un mono en la parte de tras’ – y encontrado algunas tumbas, incluyendo una madre y niño momificados. Pero a mediados de julio hicieron un descubrimiento más espectacular que cualquiera que hubieran hecho en Machu Picchu. Ricardo Charaja, el arriero peruano en quien más confianza depositaban, se encontró con una curiosa colección de objetos dispensados en un pequeño cerro de bajo un glaciar a 4750 metros: una porra de madera, un pequeño cráneo de animal, un bote de madera tallado y un ‘sol’ de plata roto. Charaja llamó al resto de la expedición aún más piezas del sol de plata, un sol de bronce, un cuchillo de bronce de hoja grande, un alfiler de mantón de bronce, siete discos de bronce, un peto de bronce ‘con hoyos alrededor del borde y una cara hecha de huecos en el centro’, y finalmente, ‘un circulo de oro, marcado y perforado’ de dos centímetros, la única pieza de oro que encontró la expedición (HEANEY, 2016, p. 241).

O argumento da compra – saque, tomada, pilhagem – de objetos retirados de Machu Picchu, seja pela YPE ou por outros *huaqueros* traz em seu bojo a concepção de que os Estados Unidos e Europa teriam mais condições técnicas e científicas de resguardar esses objetos. Como Françoise Vergès (2023) aponta, o saque e a pilhagem de artefatos advindos das colônias – África, América, Pacífico e Ásia – estão estreitamente associadas a uma ideia imperialista de um racismo científico que despe estes materiais de seus significados autóctones, neutralizando-os para que se tornem espécimes científicos em museus europeus e estadunidenses.

Os objetos adquiridos pela equipe, mencionados acima por Heaney (2016), foram mantidos em segredo, para evitar que o governo peruano nomeasse novamente um supervisor para tomar nota de seus possíveis achados. Contudo, um novo problema se delineava: como enviar esse material para os Estados Unidos? Inicialmente eles foram mantidos em caixas, escondidos das autoridades peruanas. Com o início da Primeira Guerra Mundial, um dos membros da primeira parte da equipe, Edwin Meserve retornou para os EUA para se juntar aos britânicos. De acordo com Heaney (2016) Bingham era amigo do diretor das aduanas, o que

tornava improvável que os oficiais inspecionassem a bagagem de Meserve. Posteriormente essa estratégia seria utilizada para enviar dois crânios e meio e um ídolo de cerâmica para Yale, quando um outro membro retornou para os EUA.

O engenheiro Elwood Erdis ficou encarregado de apresentar os objetivos dessa nova expedição de Bingham e Yale no Peru. Contudo, não foi um bom momento para os estadunidenses tentarem estreitar relações com os peruanos:

La revolución mexicana se estaba expandiendo, y el hemisferio se preocupaba de cómo reaccionaría Estados Unidos ante la lucha entre la élite y el campesinato de su país vecino. En efecto, el 21 de abril, mientras Erdis viajaba por el Caribe, 41 buques estadounidenses bombardearon el puerto mexicano de Vera Cruz y empezaron una ocupación de seis meses (HEANEY, 2016, p. 238).

De fato, a intervenção estadunidense na revolução mexicana gerou um sentimento contrário ao país entre os latino-americanos e até mesmo Erdis duvidava conseguir a aprovação do governo para realizar os trabalhos. Contudo, uma semana após o pedido de autorização, Erdis recebeu uma resposta afirmativa. Segundo Heaney (2016), essa autorização se deveu especialmente a dois fatores: o primeiro, Erdis apresentou a expedição como principalmente geográfica, e não arqueológica; o segundo fator foi a oferta de construir um centro de estudos interdisciplinares, chamada por Heaney de “oferta de paz” (2016). Erdis entregou ao diretor do Museu Nacional del Peru, Julio C. Tello, uma caixa com objetos de Machu Picchu, ao qual Erdis se refere em seu diário como “bronzes”. Tello, ao retornar para o Peru, em 1913 – após o período de estudos nos Estados Unidos e Europa -, recebeu do governo peruano a direção do museu arqueológico do país:

Apreciando el gesto, Tello ofreció ayudarle a obtener permiso para que el equipamiento de Yale pasara por aduanas. Para Yale, devolver algunos de los bronzes de Machu Picchu podría haber sido un gesto de reconciliación, y posiblemente un intento de prevenir que surgieran sucesivos llamados por el retorno de los objetos de Machu Picchu. Para Tello, sin embargo, el paquete de bronzes sugería que Yale reconocía el reclamo peruano sobre su pasado material (HEANEY, 2016, p. 239).

Em abril de 1915 Bingham retornou ao Peru para continuar suas pesquisas. Seu assistente, Hardy, havia alugado uma casa em Ollantaytambo que funcionaria como moradia para a equipe, bem como local de trabalho: “Esta era la nueva institución arqueológica semipermanente de Yale, lugar que podría ser usado como base por expediciones extranjeras que desearan excavar la historia de los incas.

Cualquier objeto excavado seria depositado en el instituto o en el Museo Nacional de Lima” (HEANEY, 2016, p. 245). A proposta de trabalho conjunto entre Peru e EUA não era inovadora. De acordo com Heaney (2016) outras instituições estadunidenses, como Harvard, Columbia e a Universidade da Pensylvania já haviam negociado para a fundação de instituições semelhantes no México. Contudo, essa suposta cooperação supunha que Bingham aceitava que os materiais arqueológicos peruanos deveriam permanecer em seu país:

Los exploradores norteamericanos alguna vez habían querido enriquecer sus propios museos, pero ‘no pudiendo sacar del país los resultados de las excavaciones, vienen a establecer [un centro de investigación] en el centro mismo del territorio que vio desarrollarse la cultura’, proclamó *El Comercio* en su portada. El centro seria un sitio de intercambio y colaboración, ‘un lugar donde estudiantes peruanos y extranjeros siempre serán bienvenidos’, les escribió Bingham a sus contactos entre los cuales estaba el arqueólogo peruano Julio C. Tello. Su nombre era Yanquiusi [*sic*], casa de los yanquis, en quechua agringado (HEANEY, 2016, p. 246)

Essa possibilidade de trabalho permitiu ao explorador retornar ao Peru, apesar de todo o debate ocasionado em função de sua saída após a permissão para levar os artefatos incaicos para Yale. Bingham descreve, em 1916, a casa dos estadunidenses como um quartel general que serviria como base e apoio para a equipe durante o trabalho:

In 1915, however, we decided to establish our headquarters at Ollantaytambo rather than at Cuzco, because it has a better climate (being at an elevation of only 9,000 feet above the sea instead of 11,000 feet), has plenty of good water – an important factor, considering the amount of pure water needed for photographic purposes, as well as for ordinary use – and was a long day’s journey, or 33 miles, nearer to Machu Picchu and the valleys where most of our work was to be done<sup>11</sup> (THE NATIONAL GEOGRAPHIC MAGAZINE, 1916, p 441).

A última reportagem editada por Hiram Bingham proveniente de suas excursões pelo Peru foi veiculada em maio de 1916. Intitulada *Further Explorations in the Land of the Incas*, relembra a primeira viagem – em 1911 –, seus objetivos e resultados alcançados, e traça os planos para essa última expedição: “Accordingly, the Expedition of 1915 had for its chief object the securing of as much information as

---

<sup>11</sup> “Em 1915, entretanto, decidimos estabelecer nossa sede em Ollantaytambo em vez de Cuzco, porque tem um clima melhor (está a uma altitude de apenas 9.000 pés acima do mar em vez de 11.000 pés), tem muita água boa - um importante fator, considerando a quantidade de água pura necessária para fins fotográficos, bem como para uso comum – e foi um longo dia de viagem, ou 33 milhas, mais perto de Machu Picchu e dos vales onde a maior parte do nosso trabalho seria feito” (THE NATIONAL GEOGRAPHIC MAGAZINE, 1916, p 441).

possible about the former inhabitants of Machu Picchu and the territory immediately surrounding the city”<sup>12</sup> (THE NATIONAL GEOGRAPHIC, 1916, p. 433). Ao afirmar que um dos objetivos primeiros da expedição é de coletar a maior quantidade possível de informação acerca de Machu Picchu, Bingham está assegurando para si, novamente, o direito de estudar e explorar os sítios arqueológicos peruanos. Do mesmo modo, o explorador se sente autorizado, a escrever sobre a história dos Incas e do Peru. Uma história em que ele nega a participação dos indígenas exibidos nas suas fotografias. Embora a existência de uma oferta de trabalho mútuo entre Peru e Yale, na prática ele e sua equipe continuariam exercendo o papel de “descobridores” e cientistas no país, uma autoridade inegociável.

A reportagem menciona o encontro de antigas estradas com diversas construções que, de acordo com Bingham: “[...] evidently representing outlying fortresses and fortified stations used for the defense of the capital and for the convenience of travelers on the highways”<sup>13</sup> (THE NATIONAL GEOGRAPHIC MAGAZINE, 1916, p. 433). Para o diretor da expedição, está claro que Machu Picchu foi “[...] the capital of a considerable area of country that was once densely populated”<sup>14</sup> (THE NATIONAL GEOGRAPHIC MAGAZINE, 1916, p. 433). Ao descrever o trabalho realizado por ele e sua equipe, Bingham assume esta dinâmica colonial de tomar para si – e para Yale e para os Estados Unidos – o mérito de todo o trabalho realizado, utilizando sempre do argumento do trabalho e dever científico:

In the course of our work we crossed a number of hitherto-unexplored areas, collected large numbers of botanical and zoological specimens mapped a new river system, and took measurement of nearly all of the savage inhabitants of the newly visited valley, besides many of semi-civilized folk of the older valleys<sup>15</sup> (THE NATIONAL GEOGRAPHIC MAGAZINE, 1916, p. 433).

---

<sup>12</sup> “Assim, a Expedição de 1915 teve como objetivo principal obter o máximo de informações possível sobre os antigos habitantes de Machu Picchu e o território imediatamente ao redor da cidade” (THE NATIONAL GEOGRAPHIC, 1916, p. 433).

<sup>13</sup> “[...] representando evidentemente fortalezas periféricas e estações fortificadas usadas para a defesa da capital e para a conveniência dos viajantes nas estradas” (THE NATIONAL GEOGRAPHIC MAGAZINE, 1916, p. 433).

<sup>14</sup> “[...] a capital de uma área considerável do país que já foi densamente povoada” (THE NATIONAL GEOGRAPHIC MAGAZINE, 1916, p. 433).

<sup>15</sup> “No curso de nosso trabalho, cruzamos várias áreas até então inexploradas, coletamos grande número de espécimes botânicos e zoológicos, mapeamos um novo sistema fluvial e medimos quase todos os habitantes selvagens do vale recentemente visitado, além de muitos povos semi-civilizados dos vales mais antigos” (THE NATIONAL GEOGRAPHIC MAGAZINE, 1916, p. 433).

De acordo com a narrativa presente na revista, a proposta da expedição – a segunda parte da equipe que havia sido enviada em 1914 – era buscar pelos caminhos que referendariam a ideia de Bingham de que Machu Picchu era, ao mesmo tempo, Tampu Tocco e Vilcabamba. Contudo, a primeira equipe de 1914 havia reportado a Bingham a existência de vários caminhos que conectavam Ollantaytambo com Machu Picchu. Guiados por Ricardo Charanja, esta equipe deveria escolher qual caminho seguir: o caminho oficial, que já haviam tomado outras vezes; ou cruzar uma ponte suspensa e seguir por um caminho que levaria a Patallacta. Acabaram optando pela segunda opção e depois de um dia inteiro de viagem, chegaram a Patallacta, onde Erdis e outros seis membros da expedição estavam trabalhando. Como mencionado na revista, o engenheiro estava limpando as ruínas próximas a Ollantaytambo e levantando mapas destas, para facilitar os trabalhos de Bingham. Além disso, Erdis também realizou escavações que propunham entender a antiguidade da região e cotejar com as ideias até então vigentes na época sobre a antiguidade do homem andino.

A busca por antigas trilhas e estradas aparece na reportagem como a tentativa de conhecer uma região inexplorada e desconhecida nas proximidades de Machu Picchu:

Later we located part of an ancient road leading back from the city up the mountain side and across the face of one of the towering precipices on Machu Picchu Mountain. It appeared to proceed in a southerly direction into a region of high mountains, deep valleys, and well-nigh impassible jungles. In 1915 it was my privilege to penetrate that unexplored country back of Machu Picchu, visit it ruins, and follow it ancient trails<sup>16</sup> (THE NATIONAL GEOGRAPHIC MAGAZINE, 1916, p. 445).

No entanto, como sabemos, ainda no século XIX exploradores já haviam percorrido essas localidades e, inclusive, desenhado mapas que reportavam a existência de construções antigas. Ou seja, Bingham não só não havia descoberto nada, como também estava percorrendo e “explorando” caminhos que há muito eram conhecidos pelos peruanos. Acontece que *para os estadunidenses* esta era uma região inexplorada, trazendo à tona a velha dinâmica colonial de que aquilo que

---

<sup>16</sup> “Mais tarde, localizamos parte de uma antiga estrada que voltava da cidade subindo a encosta da montanha e atravessando a face de um dos precipícios imponentes da montanha Machu Picchu. Parecia prosseguir na direção sul para uma região de altas montanhas, vales profundos e selvas quase intransponíveis. Em 1915 tive o privilégio de penetrar naquele país inexplorado atrás de Machu Picchu, visitar suas ruínas e seguir suas antigas trilhas” (THE NATIONAL GEOGRAPHIC MAGAZINE, 1916, p. 445).

não existe para a Europa e Estados Unidos, não existe *de fato*. Uma vez que um explorador estadunidense reporta para o mundo a descoberta de uma *cidade perdida*, ele também está apresentando-a para o mundo civilizado: Europa e EUA.

A reportagem alega que o sítio mais importante da região é chamado de Patallacta, que segundo Bingham significa “Cidade na Montanha”, num lugar chamado Qquente. Ali, a equipe realizou escavações, mas não é mencionado quais foram os objetos encontrados. Apesar disso, o explorador chama a atenção para o fato de que, apesar de muitas lendas circularem a respeito de imagens de ouro e outros tesouros de grande valor, nada disso foi encontrado durante os trabalhos, nem em Patallacta, nem em outras ruínas. Outra “descoberta” da YPE foram as estradas que levam até Machu Picchu:

It was with mingled feelings of keen anticipation and lively curiosity that Mr. Hardy and I, with a gang of Indian bearers from Ollantaytambo, in April, 1915, set out to discover how far we could follow this ancient road. After passing through a picturesque primeval forest, we came out in the upper part of the valley on grassy slopes, where we had no difficulty in tracing the remains of the ancient highway<sup>17</sup> (THE NATIONAL GEOGRAPHIC MAGAZINE, 191, p. 446).

Outra observação pertinente sobre as ditas descobertas da YPE é o fato de que a todo momento estes exploradores estavam acompanhados de indígenas que serviam de guias. Embora a presença desses guias seja, muitas vezes, omitida das narrativas, a sua presença é constante (PRATT, 1999). Isso significa que as estradas e caminhos descobertos pelos estadunidenses já eram utilizadas pelos moradores da região.

Também é mencionado o encontro de outros sítios antigos, como por exemplo Runcu Racay, que de acordo com Bingham seria um forte na estrada antiga. Outra seria a de Cedrobamba – segundo Bingham o indígena que guiava o grupo teria utilizado esse nome –, que seria um forte de proteção de Machu Picchu. Enquanto os trabalhadores da expedição abriam uma das estradas exploradas, Bingham e dois outros trabalhadores seguiram a trilha que estava limpa e que, de acordo com ele, levava em direção a Machu Picchu.

---

<sup>17</sup> “Foi com sentimentos misturados de grande expectativa e intensa curiosidade que o Sr. Hardy e eu, com uma gangue de carregadores índios de Ollantaytambo, em abril de 1915, partimos para descobrir até onde poderíamos seguir esta antiga estrada. Depois de passar por uma pitoresca floresta virgem, saímos na parte alta do vale em encostas relvadas, onde não tivemos dificuldade em rastrear os restos da antiga estrada” (THE NATIONAL GEOGRAPHIC MAGAZINE, 191, p. 446).

Assim como na edição de fevereiro de 1915, Bingham segue utilizando como base algumas crônicas espanholas para respaldar suas explorações. Uma delas menciona a suposta rota seguida pelos missionários em direção à Vilcabamba, La Vieja.

At last the trail, which in many places followed the lines on an Inca highway, came to a dark green lake, larger than the rest, whose name I inquired of the guide. The answer gave me a thrill. As the guide shouted it back to me from the head of the caravan, I thought he said Ungacacha; in fact, it sounded more like this than Yanacocha, or 'Black Lake', its actual name, as learned later. Now, in the account of the journey of the two monks from Pucyura to Vilcabamba the Old just referred to, it was stated that they had to pass a place called Ungacacha. Ever since our first journey into this region in 1911 I had been inquiring of Indians everywhere for a locality of the name, only to be met invariably with the reply that they knew of no such place<sup>18</sup> (THE NATIONAL GEOGRAPHIC MAGAZINE, 1916, p. 451-452).

Evitando ao máximo ouvir os moradores da região, indígenas que ele ignorava, Bingham tenta, a todo custo, forçar a evidência de que o lago Yanacocha seria Ungacacha, o lugar onde os monges haviam resvalado no caminho a Vilcabamba: “Bingham estaba tan desesperado porque Machu Picchu fuera Vilcabamba la Vieja que concluyó que los frailes se habían equivocado de nombre igual que él y que su ciénaga era en realidad Yanacocha” (HEANEY, 2016, p. 251).

É bastante notável, também, que diferentemente das primeiras edições, esta não contém nenhuma ilustração de cerâmicas incaicas, o que não impede Bingham de comparar a cerâmica incaica à cerâmica grega: “Their pottery is marked by simple and graceful lines, bearing a striking similarity to that of ancient Greece, and resembling in its simplicity and utility some of the modern vessels at present in use in French kitchens”<sup>19</sup> (THE NATIONAL GEOGRAPHIC MAGAZINE, 1916, p. 455). Os pratos com pinturas que representam borboletas (Figura 18), são descritos pelo explorador como: “A pair of dishes found at Machu Picchu, bearing painted in three

---

<sup>18</sup> “Por fim, a trilha, que em muitos pontos seguia as linhas de uma estrada inca, chegava a um lago verde-escuro, maior que os outros, cujo nome perguntei ao guia. A resposta me deu uma emoção. Como o guia gritou de volta para mim da cabeça da caravana, pensei que ele disse Ungacacha; na verdade, soava mais assim do que Yanacocha, ou 'Lago Negro', seu nome real, como soube mais tarde. Agora, no relato da viagem dos dois monges de Pucyura a Vilcabamba, o Velho, a que acabamos de referir, foi afirmado que eles tiveram que passar por um lugar chamado Ungacacha. Desde nossa primeira viagem a esta região em 1911, eu vinha perguntando aos índios de todos os lugares sobre uma localidade com o nome, apenas para receber invariavelmente a resposta de que eles não conheciam tal lugar.” (THE NATIONAL GEOGRAPHIC MAGAZINE, 1916, p. 455).

<sup>19</sup> “Sua cerâmica é marcada por linhas simples e graciosas, apresentando uma notável semelhança com a da Grécia antiga e assemelhando-se em sua simplicidade e utilidade a alguns dos vasos modernos atualmente em uso nas cozinhas francesas” (THE NATIONAL GEOGRAPHIC MAGAZINE, 1916, p. 455).

colors, represents their highest attainment in ceramic decoration”<sup>20</sup> (THE NATIONAL GEOGRAPHIC MAGAZINE, 1916, p. 455).

No entanto, o que todas as três reportagens possuem em comum é a impessoalidade com que pessoas, além de ossadas e múmias, são tratadas por Bingham e sua equipe. Corpos embalsamados e esqueletos encontradas pela YPE são tratados como objetos, artefatos científicos que merecem ser estudados e depois depositados em um museu para serem expostos. Uma das imagens presentes na edição é de um crânio com furos, que foi trepanado, apresentado como uma curiosidade (Figura 24):

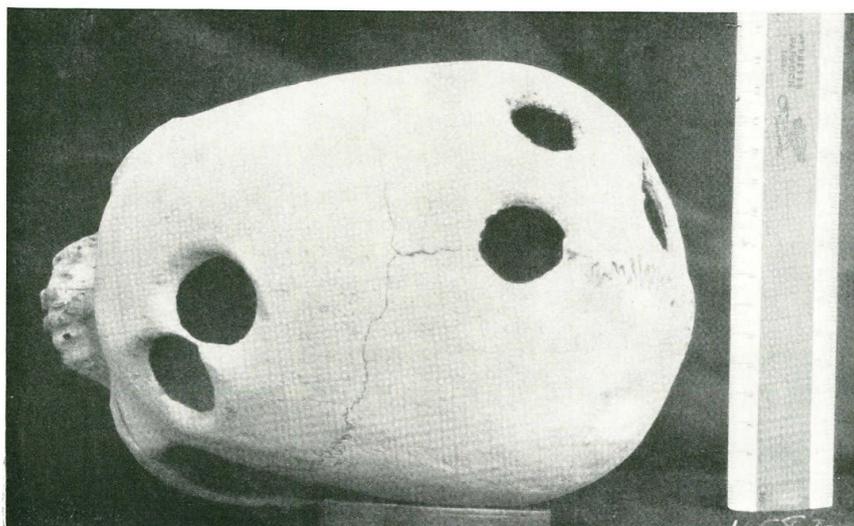
Their surgical tools were probably of bronze or obsidian. Surgery appears to have been practiced to a considerable degree, if one may judge by the large number of trepanned skulls that we have found in caves within a radius of 25 miles of Machu Picchu. In some cases, the cause of the operation appears to have been disease; in others evidence leads to the conclusion that the operation was intended to relieve pain caused by wounds received in battle. Since the favorite weapon of the Inca peoples was the sling, and clubs were common, it is not surprising that the skulls of many soldiers should have needed the relief that came from skillful trepanning<sup>21</sup> (THE NATIONAL GEOGRAPHIC MAGAZINE, 1916, p. 455).

Figura 23 - Crânio trepanado

---

<sup>20</sup> “Um par de pratos encontrados em Machu Picchu, pintados em três cores, representa sua maior conquista na decoração cerâmica” (THE NATIONAL GEOGRAPHIC MAGAZINE, 1916, p. 455).

<sup>21</sup> “Suas ferramentas cirúrgicas eram provavelmente de bronze ou obsidiana. A cirurgia parece ter sido praticada em grau considerável, a julgar pelo grande número de crânios trepanados que encontramos em cavernas em um raio de 25 milhas de Machu Picchu. Em alguns casos, a causa da operação parece ter sido uma doença; em outros, as evidências levam à conclusão de que a operação visava aliviar a dor causada por ferimentos recebidos em batalha. Como a arma favorita dos povos incas era a funda, e os bastões eram comuns, não é de surpreender que os crânios de muitos soldados precisassem do alívio que vinha da trepanação habilidosa” (THE NATIONAL GEOGRAPHIC MAGAZINE, 1916, p. 455).



Photograph by Hiram

THE MOST REMARKABLE TREPANNED SKULL YET FOUND IN PERU  
Having five holes, the edges of which show evidence of healing. We are sure that this patient survived his operation (see page 455).

Fonte: The National Geographic Magazine (1916, p.464).

Legenda: Fotografia de H. Bingham.

Do mesmo modo, as pessoas presentes nas fotografias são apresentadas quase que como espécimes vivos de um povo passado, remanescentes de uma antiga cultura. Bingham prossegue a reportagem apresentando elementos da cultura incaica para seus leitores, como por exemplo a religião e a guerra. Intercalado com os textos, há diversas imagens de camponeses andinos, em seus afazeres diários, como por exemplo em seu trabalho no campo:

Figura 24 - Arando o campo de batata



FLOWING IN PERU

Photograph by Hiram Bingham

The picture shows a potato field being plowed by hand. The women turn the clods after they are loosened by a pair of man-power plows. This appears to represent the aboriginal method of cultivating the soil, but these spades are shod with iron or steel points. The handles are tied to the spades with leathern thongs. It is an Indian custom to hearten labor by working in common, and as many laborers as can be got together work on the same job at the same time. The enthusiasm that comes from working together relieves the monotony of the hard exertion in high altitudes.

Fonte: The National Geographic Magazine (1916, p.452).

Legenda: Fotografia de H. Bingham.

São 47 ilustrações, entre fotografias e mapas nas 42 páginas reservadas à reportagem. Assim como nas fotografias presentes na edição de abril de 1913, as fotografias acompanham legendas que tentam apresentar o Peru e os peruanos para os leitores estadunidenses. Na Figura 25, por exemplo, a reportagem apresenta o método *aborígene* de cultivar as batatas, embora as pás sejam de ferro ou aço. Novamente, as legendas traçam diferenças entre os EUA e o Peru. Enquanto os EUA viviam, à época, um período de expansão industrial, inclusive no campo, com a presença de maquinários, os peruanos ainda utilizavam técnicas muito parecidas com as dos antigos incas, descritos na revista. Outro exemplo disso é a Figura 26, que mostra camponeses andinos tecendo em um tear manual.

Figura 25 - Tecendo em um tear manual



MAKING BLANKETS ON HAND LOOMS

Photograph by Hiram Bingham

This is an important ancient industry still widely practiced in the highlands of Peru. The picture shows the process of laying down the warp for a large blanket at an elevation of nearly 14,000 feet. The pattern is determined largely by the skill with which the warp is laid down.

Fonte: The National Geographic Magazine (1916, p.454).

Legenda: Fotografia de H. Bingham.

A equipe era bastante variada e contava com a presença de vários especialistas, por isso, muitas observações foram feitas, desde plantas que serviriam para alimentação e para tratamento medicinal, pássaros, borboletas, formigas, mamíferos da região, etc. Sobre isso, Ricardo Salvatore (2016) menciona que o anúncio da descoberta de uma cidade perdida na América do Sul chamou a atenção não apenas do público leitor da revista *National*, mas também de estudiosos e especialistas das mais diversas áreas que, nas décadas seguintes, empreenderam viagens para o continente sul-americano a fim de estudar a região.

O colonialismo e a história natural autorizaram, ao longo dos séculos, europeus a coletarem os mais diversos objetos, plantas, animais, insetos, pedras, etc., para realizarem estudos sobre determinadas regiões consideradas desconhecidas do globo. Como é o caso de viajantes naturalistas do século XIX, assim como também é o caso da YPE, no início do século XX, estes elementos recolhidos lotaram gabinetes de curiosidades e museus na Europa e Estados Unidos. Fruto desse colonialismo, o racismo científico produziu um discurso de uma autoridade branca inegociável que esses viajantes possuíam sobre os outros povos.

O racismo científico, por sua vez, fundou as bases do progresso científico levado pelos europeus, e depois estadunidenses, para os quatro cantos do mundo. Como dissemos, era esse progresso científico que legitimava a presença estadunidense no Peru e não apenas os corpos mortos foram tratados como objetos para serem estudados, mas também os corpos vivos.

Prova disso é um dos últimos tópicos mencionados pela revista, que cita o trabalho de medir e fotografar os indígenas para a “medicina dos homens brancos”, segundo Bingham. Esse trabalho, como citado por Amy Cox Hall (2020), visava catalogar as doenças mais comuns que afetavam os indígenas da região. Segundo Hall (2020), o bócio era uma das doenças mais recorrentes devido à falta de iodo na alimentação e as fotografias tiradas pela equipe ajudaram a ratificar a imagem de indígenas decadentes, que em nada se assemelhavam aos incas. Essa prática de medir e fotografar os indígenas demonstra a impessoalidade e o pouco prestígio que Bingham reservava aos moradores da região. Além de omiti-los de sua narrativa oficial, e apresentá-los como bêbados e preguiçosos, as fotografias antropométricas tentavam ratificar a superioridade estadunidense sobre um Peru pobre e atrasado.

A reportagem finaliza com Bingham afirmando que os indígenas são uma *raça honesta*. Para ele, os indígenas peruanos devem continuar a serem estudados apesar de que “[...] it must be admitted that they seldom bathe and have some filthy habits, this is partly the result of living in the cold of the Andes and partly due to ignorance<sup>22</sup> (THE NATIONAL GEOGRAPHIC MAGAZINE, 2016, p. 473). Além disso finaliza com um alerta:

If the government of Peru would follow the example of the United States government in making it a crime to sell alcohol and cocaine to the Indians, its revenue would be greatly curtailed; but there is no question that ultimately the country and the Indians would both be far better off<sup>23</sup> (THE NATIONAL GEOGRAPHIC MAGAZINE, 1916, p. 473)

Como podemos ver, a admiração de Bingham pelo passado peruano não atenua seu preconceito pelos indígenas peruanos do presente. São esses argumentos que permitirão a YPE sentir-se autorizada a remover e apropriar-se dos

---

<sup>22</sup> “[...] devemos admitir que eles raramente tomam banho e têm alguns hábitos sujos, isso é em parte resultado de viver no frio dos Andes e em parte devido à ignorância” (THE NATIONAL GEOGRAPHIC MAGAZINE, 2016, p. 473).

<sup>23</sup> “Se o governo do Peru seguisse o exemplo do governo dos Estados Unidos, tornando crime a venda de álcool e cocaína aos índios, sua receita seria grandemente reduzida; mas não há dúvida de que, em última análise, o país e os índios estariam muito melhor” (THE NATIONAL GEOGRAPHIC MAGAZINE, 2016, p. 473).

objetos encontrados em Machu Picchu. Como tentamos evidenciar nesse capítulo, a prática da coleta de espécimes está associada a uma ideia de progresso científico e está inserida na concepção de que os estadunidenses têm o direito de possuir aquelas peças por serem mais ricos e portadores de mais recursos técnicos capazes de estudar e preservar esses artefatos. Muito mais do que levar para os Estados Unidos, a YPE furta, por um século, o direito dos peruanos de estudarem e preservarem sua própria história. Impede que peruanas e peruanas de gerações possam olhar para os objetos que seus antepassados produziram e impediram que as múmias retiradas de suas *huacas* descansassem e fossem tratadas como meros exemplares de museus.

## 4.2 A concessão

No século XIX escavações ilegais em busca de objetos com potencial valor de venda, incentivam muitos exploradores, especialmente europeus, a procurarem por tesouros e múmias no Peru. Tais escavações de cunho predatório visavam as *huacas*, lugares onde os incas depositavam seus mortos, muitas vezes acompanhados de objetos de ouro ou bronze. Essas profanações de tumbas eram muito mal vistas pelos indígenas locais, que as consideravam lugares sagrados e acreditavam que poderiam sofrer alguma represália de ordem sobrenatural, caso participassem das profanações. Em seu livro *La Ciudad Perdida de los Incas* (1948), Hiram Bingham menciona o assombro e a desconfiança dos camponeses ao verem a expedição mexendo nas ossadas:

Los indios porteadores y trabajadores quichuas observaban con interés nuestras operaciones, pero se sintieron positivamente asustados cuando comenzamos a medir y examinar cuidadosamente los huesos. Habían tenido dudas sobre el objeto de nuestra expedición hasta este momento, pero ahora las vacilaciones se desvanecían, y decidieron que habíamos venido a ponernos en comunicación con los espíritus de los incas difuntos (BINGHAM, 1948, p. 108).

Como mencionado anteriormente, em 1911 o governo peruano decretou que todos os objetos encontrados em sítios arqueológicos do país pertenceriam exclusivamente ao Estado Peruano, o que interferiria diretamente no trabalho da YPE. Em 1912, enquanto escavava em Machu Picchu, Bingham havia recebido um telegrama que proibia a expedição de escavar e retirar do sítio quaisquer objetos

encontrados. Ainda segundo este decreto, os exploradores poderiam levar apenas fotografias do que fosse encontrado. Além disso, o governo peruano nomearia um monitor para cada expedição, com o objetivo de evitar o contrabando de peças arqueológicas. De fato, o saque e as escavações sem supervisão já eram um problema antigo na região. Tal decreto representava um importante passo de proteção aos monumentos desde a independência do Peru (HEANEY, 2016). Para intelectuais peruanos, o caso da YPE simbolizava um modelo que pudesse referendar um pedido de maior proteção ao patrimônio arqueológico peruano:

La Sociedad Histórica de Lima y un grupo de jóvenes intelectuales que se hacían llamar la Sociedad Protectora de Monumentos Históricos arguyeron que la búsqueda de Bingham de la capital incaica perdida llevaría necesariamente a que fuera excavada, lo cual impediría que el Perú mismo realizara las excavaciones de dichos sitios, quizá los más simbólicos en la historia peruana (HEANEY, 2016, p. 155).

Como já deixamos claro e ao contrário do que a revista *National Geographic* fez parecer, o conjunto de sítios arqueológicos escavadas por Bingham – Machu Picchu, Vitcos e Espíritu Pampa – não eram desocupadas e esquecidas pelos peruanos. Na verdade, estes “[...] eran los hogares de indígenas modernos del Perú, quienes las estaban usando como refugio frente a la explotación peruana moderna, para buscar a paz que ahora había sido perturbada por la llegada de las expediciones de Bingham” (HEANEY, 2016, p. 155). Como vimos, a própria YPE se valeu do trabalho compulsório a que os indígenas eram obrigados, inclusive pela ação de soldados destacados para forçá-los a tanto. Christopher Heaney (2016) ressalta que a região do vale do Urubamba, onde localiza-se Machu Picchu, era de bastante tensão entre indígenas e brancos e, além disso, apesar de os camponeses de Ollantaytambo serem pagos para trabalharem para a expedição, eram, em tese, trabalhadores forçados: “[...] aparte de preferir dedicarse a sus cosechas, estaban siendo incorporados contra su voluntad en las abusivas practicas laborales del bajo Urubamba [...]” (HEANEY, 2016, p. 176).

A proibição do governo peruano de escavar os sítios arqueológicos, colocou-se como um empecilho para o trabalho de Bingham. Uma das obrigações do explorador era trazer para o museu de Yale uma coleção de artefatos para estudar e exhibir. Segundo Heaney (2016) um dos principais financiadores da YPE de 1912 havia concordado em doar 5 mil dólares à expedição com a condição de que Bingham conseguisse uma concessão por parte do governo peruano para explorar e

escavar os sítios. O presidente estadunidense William Howard Taft ofereceu à YPE ajuda extraoficial do Departamento de Estado para obter a concessão. Enquanto isso, a Universidade de Yale pediria ao presidente do Peru que desse uma exceção legal à expedição de Bingham para que esta pudesse escavar no Peru durante dez a vinte anos. Em troca, Yale entregaria a metade de tudo o que descobrisse ao Museo Nacional del Perú e poderia exportar o restante a New Haven (HEANEY, 2016).

À época, o Peru enfrentava uma crise política. Augusto Leguía, então presidente e adepto de medidas mais entreguistas, era aliado político dos Estados Unidos e já havia concedido aos EUA a exploração nas minas do país. Dessa maneira, Bingham acreditava que não encontraria problemas na concessão à Yale. Contudo, Leguía não se reelegeu presidente, nas eleições ocorridas em maio de 1912. Seu opositor, Guillermo E. Billinghurst, o alcaide de Lima, que provinha de uma família bastante rica, foi reconhecido como o candidato do povo, pois era defensor de medidas mais protetivas. A eleição havia sido bastante tensa. As elites peruanas impediram que Billinghurst votasse. Em represália, em 25 de maio, seus apoiadores bloquearam o acesso às mesas de votação. A vitória de Billinghurst representava o “triunfo do povo”<sup>24</sup>.

A vitória de Billinghurst nas urnas gerava grandes expectativas de reformas, até mesmo no campo da proteção do Patrimônio Peruano. Um dos apoiadores do presidente recém-eleito foi Luís Eduardo Valcárcel<sup>25</sup>, que posteriormente seria um importante intelectual e um dos fundadores do movimento Indigenista peruano. Neste momento, contudo, Valcárcel era um jovem intelectual envolvido no estudo de línguas e tradições dos indígenas que viviam nas proximidades de Cusco, além de editar a revista da universidade e escrever artigos sobre os antigos heróis incas para os periódicos de Lima e participar de reuniões da Sociedad Pro-Indígena da região (HEANEY, 2016). Valcárcel, que havia viajado de Cusco para Lima para apoiar a vitória de Billinghurst, encontrou-se com o presidente da Sociedad Protectora de Monumentos, Juan Bautista de Lavalle, durante sua estadia na capital. Esta havia

---

<sup>24</sup> A eleição foi disputada entre um membro do partido do então presidente August B. Leguía – que apoiava intervenções estrangeiras no país – e um candidato mais radical, apoiado por jovens progressistas das províncias. Guillermo E. Billinghurst, membro do Partido Demócrata que era de viés político mais progressista e foi eleito presidente do Peru em 1912.

<sup>25</sup> Luís Eduardo Valcárcel (1891-1987) foi um importante historiador e antropólogo peruano. Nasceu em uma família de comerciantes de classe média e estudou na Universidade de Cusco, onde participou de um importante movimento e greve estudantil que pleiteava uma universidade mais democrática e preocupada com problemas sociais que assolavam a região do Cusco.

sido a organização responsável pela aprovação da lei de proibição de exportação de objetos de 1911. Também o presidente do Instituto Histórico de Lima, don Eugenio Larrabure y Unanue, havia enviado uma proposta de lei para o Congresso que “[...] pedía una prohibición permanente a la exportación de objetos de interés arqueológico o anticuario” (HEANEY, 2016, p. 186).

Além de Valcárcel, outro relevante intelectual peruano que desempenharia, ainda que indiretamente, importante papel com relação à YPE junto ao Estado peruano foi Julio Cesar Tello<sup>26</sup>, que posteriormente ficaria conhecido como o “pai da arqueologia peruana”. Tello graduou-se em medicina pela Universidad Nacional de San Marcos e, após conseguir uma bolsa de estudos do governo, realizou um mestrado em arqueologia pela Universidade de Harvard. Durante os preparativos da expedição, em 1911, Tello pediu a Bingham, por intermédio do diretor do Museu Peabody de Yale, George Grant MacCurdy, para integrar a equipe de Bingham como um “representante arqueológico”. Neste momento Tello já havia finalizado seu mestrado e, apesar de continuar seus estudos na Europa onde estudaria as coleções peruanas, desejava realizar trabalhos de campo no Peru. A YPE era a oportunidade perfeita para Tello e Bingham unirem esforços em prol da arqueologia peruana. No entanto, como sabemos, Tello jamais integrou a equipe de Bingham e o explorador assumiu o posto de arqueólogo.

A conjuntura estabelecida não era favorável às expectativas da YPE e, ao que parece, o líder da expedição deixou passar a oportunidade de resolver a questão a tempo. Segundo Heaney (2016) antes de concluir seu mandato, Leguía poderia ter assinado o contrato que firmava a concessão de trabalho para Bingham, se este tivesse comparecido ao seu gabinete em Lima: “La concesión había estado languideciendo en su escritorio durante semanas, esperando a que Bingham la firmara” (HEANEY, 2016, p. 187). Enquanto Lima fervia com a disputa presidencial, Bingham estava explorando um sítio conhecido como Llactapaqta. O explorador objetivava voltar a visitar Vitcos e escavá-la, porém, havia encontrado uma epidemia de varíola e febre tifoide que já havia matado 150 habitantes do povoado que frustrou seus planos. Assim, voltou sua atenção para o santuário de pedra de Yurakrumi, que havia aparecido em uma fotografia da edição de *In the Wonderland*,

---

<sup>26</sup> Julio Cesar Tello (1880-1947) foi um importante arqueólogo peruano, responsável por escavar o sítio arqueológico de Chavín de Huantar, onde descobriu uma estela. Além disso, Tello também trabalhou em escavações no Cerro Colorado, onde encontrou, juntamente com sua equipe, 429 múmias. Tello provinha de uma família indígena e falava quechua.

em 1913. A resistência dos indígenas em aceitar trabalhar para a YPE mostrou-se especialmente forte no povoado de Puquiura, quando Bingham e outros membros da expedição foram hostilizados:

Obedecieron de mala gana las órdenes impartidas por un blanco local para ayudar al explorador a drenar el oscuro estanque de agua bajo el santuario. En el lodo encontraron nueve enormes asientos de piedra, pero ningún objeto arqueológico. A la mañana siguiente se comportaron de manera abiertamente 'insolente' hacia Bingham, sintiéndose en libertad de demostrar su descintamente en formas impensables para los indios más cercano al Cusco. Al final del día, el único tesoro que le entregaron fue el pedestal de una solitaria olla cerámica (HEANEY, 2016, p. 187).

Ao retornar para o povoado mais próximo, o explorador soube da mudança na presidência e viajou para Lima com o propósito de encontrar-se com o novo eleito. Bingham e um dos ministros estadunidenses encontraram-se com Billinghamurst em seu primeiro dia de mandato e apresentaram a ele a proposta de concessão. De acordo com Heaney (2016) o novo presidente, com sua postura nacionalista, mostrava-se incomodado com acordos parecidos com os que havia feito o antigo presidente: “Billinghamurst dijo que quería ser amigo de Estados Unidos y que no se opondría a la concesión de Yale ahora que estaba en el Congreso. Personalmente, sin embargo, consideraba que el proyecto era una desgracia para el Perú” (HEANEY, 2016, p. 188). Não apenas o presidente do país era contrário à concessão, mas também intelectuais e jornalistas peruanos. O presidente do Instituto Histórico del Perú, don Eugenio Larrabure y Unanue, havia sido nomeado para revisar o projeto de concessão no congresso e deixou bastante claro a Bingham que estava completamente em desacordo com a proposta, “[...] tanto porque le permitía a Yale socavar el decreto anterior y llevarse objetos a New Haven, como por ser exclusiva, prohibiendo un acceso peruano a su propio pasado (HEANEY, 2016, p. 205). Os periódicos peruanos também debateram fortemente contra a concessão a Yale. Os Estados Unidos poderiam realizar escavações no Peru e levar *alguns objetos* de interesse histórico, mas o Peru deveria ter a última palavra sobre isto.

A presença da YPE no Peru representava um grande risco para o patrimônio arqueológico peruano não apenas porque pleiteava uma concessão exclusiva para Yale, mas porque furtava dos peruanos o direito à sua própria história, não permitindo que intelectuais peruanos sequer participassem da equipe de trabalho. A

alegação de Bingham para isso era a de que a YPE era uma expedição estadunidense e *científica*. Contudo, como sabemos, o Peru possuía pesquisadores altamente capacitados, como é o caso de Julio C. Tello. Ao utilizar o termo *cientista* para se referir apenas aos estadunidenses, Bingham evoca um sentimento de autoridade, presente a todo momento, não apenas sobre os objetos encontrados durante as escavações, mas sobre o Peru, um país que não possuiria pessoas suficientemente habilitadas e aparatos técnicos para desenvolver tais pesquisas.

Bingham estava cada vez mais constrangido com o debate público suscitado pela ideia de uma concessão. Ao mesmo tempo em que havia prometido para Yale retornar com os objetos encontrados nas escavações dos sítios de Machu Picchu e arredores, havia dito que “[...] el Perú alegremente seguía los designios estadunidenses en todos los temas” (BINGHAM *apud* HEANEY, 2006, p. 205). Isto é, considerara que o Peru manteria sua postura de concordância com os desígnios estadunidenses, permitindo assim o envio sistemático de artefatos provenientes das escavações. Apesar do intenso debate e de os jornais publicarem editoriais contrários a Yale, Estados Unidos e Bingham, o explorador conseguiu uma vitória. Juntamente com o ministro estadunidense como testemunha, o explorador e o presidente Billinghamst chegaram a um acordo: Bingham retiraria o pedido de concessão do Congresso e o presidente prepararia um decreto que permitiria que a YPE exportasse todos os artefatos encontrados até primeiro de dezembro. Com isso, “Yale exportaría *todos* sus objetos, en vez de la mitad contemplada en la concesión” (HEANEY, 2016, p. 206). Contudo, como veremos adiante, o Peru exigiu uma contrapartida: a devolução dos objetos assim que solicitado pelo país.

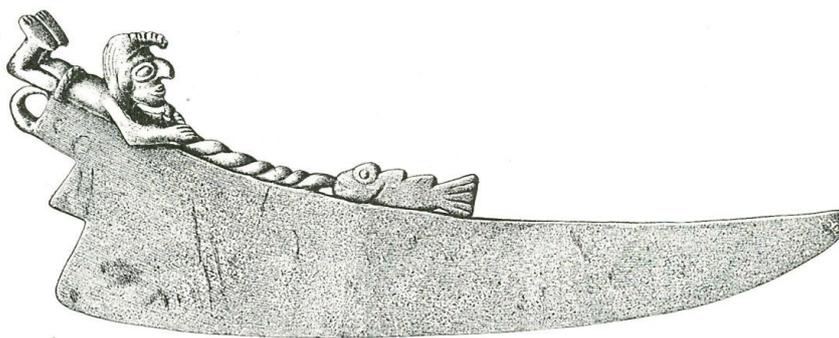
Seguindo com o decreto que postulava a necessidade de o governo peruano nomear um tutor para as escavações em seus sítios arqueológicos, o Peru delegou José Gabriel Cosío para acompanhar os trabalhos da YPE. Cosío era professor de história da Universidade do Cusco e membro fundador da Sociedad Geográfica de Cusco. Também foi Cosío que havia denominado Bingham como “descobridor científico” de Machu Picchu, uma vez que Augustín Lizárraga e outros mais sabiam da existência do sítio. Além disso, Cosío também foi a única pessoa a informar a morte do menino carregador da expedição de Bingham, em 1911, mencionada no capítulo anterior.

A tarefa de Cosío em Machu Picchu seria o de inventariar os objetos encontrados pela expedição. Segundo Heaney (2016), Cosío mostrou-se satisfeito

com a organização do trabalho realizado pela YPE: “hasta donde podía ver, habían extraído muy pocos tesoros, apenas tiestos y huesos humanos” (HEANEY, 2016, p. 210). Para obter o selo que permitia o embarque das caixas e a livre passagem das aduanas, a expedição teve de abrir, na presença de Cosío e do subprefeito de Cusco, as caixas onde guardavam os objetos encontrados nas escavações. No dia seguinte, Cosío e o subprefeito retornaram para pesar e selar as caixas. Em seu informe, Cosío menciona que a expedição “[...] no había encontrado tumbas o momias sin perturbar, ni metales preciosos. Las tumbas estaban parcialmente saqueadas, y contenían tan solo cráneos y huesos humanos más ‘una inmensa cantidad de objetos de piedra, tiestos y *champi* – bronce incaico –, ‘aunque casi todos estaban rotos e incompletos’” (COSÍO *apud* HEANEY, 2016, p. 210). Heaney também menciona que não encontrou o inventário final de Cosío, mas que é possível aventar que “[...] Yale había encontrado mucho de valor científico, pero poco de excepcional” (HEANEY, 2016, p. 210).

Entretanto, como Heaney (2016) demonstra, Bingham encontrou diversas *huacas* que haviam sido abertas ainda entre julho e final de agosto contendo muitas peças de cerâmica, além de algumas, como por exemplo a da “sacerdotisa”, abrigarem ainda todo o material funerário. A partir de setembro as *descobertas* foram muito mais satisfatórias, em boa medida em função de como o engenheiro Elwood Erdis organizou os trabalhadores indígenas: “Si un indio encontraba un esqueleto completo, recibiría 80 centavos; 20 por un cráneo, 20 por una olla entera y 20 por una pieza de bronce” (HEANEY, 2016, p. 211). Assim organizados, os indígenas encontraram desde panelas e pedaços de cerâmica, até alfinetes de bronze com estrelas de seis pontas nas cabeças, vasos para líquidos, entre outros objetos. Neste mês um dos objetos mais fabulosos da expedição foi encontrado: “un cuchillo de bronce, cuyo mango está decorado con la figura de un hombre con taparrabo, de estómago, pies en el aire, jalando una cuerda, al final de la cual hay un pescado” (ERDIS *apud* HEANEY, 2016, p. 211) (Figura 21).

Figura 26 - Faca de bronze encontrada em Machu Picchu



A CHARMING BRONZE KNIFE FOUND AT MACHU PICCHU, PERU

This interesting instrument, pronounced by experts to be one of the finest examples of the ancient art of working in bronze ever found in South America, is one of the many exceedingly valuable discoveries made by the National Geographic Society-Yale University Expeditions to Peru (see article by Hiram Bingham, pages 172 +).

Fonte: The National Geographic Magazine (1915, p. 171).

Legenda: Faca de bronze.

Apesar de Cosío ter elaborado um inventário das peças encontradas pela expedição, os artefatos mais delicados de bronze e prata, além de tumbas completas, não constaram em seu informe. Christopher Heaney (2016) aponta que a YPE reservava seus melhores achados, tanto para protegê-los de possíveis roubos, como para resguardá-los no momento da partilha. Bingham havia firmado um acordo com Mariano Ignacio Ferro, proprietário da área onde se encontrava Machu Picchu, de repartir os objetos encontrados, além da parcela do próprio governo peruano. O período em que Cosío passou em Machu Picchu coincidiu justamente com o período de menos achados:

Aun así, Erdis tomó nota de qué hallazgos Cosío vio y cuáles no. Por ejemplo, el 10 de octubre, un día en que Cosío vio a Richarte traer unos cuantos huesos podridos y tiestos, hubo un segundo hallazgo que Cosío no vio. Este incluía un cráneo mucho más fino, unas cuantas fichas verdes de piedra, y la aguja de bronce con forma de picaflor. Erdis no se arriesgó. Incluso dejó que los tiestos quedaran sucios, para asegurarse de que no “lucieran tan atractivos, y que los demás interesados no estén tan propensos a seleccionarlos” (HEANEY, 2016, p. 213).

Ao todo foram recolhidas 46 mil peças de Machu Picchu, divididos em 5414 lotes, dentro de 93 caixas de alimentos utilizadas pela expedição. Segundo Heaney (2016) a vasta maioria dessas caixas continha ossos e cacos de cerâmica, porém alguns levavam uma legenda especial de *científicos*, o código para indicar peças importantes: peças de prata e bronze, ossos e pedras. Apesar do acordo entre

Bingham e o presidente Billingham de remoção do pedido de concessão do Congresso, ao passo que a YPE poderia retirar objetos arqueológicos até a data de primeiro de dezembro, a expedição decidiu manter ocultas as peças mais valiosas, “[...] quizá temiendo que sus anfitriones no estuvieran tan dispuestos a compartir si supieran que tenían mucho más que meros huesos y tiestos” (HEANEY, 2016, p. 214).

A princípio, o acordo entre Bingham e o presidente do Peru, Billingham, parecia favorecer apenas ao explorador e à Universidade de Yale. Contudo, o decreto que permitia a saída dos objetos arqueológicos para os EUA continha uma cláusula que poderia mudar os rumos da expedição: “[...] los objetos podían salir del país, pero que Perú se reservaba ‘el derecho de exigir de la Universidad de Yale y de la Sociedad Geográfica Nacional de los Estados Unidos de Norte América, la devolución de los objetos únicos y la de los duplicados que se extraigan y hayan extraídos’” (HEANEY, 2016, p. 217). Entretanto, como o inventário de Cosío não declarava a maior parte dos objetos mais importantes extraídos dos sítios, ainda parecia ser vantajoso para Bingham e Yale, uma vez que, não sabendo quais eram os materiais extraídos, o Peru não poderia solicitá-los.

A finalização da primeira expedição de Bingham do Peru ocorreu dentro do que os estrangeiros esperavam, uma vez que levou para a Yale uma imensa quantidade de cacos de cerâmica, ossos humanos, múmias incaicas, entre outros *tesouros*. Porém, o pedido de concessão de Bingham também havia despertado o interesse peruano pela proteção de seus monumentos. Em 1913, Luís E. Valcárcel fundou o Instituto Histórico de Cusco, voltado para a proteção do patrimônio e combate ao contrabando dos objetos arqueológicos. A situação colocava em dúvida um possível retorno da expedição, nos próximos anos, visto que o apelo contra a concessão solicitada por Yale havia tomado toda a elite intelectual do Cusco. Ao mesmo tempo, o explorador sentia-se bastante envergonhado por não ter conseguido garantir à Yale a exclusividade nas escavações dos sítios arqueológicos. Apesar disso, o sucesso alcançado pela edição de abril de 1913, *In the Wonderland of Peru*, despertava o interesse de Bingham, tanto pelo espírito aventureiro, quanto pela vontade de afirmar-se enquanto um grande explorador.

Como pretendemos demonstrar, as disputas em torno de Machu Picchu envolveram expoentes da nascente arqueologia peruana, como Luís Eduardo Valcárcel e Julio Cesar Tello, quanto as querelas políticas do país. Em meio aos

conflitos ideológicos que envolviam duas correntes diferentes, tendo o presidente Augusto Leguía com medidas mais entreguistas e Guillermo Billinghurst adotando medidas mais protecionistas, também o debate acerca da preservação dos bens arqueológicos e do patrimônio histórico peruano tomou proporções para além do âmbito político. Embora Billinghurst tenha permitido a YPE transportar os objetos encontrados para New Haven, ainda assim tentou garantir meios legais que permitissem o retorno dessas peças assim que solicitado pelo Peru. Contudo, apesar desse cuidado, apenas cem anos depois os peruanos poderiam ver parte desses objetos regressarem ao seu país.

### 4.3 O retorno

De volta aos Estados Unidos, Hiram Bingham tratou com muito mais ênfase os resultados alcançados e não ressaltou a derrota de Yale em seu pedido de concessão. Bingham aproveitou a comoção que o encontro de uma suposta cidade perdida havia causado na imprensa para denunciar a maneira pouco gentil com que havia sido tratado no Peru. Algumas manchetes de jornal expunham isso claramente: “Hostilidade peruana contra cientistas chegados depois de passar por privações<sup>27</sup>”; “Ministério do Peru objeta a exploração norte-americana: o diretor da expedição de Yale teme que o descuido governamental destrua os trabalhos da cidade inca enterrada<sup>28</sup>”. Outra reportagem, mais sensacionalista, dizia “Enfrentam a morte para escavar crâneos de humanos de 60 mil anos de antiguidade: arqueólogo de Yale traz 30 crâneos e 100 cabeças de cidade inca no Peru – deixado para morrer por seus guias – e acusa ao governo latino-americano de má fé e de tentar confiscar suas amostras<sup>29</sup>”.

A estratégia empregada por Bingham foi a de colocar como tema central na imprensa a escavação de uma *cidade perdida* no Peru e o pleito em torno de seus objetos: “Argumentó que, al ser supuestamente la cuna de la civilización incaica, Machu Picchu era ‘el sitio arqueológico más importante del continente sudamericano’” (HEANEY, 2016, p. 226). Ao mesmo tempo em que Bingham

---

<sup>27</sup> “Peru Hostile to Scientists Here After Hardships” (EVENING TELEGRAM, 1912 *apud* HEANEY, 2016, p. 226).

<sup>28</sup> “Ministry of Peru Objects to American Explorations” (CHICAGO TRIBUNE, 1912 *apud* HEANEY, 2016, p. 226).

<sup>29</sup> ‘Braves Death to Dig Human Skulls 60,000 Years Old’ (CHICAGO EXAMINER, 1912 *apud* HEANEY, 2016, p. 226).

associava sua expedição com objetivos científicos, o explorador acusava o Peru de ser incivilizado ao impedir que os objetos recolhidos fossem levados aos EUA: “Nunca había escuchado de un gobierno sudamericano que ponga obstáculos a que la gente explore” (BINGHAM *apud* HEANEY, 2016, p. 226). Entretanto, assim como no Peru, a notícia provocou um pequeno debate sobre a quem deveria pertencer esses objetos:

Un periódico de Milwaukee rechazó las objeciones del Perú, aduciendo que la élite actual del Perú no era descendente ‘de los aztecas’, sino de los conquistadores. ‘No es que sean píos descendientes que claman ¡No profanarán las tumbas de nuestros ancestros!’. El *Christian Science Monitor*, que conocía la diferencia entre Perú y México, estaba en desacuerdo. El *Monitor* simpatizaba con el deseo de Perú de proteger y excavar sus propios tesoros, siempre y cuando realmente lo hicieran” (HEANEY, 2016, p. 226).

Ainda assim, Bingham teve de defender também Yale das acusações de tentar monopolizar o estudo das antigas construções. Alguns intelectuais haviam denunciado o acordo entre Bingham e o presidente do país, à revelia da legislação peruana, para instituições como Harvard e Smithsonian, além de colegas do Reino Unido e Alemanha (HEANEY, 2016). O explorador argumentava que havia tentado que a concessão abrangesse todas as instituições estadunidenses. Contudo, privadamente, Bingham admitia que os peruanos haviam percebido a importância de seus “tesouros”. Entretanto, seus colegas estadunidenses não acreditavam em suas afirmações. A maneira clandestina com que Bingham havia conseguido a posse dos objetos também dificultava um possível retorno de uma equipe científica ao Peru. Como Heaney (2016) menciona, a crítica de seus pares foi bastante forte: “[P]arece que como si hubiera cometido un crimen” (HEANEY, 2016, p. 227) escreveu Clements Markham, um famoso historiador inglês, sobre a maneira como Bingham deixou o Peru.

A disputa pelos artefatos encontrados pela YPE e retirados do país, ainda que a partir de um conchavo entre Bingham e o presidente Billinghurst, demonstrava que tanto Bingham quanto o Peru davam expressiva importância para tais objetos. Para o Peru, significam uma memória nacional, tesouros arqueológicos que atestam a grandeza da civilização que ali habitou alguns séculos antes. Para Bingham, significam, antes de tudo, a ascensão de seu nome nos meios acadêmicos enquanto um grande arqueólogo e explorador. A tomada dos objetos retirados dos sítios

escavados pela YPE e o posterior transporte desse material para ser constantemente analisado e estudado por acadêmicos estadunidenses, representava, ainda, uma vitória imperialista sobre um pequeno país sul-americano que ainda ensaiava os primeiros passos na proteção do patrimônio arqueológico.

Ainda assim, seria a publicação na revista *National Geographic* que colocaria a imagem de Machu Picchu no imaginário coletivo dos Estados Unidos. Como dito no primeiro capítulo deste trabalho, esta foi uma publicação especial, dedicada totalmente às escavações da equipe de Bingham e que, mais importante, contava com muitas imagens que aproximavam o público leitor daquela cidade inca dos andes peruanos. Desta edição foram impressos 210 mil exemplares, 75 mil a mais que a edição de setembro anterior (HEANEY, 2016). Não obstante, apesar do embate suscitado pelo retorno de Bingham aos EUA, o artigo da revista *National* não menciona em nenhum momento a disputa entre Peru e Yale pelas peças encontradas pela expedição.

A *descoberta* de Bingham também estimulou a criatividade de autores como Sir Arthur Conan Doyle, que publicou, em 1912, *O Mundo Perdido*. O romance trata da busca de um paleontólogo por uma cidade na Selva Amazônica que abrigaria, ainda no século XX, dinossauros. Outros exploradores também se inspiraram na figura de Bingham, como por exemplo, o coronel Percy Fawcett, que buscou pela Cidade de Z na Amazônia brasileira. Em 1925 Fawcett desapareceu durante uma expedição pela floresta. Também Theodore Roosevelt, por quem Bingham tinha grande admiração, participou de uma expedição pela Amazônia, quando, juntamente com o coronel Cândido Mariano da Silva Rondon mapearam o Rio da Dúvida.

No entanto, ao mesmo tempo em que a América do Sul se tornava um destino de aventuras para estadunidenses e europeus, também alguns exploradores se aproveitavam do encontro de Machu Picchu para declarar que haviam encontrado suas próprias cidades perdidas. Um destes foi o explorador britânico J. Campbell Besley, que declarou ao *New York Times* ter encontrado não uma, mas sim três cidades perdidas incaicas nas selvas onde nenhum homem branco havia pisado antes (HEANEY, 2016). Além das cidades, Besley declarou que também havia encontrado “[...] los fémures y caderas de dos exploradores supuestamente ‘asesinados y consumidos por caníbales’” (HEANEY, 2016, p. 232). De acordo com o explorador, ele começou a explorar a partir de onde Bingham havia parado.

Embora Bingham tenha percebido se tratar de uma fraude de Besley, sentiu-se ameaçado. Ao mesmo tempo, Gilbert Grosvenor encorajava Bingham a retornar ao Peru para continuar suas escavações:

El editor puso el dinero de *National Geographic* a su disposición para un retorno de no uno, sino dos años de trabajo continuo en Perú. A cambio, Bingham prometió dos artículos espléndidos más y despachos mensuales que *National Geographic* podría transmitir a la prensa (HEANEY, 2016, p. 233).

Para conseguir retornar ao Peru, apesar de sua saída pouco triunfal e dos insucessos de sua última viagem, Bingham planejou uma expedição em duas fases. Durante a primeira fase, em 1914, uma equipe de seis homens viajaria para o Peru com o objetivo de fazer um “trabajo de prospección y mapeo de las ruinas” (HEANEY, 1016, p. 233). Em 1915, Bingham então viajaria e se uniria à essa primeira equipe. A proposta de Bingham era a de anunciar a criação de uma “[...] escuela o centro arqueológico semipermanente cerca del Cusco, donde peruanos y estadounidenses podrían investigar codo a codo, y donde permanecerían los descubrimientos de Yale” (HEANEY, 2016, p. 233).

Enquanto isso, no Peru, um golpe de estado conservador e militar havia destituído o presidente Billinghurst e permitia que Yale pudesse retornar e escavar nos sítios peruanos, sempre e quando a equipe obtivesse uma autorização de Lima. Esta era uma boa notícia para Bingham, já que poderia retornar ao país para continuar sua exitosa expedição de 1912. Alguns dias antes da primeira parte da equipe partir, Bingham ditou uma longa carta para um membro do Instituto Histórico de Lima:

Bingham explicó las acciones pasadas de Yale y sugirió que el Perú interpretara la cláusula que prohibía la exportación de objetos ‘de manera liberal, para promover que vayan exploradores y gasten dinero en el país y que hagan el tipo de trabajo que el Perú le gustaría hacer, pero que probablemente no puede costear sino hasta de algunos años’. La mejor solución sería la que se propuso dos años antes: que el museo peruano y la expedición extranjera escogieran los objetos por turnos (HEANEY, 2016, p. 234).

Ele afirma na missiva que não possui interesse em construir um museu de objetos peruanos nos Estados Unidos, ainda que estivesse “[...] muy ansioso por tener el material arqueológico donde pueda ser estudiado, y esa fue mi principal preocupación al traer el material de Machu Picchu” (BIGHAM *apud* HEANEY, 2016,

p. 234). Além disso, o explorador ainda menciona que tinha o interesse de devolver os objetos de Machu Picchu ao Peru: “Ahora que ya casi hemos completado nuestros estudios tengo la intención de mandar piezas sueltas de vuelta al Perú” (BINGHAM *apud* HEANEY, 2016, p. 234). Entretanto, o historiador chama a atenção para o fato de que, ao traduzir sua carta para o espanhol, Bingham não incluiu as passagens referentes à devolução de objetos nem o interesse de Yale em construir um museu. De acordo com Heaney (2016), o motivo pelo qual Bingham omite essas duas partes de sua carta final é a oferta de compra de uma coleção de antiguidades americanas. Enquanto a primeira equipe da expedição explorava a geografia do Peru, Bingham compraria a coleção e a enviaria contrabandeada para New Haven, a fim de garantir material para o museu Peabody de Yale.

Posteriormente analisaremos as duas reportagens, de fevereiro de 1915 e maio de 1916, provenientes dessa segunda expedição. Entretanto, é importante entender o contexto que o Peru enfrentava quando do retorno da YPE, em 1914. A controvérsia após a oferta de uma concessão de trabalho a Yale, o tema acerca da proteção do patrimônio peruano e das escavações sem autorização passaram a ser evidenciados. Em fevereiro de 1913 a associação de estudantes da Universidad del Cusco denunciou o saque da fortaleza de Sacsayhuamán, e em abril daquele mesmo ano, o *El Comercio* denunciou um inglês que estava leiloando, em Londres, uma coleção de 750 objetos que havia retirado de *huacas* do norte do Peru. É dentro desse contexto de acirramento e tentativa de maior controle sobre os objetos incaicos, que Tomás Alvistur, um rico colecionador, procurou Bingham para oferecer-lhe uma coleção de 366 objetos: “Algunos habían sido extraídos de tumbas o ruinas incaicas; los demás los había comprado de indios o vendedores en la ciudad (HEANEY, 2016, p. 235).

A proposta de Alvistur era a de vender a coleção por cerca de 2200 libras, convertendo para a cotação atual, algo em torno de 240 mil dólares (HEANEY, 2016, p. 236). Para Alvistur esse era um preço razoável, uma vez que os objetos incaicos estavam cada mais raros no Peru e essa escassez aumentava sua procura. Além disso, Alvistur também esclareceu que deveria subornar os funcionários das aduanas, para que deixassem passar os caixotes: “[...] Tendría que ofrecer a los funcionarios de aduanas ‘una fuerte suma a fin de que la dejen pasar, pues que como Ud. sabe está prohibida la exportación de objetos antiguos” (HEANEY, 2016, p. 236). Bingham fez uma contraoferta 1500 libras, mais de 160 mil dólares atuais.

Em finais de maio de 1914 o acordo foi concluído entre Bingham e Alvistur e no final de setembro daquele mesmo ano o explorador recebeu as caixas referentes a este material. Segundo Heaney (2016), os objetos da coleção de Alvistur eram mais finos que os que Bingham havia escavado em Machu Picchu. Uma peça em especial, uma jarra particularmente bela, havia chamado a atenção do explorador durante sua visita ao museu particular de Alvistur, em 1912. A jarra media 21,5 centímetros, a asa e a borda eram de cor vermelha, a parte dianteira possuía desenhos em treliça, diagonais e círculos negros e vermelhos, sobre um fundo amarelo, adquirida por Alvistur de Lizárraga, o “primeiro descobridor” de Machu Picchu.

Hiram Bingham acreditava que o espólio incaico retirado de Machu Picchu estaria seguro e melhor guardado se estivesse sob os cuidados de Yale. Quando o explorador terminou de receber as caixas contendo os objetos enviados por Alvistur, agradeceu ao agente de transporte pela ajuda em fazer de Yale “[...] un lugar *eficiente* donde aprender sobre em Perú antiguo y moderno” (HEANEY, 1916, p. 238, grifo do autor). É essa mesma justificativa que Yale dará, quase cem anos depois, ao se recusar a devolver os objetos retirados do Peru.

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em 2010, após quase um século da “descoberta” de Machu Picchu, os artefatos levados por Hiram Bingham, foram devolvidos ao Peru pela Universidade de Yale. Após longas tratativas da Universidade de Yale, que resguardava esses objetos, e o Governo do Peru, esse material pode voltar para casa. Contudo, ainda que esse seja, de fato, um final feliz, a história segue sendo tensionada.

A devolução só ocorreu após um acordo entre as partes envolvidas pela cedência dos objetos que se encontravam expostos no Museu Peabody de Yale ou resguardados nos arquivos da universidade. Pela devolução, o governo peruano acordou em manter um museu onde esses objetos pudessem estar ao alcance de pesquisadores e turistas, além de ser criado o Centro Internacional para o Estudo de Machu Picchu e da Cultura Inca, em colaboração com a Universidade de Yale. O Museu Casa Concha, foi, assim, escolhido para receber e resguardar os objetos retirados pela YPE. O museu fica em uma antiga casa colonial, que foi erguida sobre a Puka Marka, a antiga residência do Inca Tupac Yupanqui.

No entanto, apesar de celebrar o retorno dos objetos retirados pela YPE, o museu segue o mesmo discurso da revista *National Geographic* e do explorador Hiram Bingham, que discutimos neste trabalho. Conforme Decoster (2022) o museu apresenta um diorama de Bingham trabalhando nas escavações do sítio, reforçando a ideia de que Bingham e sua equipe “descobriram” Machu Picchu. Do mesmo modo, a voz dos computadores que interage com os visitantes se apresenta como “Hiram Bingham”. Isso só confirma o que discutimos neste trabalho: que o discurso “oficial” difundido por Bingham e a *National* segue sendo propagado. Assim, conforme Decoster (2022), o discurso apresentado pelo Museu Casa Concha é o mesmo, ainda, da primeira edição da revista *National* que apresentou Machu Picchu para o mundo: Hiram Bingham é seu descobridor.

Ao longo deste trabalho, percebemos que o a revista apresentou o Peru e sua população como atrasados e pobres, com o objetivo de justificar uma presença estadunidense na região, seja de maneira “neutra” e “subjativa”, como o caso de cientistas e pesquisadores, seja de maneira mais intensa, a partir da interferência direta do governo norte-americano na política de países latino-americanos. As fotografias utilizadas pela revista exploravam o “exótico” da população peruana e

ajudavam a criar uma imagem do Peru enquanto um país pobre, atrasado, justificando, assim, a presença estadunidense.

Apesar de as fotografias parecerem apenas ilustrativas, sabemos que elas desempenhavam a função de apresentar o país para seu público leitor, reforçando estereótipos existentes, como é o caso da que apresenta uma indígena com suas vestes típicas, evidenciando seu “atraso”<sup>30</sup> quando comparada aos estadunidenses, sinônimos de modernidade. Da mesma forma, as imagens captadas como tradutoras de traços característicos da população peruana, como por exemplo, uma “típica mulher indígena peruana”, “típica praça peruana”, produzem o exótico que será explorado exaustivamente. Poole (2002) apresenta o termo economia visual para discutir como essas imagens sintetizam relações sociais e de poder. Ao mesmo tempo, essas imagens circulam para fora das fronteiras e continuam reproduzindo e reforçando estereótipos sobre o Peru e sua população.

As imagens presentes nas edições da *National* traduzem o que Mizan (2011) chamou de “inventário do mundo”, produzindo conhecimento sobre o “resto do mundo” para seus leitores. Essas imagens estão associadas ao poder, uma vez que estão relacionadas ao discurso da revista que, por sua vez, são referenciais de outras culturas para seus leitores. Ao mesmo tempo, ao apresentar diferentes pessoas e lugares, os categoriza, produzindo uma escala entre civilizados e não civilizados, ou subalternos, enxergando-os como menos civilizados e mais exóticos.

Os estereótipos explorados pela revista nada têm de novo para o público leitor estadunidense. Conforme Feres Jr. (2005), desde o século XIX os Estados Unidos representam seus vizinhos do sul como incapacitados, inaptos, selvagens, antiquados, pobres, preguiçosos, atrasados e rudes, em uma clara comparação com os estadunidenses, estes fortes, inteligentes, progressistas, trabalhadores. Como Feres Jr, argumentou, essa construção de pares assimétricos permitiu que os Estados Unidos representassem e referendassem suas intervenções na América Latina.

Ao mesmo tempo em que apresenta os países latino-americanos para o público leitor estadunidense, a revista *National* também expõe as potencialidades que poderiam ser exploradas, tanto por empresas privadas quanto pelo próprio governo norte-americano. A ação de cientistas e pesquisadores de diversas áreas

---

<sup>30</sup> Ver Figura 10, na página 55.

contribuíram para que a América do Sul pudesse ser apreendida pelos estadunidenses, pois ainda que distantes geograficamente, a aproximação e o interesse científico permitiam aos EUA permanecerem vigilantes.

Nesse sentido, os interesses econômicos e científicos coincidiam e permitiram que pesquisadores de diversas áreas – história, arqueologia, geografia, etc. – transformassem a América do Sul em um laboratório a céu aberto (SALVATORE, 2016). Sintonizada com esses interesses, a *National* passa a apresentar países sul-americanos em suas reportagens, destacando suas potencialidades e possibilidades de consumo, tanto para o público leitor estadunidense quanto para empresas privadas, além do governo norte-americano. Dessa forma, da mesma maneira que os viajantes naturalistas do século XVIII, a YPE constrói discursos científicos sobre o Peru e suas gentes, valendo-se da retórica da anticonquista (PRATT, 1999).

As imagens também permitiram a Bingham coletar evidências de sua “descoberta”. E compartilhá-la com um país inteiro. Como Hall (2020) argumenta, as imagens de Machu Picchu são a evidência e a descoberta, pois é a partir delas que se possibilita a construção de toda a narrativa acerca de Machu Picchu. As imagens presentes na edição *In the Wonderland of Peru* retratam o sítio como abandonado, esquecido, com densa vegetação crescendo sobre as construções, aferindo assim a intenção de Bingham de apresentá-lo como desconhecido pela população peruana, o que não confere com a realidade. Essa aura de abandono presente nas fotografias das construções alude às ruínas clássicas romanas e gregas, remetendo também a um glorioso passado incaico, que se encontra esquecido.

Apesar da narrativa de esquecimento – e posterior descoberta por parte da YPE – ter se estabelecido como verdadeira, vimos que a *llacta* de Machu Picchu era conhecida por boa parte da população de Cusco. Inclusive tendo Bingham recebido o auxílio de moradores da região para encontrar sítios que pudessem ser escavados. Além disso, o explorador obteve a ajuda de locais, como por exemplo de Carlos A. Romero, funcionário da Biblioteca Nacional do Peru, que fornece a Bingham informações sobre viajantes anteriores que haviam percorrido a região do Vale do Urubamba, além de mapas que datavam do XIX e que já apontavam para a existência de antigas construções.

Ainda assim, a presença da equipe de Bingham é justificada, no Peru, por um discurso científico, que fornece argumentos para permitir que a equipe não apenas escave no país – o que demandava autorização para frear a ação de caçadores de

tesouros – mas também que leve, para a Universidade de Yale, o material encontrado ao longo das escavações. Um dos argumentos utilizados é o de que o país não dispunha de recursos para estudar e resguardar este material. Além disso, também há o argumento de que não havia pesquisadores competentes para estudar antiguidades andinas no Peru. Esse argumento é bastante refutável, uma vez que Julio Cesar Tello, um proeminente estudante de Medicina que desenvolvia estudos a partir de escavações por sítios arqueológicos da região, havia solicitado a Bingham para participar da equipe de trabalho do explorador. No entanto, seu pedido foi ignorado. Posteriormente, Tello se firmou como um importante arqueólogo peruano.

Nesse sentido, entendemos que os argumentos utilizados por Bingham, e pela revista *National*, sustentam-se em sua autoridade científica, enquanto sujeitos oriundos de uma cultura hegemônica. Acreditamos que, da mesma forma que Pratt (1999) refere-se aos viajantes dos séculos XVIII e XIX, é a autoridade urbana, letrada e masculina que justifica a presença de Hiram Bingham e sua equipe no país. Assim, ao representar o país enquanto atrasado e pobre em suas páginas, a revista referenda a presença da YPE no Peru e inventa, assim, uma cidade perdida redescoberta pela ciência.

## REFERÊNCIAS

- ARREGUI, Frederico Álvarez. *El debate del Nuevo Mundo*. In: PIZARRO, Ana (Org.). América Latina: **Palavra, Literatura e Cultura**. São Paulo: Memorial; Campinas: UNICAMP, 1994. p. 35-66.
- BAITZ, Rafael. FOTOGRAFIA E NACIONALISMO: A Revista The National Geographic Magazine e a Construção da Identidade Nacional Norte-Americana (1895-1914). *Revista de História*, São Paulo, n. 153, p. 225-250. Dez. 2005. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/revhistoria/article/view/19011/21074>. Acesso em: 13 mai. 2021.
- BAITZ, Rafael. **Imagens da América Latina na revista**: The National Geographic Magazine (1895-1914). 2004. Tese (Doutorado em História) – Programa de Pós-Graduação do Departamento de História da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2004.
- BINGHAM, Hiram. **Across South America**. Cambridge: The Riverside Press, 1911.
- BINGHAM, Hiram. **La Ciudad perdida de los Incas**. Lima: PeruBook, 2010.
- DECOSTER, Jean-Jacques. *Museología de un retorno imperfecto*: la colección Machu Picchu en el Museo Casa Concha. *Revista de Arqueología Americana*, [s.l.], v. 40, p. 89-132, 2022.
- DÍAZ, Miguel Aguilar. *Entre diálogos y repatriaciones*. Reparación colonial por la memoria y preservación de Machu Picchu. *Antípoda revista de Antropología y Arqueología*. N. 12, Bogotá, p. 211-234, Jan-Jun 2011.
- ESPINOZA, Javier Flores. La mirada imperial: Bingham y Machu Picchu. *Historica*, [s. l.], XLIII.1, p. 157-166. 2019. Disponível em: <http://revistas.pucp.edu.pe/index.php/historica/article/view/21338>. Acesso em: 20 maio 2021.
- FERRES JÚNIOR, João. **A história do conceito de “Latin America” nos Estados Unidos**. Bauru: EDUSC, 2005.
- GÓMEZ, Leila. **Iluminados y transfugas**: relatos de viajeros y ficciones nacionales em Argentina, Paraguay y Perú. Madrid: Iberoamericana; Frankfurt am Main: Vervuert, 2009.
- GÓMEZ, Leila. Machu Picchu reclamada: viajes y fotografías de Hiram Bingham, Abraham Guillén y Martín Chambi. *Revista Iberoamericana*. [S. l.], n. 220, v. 78, p. 497-513, jul./set. 2007. Disponível em: <https://revistaiberoamericana.pitt.edu/ojs/index.php/Iberoamericana/article/view/534>. Acesso em: 25 maio 2021.
- GREENBLATT, Stephen. **Possessões maravilhosas**: o deslumbramento do novo mundo. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1996.

HALL, Amy Cox. **Inventando una ciudad perdida**: ciencia, fotografía y la leyenda de Machu Picchu. Lima: Instituto de Estudios Peruanos, 2020. E-book.

HEANEY, Christopher. **Las tumbas de Machu Picchu**. La historia de Hiram Bingham y la búsqueda de las últimas ciudades de los Incas. Lima: Fondo Editorial de la Pontificia Universidad Católica del Perú, 2012.

ISAZA, Oscar Calvo. Conocimiento desinteresado y ciencia americana. El Congreso Científico (1898-1916). *Historia Critica*, Bogotá, n. 45, p. 86-113, setembro-dezembro de 2011.

JOSEPH, Gilbert M. *Close Encounters: Toward a New Cultural History of US*. – Latin American Relations. In. JOSEPH, Gilbert M.; LEGRAND, Catherine C.; SALVATORE, Ricardo D. (org.). **Close Encounters of Empire**: Writing the cultural history of U.S – Latin American relations. Duke: Duke University Press, 1998. p. 3-47.

LÓPOEZ-LENCI, Yasmín. *Memoria y globalización de una huaca en el Perú*: los inicios de la iconización de Machu Picchu (1910-1915). *Temas de Nuestra América*. v. 37, n. 70, p. 1-35, Jul-Dez. 2021.

MACHADO, Maria Helena Pereira Toledo. PRATT, Mary Louise. Os olhos do império: Relatos de viagem e transculturação. *Revista Brasileira de História*, São Paulo, v. 20, n. 39, p. 281-289, 2000. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbh/a/gqY4JXsyFFpWXd4MZc3BbkG/?lang=pt>. Acesso em: 19 maio 2021.

MIZAN, Suzana. **National Geographic**: Visual and Verbal Representations of Subaltern Cultures Revisited. Tese de Doutorado (USP). 2011.

PEASE, Mariana Mould de. **Machu Picchu**: un rompecabezas para armar. *Revista Andina*. [s. l.], n. 41, p. 199-220. 2005. Disponível em: <http://revista.cbc.org.pe/index.php/revistaandina/article/download/322/304/>. Acesso em: 26 mai. 2021.

POOLE, Deborah. *Landscape and the Imperial Subject*: US. Images of the Andes, 1859-1930. In. JOSEPH, Gilbert M.; LEGRAND, Catherine C.; SALVATORE, Ricardo D. (org.). **Close Encounters of Empire**: Writing the cultural history of U.S – Latin American relations. Duke: Duke University Press, 1998. p. 107-138.

POOLE, Deborah. **VISIÓN, RAÇA Y MODERNIDAD**: Una economía visual del mundo andino de imágenes. Lima: Sur Casa de Estudios del Socialismo, 2000.

POOLE, Deborah. **Visión, Raza y Modernidad**: Una economía visual del mundo andino de imágenes. Lima: Sur Casa de Estudios del Socialismo, 2000.

PRATT, Mary Louise. **Os olhos do Império**: relatos de viagem e transculturação. Bauru: EDUSC, 1999.

ROWE, John H. Machu Picchu a la luz de documentos de siglo XVI. *Historica*, California, n.1, v. XIV, p. 139-154. jul. 1990. Disponível em:

<http://revistas.pucp.edu.pe/index.php/historica/article/view/8813>. Acesso em: 28 mai. 2021.

SAID, Edward W. **Orientalismo**: o Oriente como invenção do Ocidente. São Paulo:

SALVATORE, Ricardo D. *The Enterprise of Knowledge: Representational Machines of Informal Empire*. In. JOSEPH, Gilert M.; LEGRAND, Catherine C.; SALVATORE, Ricardo D. (org.). **Close Encounters of Empire**: Writing the cultural history of U.S – Latin American relations. Duke: Duke University Press, 1998. p. 69-104.

SALVATORE, Ricardo. **Disciplinary Conquest**: U.S. scholars in South America, 1900-1945. Durham; London: Duke University Press, 2016.

SUPPO, Hugo Rogério. CIÊNCIA E RELAÇÕES INTERNACIONAIS: O congresso de 1905. Revista da SBHC, [S.l.], n. 1, p. 6-20, 2003.

THE NATIONAL GEOGRAPHIC MAGAZINE: in the wonderland of Peru. In: National Geographic Society, Washington, v. 24, n. 4, Apr. 1913. Disponível em: [https://natgeo.gale.com/natgeo/archive/CoversDetailsPage/CoversDetailsWindow?disableHighlighting=false&displayGroupName=NatGeoCovers&currPage=&scanId=&query=&docIndex=&source=&prodId=NGMA&search\\_within\\_results=&p=NGMA&mod=view&catId=&u=capesnatgeo&limiter=&displayquery=&displayGroups=&contentModules=&action=e&sortBy=&documentId=GALE%7CTVAMGI925547844&windowstate=normal&activityType=&failOverType=&commentary=](https://natgeo.gale.com/natgeo/archive/CoversDetailsPage/CoversDetailsWindow?disableHighlighting=false&displayGroupName=NatGeoCovers&currPage=&scanId=&query=&docIndex=&source=&prodId=NGMA&search_within_results=&p=NGMA&mod=view&catId=&u=capesnatgeo&limiter=&displayquery=&displayGroups=&contentModules=&action=e&sortBy=&documentId=GALE%7CTVAMGI925547844&windowstate=normal&activityType=&failOverType=&commentary=). Acesso em: 4 out. 2020.

THE NATIONAL GEOGRAPHIC SOCIETY: Further Explorations in the Land of the Incas by National Geographic Society. In National Geographic Society, Washington, v. 29, n 5, May. 1916. p. 431-473.

THE NATIONAL GEOGRAPHIC: Explorations in Peru. In National Geographic Society, Washington, v. 23, n. 4, Apr. 1912. p. 417-422.

THE NATIONAL GEOGRAPHIC: The Story of Machu Picchu: The National Geographic Society-Yale University Explorations in Peru. In National Geographic Society, Washington, v. 27, n. 2, Feb. 1915. p. 172-217.

